



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

***IAIÁ GARCIA DE MACHADO DE ASSIS EM INGLÊS – O
PAPEL DOS TRADUTORES NA TRADUÇÃO DOS
MARCADORES CULTURAIS PARA O MUNDO ANGLO-
AMERICANO***

ADRIANA MAYUMI IWASA BRACCINI

BRASÍLIA/ DF

2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD

IAIÁ GARCIA DE MACHADO DE ASSIS EM INGLÊS – O
PAPEL DOS TRADUTORES NA TRADUÇÃO DOS
MARCADORES CULTURAIS PARA O MUNDO ANGLO-
AMERICANO

ADRIANA MAYUMI IWASA BRACCINI

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA
AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a VÁLMI HATJE-FAGGION

BRASÍLIA/ DF

2022

IWASA BRACCINI, Adriana Mayumi. *Iaiá Garcia de Machado de Assis em inglês – o papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano*. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2022, 151f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

IB796i Iwasa Braccini, Adriana Mayumi
Iaiá Garcia de Machado de Assis em inglês – o papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano / Adriana Mayumi Iwasa Braccini; orientador Válmi Hatje-Faggion. -- Brasília, 2022.
151 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução)
Universidade de Brasília, 2022.

1. Estudos da Tradução. 2. Machado de Assis. 3. Iaiá Garcia. 4. Marcadores culturais. 5. Tradutor. I. Hatje Faggion, Válmi, orient. II. Título.

BRASÍLIA/ DF

2022

ADRIANA MAYUMI IWASA BRACCINI

**IAIÁ GARCIA DE MACHADO DE ASSIS EM INGLÊS – O PAPEL DOS
TRADUTORES NA TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS PARA O
MUNDO ANGLO-AMERICANO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução, da
Universidade de Brasília.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Válmi Hatje-Faggion (POSTRAD/UnB)
(Orientadora)

Prof. Dr. Henryk Siewierski (POSTRAD/POSLIT/UnB)
(Examinador interno)

Prof.^a Dr.^a. Juracy Ignez Assmann Saraiva (Universidade FEEVALE)
(Examinadora externa)

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho (POSTRAD/UnB)
(Suplente)

À minha família

AGRADECIMENTOS

Ao Mario, por toda paciência, incentivo e apoio, com esse meu desejo de mudar de vida e voltar à academia, depois de quase 20 anos em meio às leis e aos números.

À minha orientadora, professora Dr^a. Válmi Hatje-Faggion, por todas as conversas, conselhos, e, principalmente, por dividir comigo todo o seu conhecimento sobre Machado de Assis, suas obras e suas traduções, e por me permitir realizar o sonho que tinha há muito tempo de me aprofundar no estudo do romance *Iaiá Garcia*.

À professora Dr^a. Alessandra Ramos de Oliveira Harden, por me dar coragem para me inscrever no processo de seleção do mestrado em estudos da tradução, e por me fazer acreditar que eu podia vencer esse desafio.

À minha amiga Gardênia, que sempre me incentivou, me apresentou livros e bibliotecas, me fez conhecer melhor a UnB e a Asa Norte, e a quem sempre digo que foi umas das principais responsáveis por eu ter ingressado nesse mestrado, pelo apoio constante.

À minha amiga Marília, simplesmente por ser quem ela é, uma amiga sempre disposta a ajudar, incentivar e chorar junto, mas principalmente por estar presente.

Finalmente, agradeço a todos os professores, funcionários e colegas do POSTRAD. Foi uma experiência única e desafiadora, principalmente por passarmos por isso em um momento de pandemia (que já entra no terceiro ano), isolados em nossas casas, sem podermos nos encontrar e estar juntos. Mas que nos permitiu, por vias tortas, dividir anseios e multiplicar conhecimentos.

RESUMO

Iaiá Garcia (1878) é o quarto e último romance escrito por Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) em sua fase romântica, sendo considerada uma obra de transição para a fase realista, na qual ele escreveu seus títulos mais conhecidos. *Iaiá Garcia* concentra os principais temas abordados pelo autor em suas outras obras dessa primeira fase (SCHWARZ, 2000), como por exemplo, a descrição da dinâmica das relações sociais entre os indivíduos do Rio de Janeiro, capital do Brasil Império, e apresenta indícios de algumas características pelas quais Machado de Assis ficaria conhecido, como o pessimismo e a produção de uma crítica social em relação ao paternalismo, externada em *Iaiá Garcia* com a representação do papel do favor e dos agregados na sociedade brasileira. *Iaiá Garcia* tem duas traduções para o inglês: uma, com o título de *Yayá Garcia*, publicada em 1976, pela Peter Owen, no Reino Unido, feita por Robert L. Scott-Bucleuch, e outra, intitulada *Iaiá Garcia*, publicada em 1977, pela The University Press of Kentucky, nos Estados Unidos da América (EUA), elaborada por Albert I. Bagby Jr. Esta dissertação tem como objetivo realizar um estudo descritivo e comparativo dessas duas traduções da obra do português para o inglês com o seu correspondente em português, com o fim de investigar similaridades e diferenças na forma com que os marcadores culturais (AUBERT, 2006) presentes nessa obra, agrupados nos seguintes quatro tópicos – paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas –, são traduzidos pelos dois tradutores, bem como identificar se os aspectos sociais presentes nesses marcadores são transpostos para o mundo anglo-americano. Para esta análise será utilizado o esquema teórico-metodológico de descrição literária de José Lambert e Hendrik van Gorp (1985), composto de quatro etapas: dados preliminares, macroestrutura, microestrutura e contexto sistêmico. Para o entendimento dos aspectos sociais do romance serão considerados autores como Schwarz (2000), Candido (1970), Bosi (1999) e Faoro (1974). Os dados obtidos apontam que os marcadores culturais foram efetivamente traduzidos na sua superficialidade, porém sem que os significados mais profundos que envolvem o entendimento das relações sociais no Brasil Império fossem explicitados. Com base nas teorias de (in)visibilidade do tradutor de Venuti (1995) e dos métodos de tradução de Schleiermacher (2011), verifica-se que, em relação às suas escolhas tradutórias, Albert Bagby Jr. tende a ser mais estrangeirizador, enquanto Robert Scott-Bucleuch tende a ser mais domesticador. Entretanto a crítica social feita por Machado de Assis não foi transmitida totalmente ao leitor do texto de chegada, nem mesmo pelo tradutor com tendências mais estrangeirizadoras.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Machado de Assis. *Iaiá Garcia*. Marcadores culturais. Tradutor.

ABSTRACT

Iaiá Garcia (1878) is the fourth and last novel written by Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) in his Romanticism phase, being considered a transitional work to the Realism phase in Brazil, in which he wrote his best-known titles. *Iaiá Garcia* concentrates the main themes addressed by the author in his other works from this first phase (SCHWARZ, 2000), such as the description of the dynamics of social relations between individuals in Rio de Janeiro, capital of Brazil Empire, and presents evidence of some characteristics for which Machado de Assis would become known, such as pessimism and the production of social criticism in relation to paternalism, expressed in *Iaiá Garcia* with the representation of the role of “favor” and “agregados” in Brazilian society. *Iaiá Garcia* has two English translations: one, *Yayá Garcia*, published in 1976, by Peter Owen, in the United Kingdom, and translated by Robert L. Scott-Buccleuch, and another, *Iaiá Garcia*, published in 1977, by The University Press of Kentucky, in the United States of America (USA), and rendered by Albert I. Bagby Jr. This dissertation aims to carry out a descriptive and comparative study of these two translations of *Iaiá Garcia* from Portuguese into English with its corresponding counterpart in Portuguese, in order to investigate similarities and differences in the way the cultural markers (AUBERT, 2006) present in this work, grouped into the following four topics: paternalism, forms of treatment, meals, and idioms, were translated by the two translators, as well as identify whether the social aspects present in these markers were transposed to the Anglo-American world. For this analysis, the theoretical-methodological scheme of literary description by José Lambert and Hendrik van Gorp (1985), consisting of the following four stages: preliminary data, macrostructure, microstructure and systemic context, is used. To understand the social aspects of the novel, authors such as Schwarz (2000), Candido (1970), Bosi (1999) and Faoro (1974) are considered. The data obtained show that the cultural markers were effectively translated in their superficiality, however without having the deeper meanings which involve the understanding of social relations in Empire Brazil made explicit. Based on Venuti's (1995) theories of translator's (in)visibility and Schleiermacher's (2011) translation methods, it appears that Albert Bagby Jr., tends to use more the foreignization in his translation choices while Robert Scott-Buccleuch tends to use more domesticating strategies in his translation. However, the social criticism made by Machado de Assis was not fully transmitted to the reader of the target text, not even by the translator with more foreign tendencies.

Keywords: Translation Studies. Machado de Assis. *Iaiá Garcia*. Cultural Markers. Translator.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Capa de <i>O Cruzeiro</i> de 04/01/1878	50
FIGURA 2: Contracapa da 1ª. edição de <i>Iaiá Garcia</i>	50
FIGURA 3: Capa de <i>Yayá Garcia</i> , tradução de Scott-Bucleuch (1976) – edição impressa pela Amazon em 2019	62
FIGURA 4: Capa de <i>Iaiá Garcia</i> , tradução de Bagby Jr. (1977) – exemplar físico	62

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Comparativo dos dados preliminares das traduções para o inglês de <i>Iaiá Garcia</i>	61
QUADRO 2: Edições de <i>Iaiá Garcia</i> , em português.....	63
QUADRO 3: Traduções para o inglês de “filha de criação”	76
QUADRO 4: Traduções para o inglês de “homem de confiança”	78
QUADRO 5: Traduções para o inglês de “servilidade”	84
QUADRO 6: Marcadores culturais: formas de tratamento selecionadas.....	88
QUADRO 7: Marcadores culturais: refeições	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 Os Estudos da Tradução	19
1.1.1 Os Estudos Descritivos da Tradução	20
1.1.2 Cultura e Polissistemas	21
1.1.3 Esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp	23
1.2 Os estudos <i>do/sobre</i> o tradutor	26
1.3 O sistema literário e o sistema de literatura traduzida	29
1.4 Múltiplas traduções	31
1.5 Estilo e tradução	32
1.6 Paratextos/ Textos suplementares	35
1.7 A tradução de marcadores culturais	36
1.7.1 Marcadores culturais.....	37
1.7.2 Procedimentos de tradução e os marcadores culturais	39
1.7.3 Traduzindo marcadores culturais: a questão do paternalismo	40
1.7.4 Traduzindo marcadores culturais: formas de tratamento.....	41
1.7.5 Traduzindo marcadores culturais: refeições	43
1.7.6 Traduzindo marcadores culturais: expressões idiomáticas	44
2 MACHADO DE ASSIS E <i>IAIÁ GARCIA</i>	47
2.1 Joaquim Maria Machado de Assis – vida e obra	47
2.2 <i>Iaiá Garcia</i>	50
2.2.1 O enredo de <i>Iaiá Garcia</i>	51
2.2.2 Análise crítica: o “favor” e os “agregados”	51
3 <i>IAIÁ GARCIA</i> EM INGLÊS: ANÁLISE DA TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS E DO PERFIL DOS TRADUTORES	56
3.1 Os dois tradutores de <i>Iaiá Garcia</i>	58
3.1.1 O tradutor escocês Robert Lascelles Scott-Buccleuch	58
3.1.2 O tradutor estadunidense Albert Ian Bagby Jr.	59
3.2 Esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp	60

3.2.1	Dados preliminares	61
3.2.2	Macroestrutura	67
3.2.3	Microestrutura	73
3.2.3.1	<i>Marcadores culturais: a questão do paternalismo</i>	75
3.2.3.2	<i>Marcadores culturais: Formas de tratamento</i>	88
3.2.3.3	<i>Marcadores culturais: Refeições</i>	102
3.2.3.4	<i>Marcadores culturais: expressões idiomáticas</i>	109
3.2.4	Contexto sistêmico	118
3.2.4.1	<i>A recepção e os leitores de Iaiá Garcia</i>	119
3.2.4.2	<i>As críticas à Machado de Assis e Iaiá Garcia</i>	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
	REFERÊNCIAS	133
	APÊNDICES	142
	APÊNDICE A – QUADRO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES DO TERMO “FAVOR”	142
	APÊNDICE B – QUADRO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES DO TERMO “OBSÉQUIO” E SUAS DERIVAÇÕES	145
	APÊNDICE C – FRASES REPRESENTATIVAS DO PATERNALISMO EM IAIÁ GARCIA	148

INTRODUÇÃO

“O olho que só reflete é espelho, mas o olhar que sonda e perscruta é foco de luz. O olhar não decalca passivamente, mas escolhe, recorta e julga as figuras da cena social mediante critérios que são culturais e morais, saturados portanto de memória e pensamento.”
(BOSI, 1999, p. 48).

Joaquim Maria Machado de Assis (21/06/1839 - 29/09/1908) é uma unanimidade nacional, considerado um dos grandes, se não o maior, escritores brasileiros de todos os tempos, e seu reconhecimento no exterior tem aumentado consideravelmente neste início de século XXI, principalmente desde o centenário de sua morte, em 2008. Os romances e contos do escritor têm sido traduzidos, desde os anos de 1950, para diversas línguas ao redor do mundo, como o inglês, o espanhol, o francês, o catalão e o romeno, de acordo com o levantamento do *UNESCO Index Translationum*.¹ Hatje-Faggion (2015), em estudo pioneiro, listou as traduções para o inglês dos romances de Machado de Assis em seu livro *Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa (seis romances em múltiplas traduções)*; e essa lista segue aumentando a cada ano, em especial as obras de sua fase realista, como por exemplo *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), que em 2020 teve mais duas traduções para o inglês publicadas, porém os escritos de sua primeira fase, chamada de “romântica”, também foram traduzidos, e *Iaiá Garcia* é o principal romance dessa fase, possuindo duas traduções em inglês publicadas nos anos de 1970. Como afirma a conhecida biografista de Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira (1936, p. 182):

Já em *Iaiá Garcia* começa a aparecer o verdadeiro Machado de Assis. O tipo de Luiz Garcia, sobretudo, é traçado com uma admirável nitidez de linhas. As situações são naturais e naturalmente descritas, sem aqueles arroubos e exageros dos primeiros livros, tão fora do feitio de Machado. Se *Iaiá Garcia* ainda não é um grande romance, se lhe falta sobretudo coesão, já é de uma qualidade muito superior aos outros, porque nele já Machado se libertará do romantismo.²

Apesar de nos anos de 1960 ter havido um *boom* de escritores latino-americanos traduzidos para o inglês nos EUA, movimento que se iniciou nos anos de 1950, quando

¹ O site atualmente (abr. 2021) encontra-se em atualização.

² O texto foi ortograficamente atualizado. No original: “Já em *Yáyá Garcia* começa a aparecer o verdadeiro Machado de Assis. O tipo de Luiz Garcia, sobretudo, é traçado com uma admirável nitidez de linhas. As situações são naturais e naturalmente descritas, sem aqueles arroubos e exageros dos primeiros livros, tão fora do feitio de Machado. Se *Yáyá Garcia* ainda não é um grande romance, se lhe falta sobretudo coesão, já é de uma qualidade muito superior aos outros, porque nele já Machado se libertará do romantismo.”

Machado de Assis teve traduções das obras *Memórias póstumas de Brás Cubas* (*Epitaph of a Small Winner* – 1951; 1952),³ *Dom Casmurro* (1953)⁴ e *Quincas Borba* (*Philosopher or Dog?* – 1954),⁵ publicadas nos EUA, mesmo assim não houve o seu reconhecimento como grande representante da literatura brasileira (FITZ, 2009). Os escritores latino-americanos que se destacaram nesse período foram aqueles conhecidos por fazer literatura do tipo realismo fantástico, como o argentino Jorge Luis Borges (1889-1986), ou por escrever sobre as exoticiidades da cultura popular nacional, como o escritor baiano Jorge Amado (1912-2001). De acordo com Hatje-Faggion (2017, p. 64), Willian Grossman comentou, em entrevista realizada por Otto Schneider, concedida ao diário *A Manhã*, em 1952, que ofereceu a sua tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para diversas editoras estadunidenses no início dos anos de 1950, que a recusaram, por falta de interesse do público, até conseguir publicá-la em Nova Iorque em 1952. Segundo Fitz (2009), no período pós-guerra, os estadunidenses tenderam a olhar mais para dentro do que para fora. Porém a notoriedade de Machado de Assis parece ter se intensificado no mundo anglo-americano recentemente, com o surgimento de novas traduções de seus contos e romances, inclusive de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que teve duas novas traduções em inglês feitas em 2020, sendo que uma delas, publicada pela *Penguin Classics* nos EUA, elaborada por Flora Thompson-DeVeaux,⁶ teve a sua primeira edição esgotada⁷ já em seu lançamento, recebendo críticas elogiosas em revistas como a *The New Yorker* e *The Economist*, esta inclusive exaltando a outra tradução⁸ feita por Margaret Jull Costa e Robin Patterson. Os citados tradutores também foram os responsáveis pela tradução dos contos⁹ de Machado de Assis em 2018, que teve uma resenha feita por Thomson-DeVeaux (2019) para a revista *Machado de Assis em Linha*

Outro fato relevante sobre Machado de Assis a ser destacado é que, ao contrário dos

³ De acordo com Fitz (2009) e Hatje-Faggion (2017), William Grossman fez a primeira tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* no período em que trabalhou no Brasil (como economista) e, por conta própria, a imprimiu em São Paulo em 1951 como *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, e, posteriormente, em 1952 como *Epitaph of a Small Winner*, nos EUA. O primeiro título voltou a ser utilizado com a publicação da tradução de Gregory Rabassa em 1997.

⁴ Traduzido por Helen Caldwell.

⁵ Traduzido por Clotilde Wilson.

⁶ *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, tradução de Flora Thompson-DeVeaux, New York: Penguin Books, 2020.

⁷ A própria tradutora, Flora Thompson-DeVeaux, ao ser questionada em uma *live* na página da ABRATES no Facebook, em 22/07/2020, comenta que a editora Penguin não informa a quantidade de exemplares vendidos da edição que se esgotou em menos de 24h. A tradutora apenas informou que, naquela data, sua tradução estava na 5ª. tiragem. Disponível em: <https://www.facebook.com/Abrates/videos/922698564900065>, a menção à tiragem ocorre em 18min:35s.

⁸ *Posthumous Memoirs of Brás Cubas: a novel*, tradução de Margaret Jull Costa e Robin Patterson, New York: Liveright, 2020.

⁹ *The Collected Stories of Machado de Assis*, tradução de Margaret Jull Costa e Robin Patterson, New York: Liveright, 2018.

primeiros romances nacionais, os seus não exaltam as belezas naturais do Brasil, nem os regionalismos do Nordeste (Jorge Amado) e da floresta amazônica, por exemplo, mas, sim, descrevem a sociedade que se formava no período imperial e que haveria de se tornar o Brasil de hoje, com todos os vícios e virtudes derivados dessa época. Essa característica do escritor foi destacada por Benjamin Moser em artigo que escreveu sobre Machado de Assis para a *The New Yorker*: “Ele não estava interessado no folclore nacional. [...] Seus livros são quase que exclusivamente sobre os ricos mais ou menos ociosos do Rio de Janeiro, e este não era um Brasil que a maioria dos estrangeiros reconhecesse”¹⁰ (MOSER, 2018, p. 71, tradução nossa).

A história narrada em *Iaiá Garcia* parece ser, em princípio, uma simples história de amor, cuja protagonista seria Lina Garcia, ou Iaiá; porém esse protagonismo já é motivo de controvérsia, pois muitos críticos literários, como o próprio tradutor Albert Bagby Jr., em sua introdução, dão esse título para a madrasta de Iaiá, Estela. As duas personagens formam com Jorge, rapaz da sociedade carioca, o triângulo amoroso dessa história de amor. Entretanto, de acordo com Roberto Schwarz (2000), há uma questão social mais profunda sendo discutida no romance, que são as relações de favor e o modo de vida dos agregados, figura típica da cultura brasileira. Os personagens principais são parte da aristocracia (Valéria Gomes e seu filho Jorge), escravos e ex-escravos (Raimundo, escravo alforriado de Luís Garcia) e “homens livres” (Luís Garcia, sua filha Iaiá, e a agregada de Valéria, Estela, caricatura da pessoa livre, mas dependente, de acordo com Schwarz), que em diferentes graus dependem de favores dos poderosos. São também personagens o Sr. Antunes, pai de Estela, que vive de pequenos favores, e Procópio Dias, um tipo de novo-rico, cuja riqueza também não veio do trabalho, mas de ganhos com a Guerra do Paraguai (1864-1870) e as crises econômicas (FAORO, 1974, p. 18), que se contrapõe à Jorge, rico por herança. Todos eles são típicos representantes da população brasileira oitocentista (SCHWARZ, 2000).

Assim sendo, e tendo em vista a indiscutível posição de cânone de Machado de Assis no sistema literário brasileiro e seu crescente reconhecimento internacional, além da importância de *Iaiá Garcia* como obra de transição, a qual já sinaliza a intenção do escritor em desnudar a sociedade carioca que vivia no Rio de Janeiro, a então capital do país, é mister estudar as duas traduções desse romance para se identificar como os marcadores culturais, relacionados às interações sociais, e delimitados aqui nos seguintes quatro tópicos – (i) as relações de paternalismo, em que o autor explicita a crítica social por meio da descrição das

¹⁰ No original: “He was not interested in national folklore. [...] His books are almost exclusively concerned with the rich, more or less idle of Rio de Janeiro, and this was not a Brazil most foreigners recognized.” (MOSER, 2018, p. 71).

relações de favor e do papel dos agregados, (ii) as formas de tratamento, peculiares aos grupos sociais e à época descrita, (iii) as refeições, cujo momento está relacionado às atividades sociais, e (iv) as expressões idiomáticas, falas típicas da sociedade brasileira retratada por Machado de Assis –, foram traduzidos para o mundo anglo-americano, principalmente por se tratar de autores que publicaram suas traduções no Reino Unido e nos EUA, no mesmo período, em anos consecutivos, e na mesma língua, o inglês. Afinal, como afirma Peter Newmark (1988, p. 7), desde que os diferentes povos com suas diferentes línguas tiveram contato entre si, a tradução é o meio que permite a transposição cultural entre eles.

Em relação às traduções, de acordo com as informações disponíveis relativas às obras traduzidas de Machado de Assis nas páginas eletrônicas da Academia Brasileira de Letras¹¹ e da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura),¹² e nas publicações de Bagby Jr. (1993) e Hatje-Faggion (2015), *Iaiá Garcia* possui duas traduções para o inglês:

- a. *Yayá Garcia*, publicada em 1976 pela Peter Owen - London, traduzida do português por Robert L. Scott-Bucleuch, como parte da coleção “*UNESCO Collection of Representative Works – Brazilian Series*”;
- b. *Iaiá Garcia*, publicada em 1977 pela The University Press of Kentucky, traduzida do português por Albert I. Bagby Jr., como parte da coleção “*Studies in Romance Languages*”.

A edição em português de *Iaiá Garcia* utilizada para fins de cotejamento com as traduções em inglês acima mencionadas é a edição comentada da L&PM Editores, de 2011. Em alguns casos em que surgiram dúvidas¹³ em relação às traduções, foram consultadas também a primeira edição do romance disponível em forma digitalizada no *site*¹⁴ da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, bem como as edições da W. M Jackson e da editora Cultrix, utilizadas pelos tradutores Scott-Bucleuch e Bagby Jr., respectivamente. Bagby Jr. informa, em seu Prefácio, que utilizou para a tradução do português a edição da editora Cultrix, de 1967, e em seu livro de 1993 sobre os romances da primeira fase de Machado de Assis, complementa com a informação de que foi a edição que continha outro romance de Machado de Assis no mesmo

¹¹ Disponível em: <https://www.machadodeassis.org.br/>.

¹² Disponível em: <http://www.unesco.org/xtrans/bsresult.aspx?lg=0&a=Machado%20de%20Assis&fr>. Ambos os sites se encontram desatualizados e mostram somente uma tradução para o inglês de *Iaiá Garcia*, a tradução de Robert Scott-Bucleuch, de 1976.

¹³ Por exemplo, na edição da L&PM, na p. 78, está escrito “senhora Dona Valéria”. Ambos os tradutores traduziram por “Dona Valéria”. Como a palavra “senhora” foi excluída pelos dois tradutores, entendi por bem consultar as edições utilizadas pelos tradutores, bem como a 1ª edição, onde estava escrito “Sra. D. Valéria”, para confirmar a exclusão.

¹⁴ Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4775>.

volume, *Helena*. Já Scott-Buccler se limita a identificar na contracapa que utilizou a versão em português de *Yayá Garcia*, e é Bagby Jr. (1993) quem menciona que se tratou da edição da W. M. Jackson ao comentar que não entendeu o porquê dessa escolha do tradutor britânico.

Para que seja possível proceder a esta investigação sobre as formas como os marcadores culturais foram traduzidos para o inglês, bem como sobre o perfil dos dois tradutores, de maneira crítica, esta dissertação estrutura-se em três capítulos, além dessa Introdução e das Considerações Finais.

O primeiro capítulo discorre sobre a fundamentação teórica que serve de base para esta dissertação, dividida nos seguintes aspectos centrais, quais sejam: 1) os Estudos da Tradução, em que se apresentam a Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), e a relação com o conceito de Cultura, os Estudos Descritivos da Tradução e o esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985), o qual é a espinha dorsal desta dissertação, e visa dar uma visão panorâmica das duas traduções de *Iaiá Garcia* para o inglês e o seu cotejamento com essa obra em português; 2) os Estudos do Tradutor, em que são abordados os conceitos envolvidos na definição do perfil do tradutor de Chesterman (2009), Munday (2013; 2014) e Britto (2010), bem como a discussão acerca da (in)visibilidade dos tradutores de Schleiermacher (2011) e Venuti (1995), classificando-os entre tradutores “domesticadores” e “estrangeirizadores”; 3) o sistema literário a o sistema de literatura traduzida; 4) as múltiplas traduções e as retraduições; 5) definição de estilo e tradução; 6) conceituação de paratextos/textos suplementares de Genette (1991) e Newmark (1988); e 7) a conceituação de marcadores culturais (AUBERT, 2006; NEWMARK, 1988) e dos principais procedimentos de tradução utilizados para a sua tradução, de acordo com o seu perfil e com o contexto de suas traduções, bem como uma breve explanação sobre a tradução dos marcadores selecionados, quais sejam, paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas.

O segundo capítulo apresenta a vida e a obra de Joaquim Maria Machado de Assis e traz uma análise do romance *Iaiá Garcia*, com um resumo do enredo e discussão sobre os estudos críticos relativos às relações sociais descritas no texto, principalmente no que diz respeito aos papéis do favor e dos agregados, cujos reflexos são visíveis até hoje na sociedade brasileira moderna. Nesse capítulo, há também uma breve discussão sobre o papel das mulheres nas obras de Machado de Assis, pois elas, nos romances de Machado de Assis, eram mais do que simples objeto; eram parte da sociedade; “elas têm a cultura que lhes está destinada pelo sistema, aprendem a mover-se dentro dos limites das conveniências e estão longe de constituírem-se em arquétipos”. (RIBEIRO, 1996, p. 410). Estela, personagem de *Iaiá Garcia*, por exemplo, “é a

única personagem feminina de Machado de Assis que busca concretamente escapar à dependência material em que vive” (STEIN, 1984, p. 74), ou seja, ela tenta se livrar da vida de favor, que é um dos aspectos estudados nesta dissertação. Bagby Jr., o tradutor estadunidense de *Iaiá Garcia*, também afirma que “é Estela quem trava, ou promove as ações [em *Iaiá Garcia*]” (BAGBY JR., 1993, p. 74). Enfim, no século XIX, grande parte dos romances era “escrito por homens, sobre mulheres e dirigido às mulheres”. (RIBEIRO, 1996, p. 53).

O terceiro capítulo trata do esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985), que por meio de análise descritiva e comparativa permite a apreciação das duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* e os seus cotejos com a obra em português. Após uma breve apresentação sobre os tradutores, as traduções são esmiuçadas, incluindo a análise dos marcadores culturais selecionados, seguindo as quatro etapas do esquema de Lambert e van Gorp, para que se tenha uma visão panorâmica e sociocultural das duas traduções cotejadas entre si e com o texto de partida. Essas quatro etapas são: identificação dos dados preliminares, levantamento de informações de macroestrutura, levantamento de informações de microestrutura e análise do contexto sistêmico.

Finalmente, após a realização das análises supracitadas, nas Considerações Finais, esta dissertação pretende identificar as similaridades e as diferenças entre as duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* e o seu cotejo com o texto de partida, verificando se o tradutor está mais alinhado ao texto de partida (português) ou ao texto de chegada (inglês), bem como descrever como os marcadores culturais selecionados foram traduzidos de forma a transmitir (ou não) as ideias de Machado de Assis sobre a sociedade brasileira descritas em *Iaiá Garcia*. Esta dissertação também busca discutir o papel dos tradutores, identificando seus estilos, (in)visibilidade, e concluindo se eles foram mais domesticadores ou mais estrangeirizadores, e quais as implicações e os impactos para o novo receptor (de língua inglesa) dessas preferências de estratégias de tradução.

Como afirma Walter Benjamin (2008, p. 53), “a tradução sucede ao original e, no que concerne às obras importantes, que nunca encontram no tempo de seu nascimento o tradutor predestinado, assinala a sua pervivência”. Ou seja, o leitor do texto traduzido é diferente do leitor do texto da língua em que foi escrito, e não necessariamente pertence à mesma época na qual o texto de partida foi escrito. A tradução permite que um texto se eternize, independentemente das línguas envolvidas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentados autores e obras que servem de base para o estudo a ser realizado nesta dissertação, que se encontra no campo dos Estudos descritivos da Tradução, orientado ao produto, que são as duas traduções de *Iaiá Garcia* para o inglês.

O capítulo foi dividido nas seguintes sete subseções: 1) dos Estudos da Tradução, em que se discorre sobre a Teoria dos Polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990), Cultura e o esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985), incluindo uma breve apresentação das “unidades de tradução” de Toury (1995); 2) dos Estudos do Tradutor, em que se discute a formalização desse campo de estudos por James Holmes (2000) e apresenta um recorte da teoria da (in)visibilidade dos tradutores, de Venuti (1995); 3) do sistema literário e do sistema de literatura traduzida, no qual se analisam as suas peculiaridades; 4) das múltiplas traduções e retraduições; 5) das questões de estilo do tradutor; 6) dos paratextos e textos suplementares; e 7) da análise dos marcadores culturais (AUBERT, 2006; NEWMARK, 1988), de acordo com a tradução e os tradutores, examinando as definições de marcadores culturais e os procedimentos de tradução mais utilizados para eles, e detalhando brevemente as formas de tradução dos marcadores culturais selecionados: paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas.

1.1 Os Estudos da Tradução

As traduções existem desde a Antiguidade, e são elas que permitem que diferentes grupos de diferentes sociedades possam se comunicar e interagir, trocando experiências e conhecimento e evoluir como nações. Porém, o estudo da tradução como uma disciplina, com teoria própria, é recente, e foi reconhecido como tal por James Holmes, em seu texto “The Name and Nature of Translation Studies”, de 1972 (republicado em 2000).

A discussão inicial de Holmes (2000) é sobre como denominar o campo de pesquisa sobre as traduções. Esse termo deve englobar tanto o processo tradutório (“*translating*”) como o produto tradução (“*translation*”). Segundo ele, existe um termo muito utilizado em inglês, o qual ele entende se aplicar ao caso em linha, e que seria melhor do que “ciência”. Esse termo é “estudos” (“*studies*”), e, por isso, ele nomeia esse campo de pesquisa de “Estudos da Tradução”. Holmes divide os Estudos da Tradução em dois grandes grupos, que são o dos Estudos Descritivos e o dos Estudos Teóricos (geral e parcial), os quais devem analisar o processo

tradutório e as traduções existentes e estudar e estabelecer princípios e teorias a serem seguidos pelos tradutores, respectivamente.

1.1.1 Os Estudos Descritivos da Tradução

Os Estudos Descritivos da Tradução, conforme definido por Toury (1995), são aqueles que descrevem os procedimentos que são utilizados na elaboração de uma tradução, ou seja, os Estudos da Tradução, que apesar de serem aplicados, não deixa de ser uma ciência empírica, em construção. Toury (1995) cita o mapa conceitual elaborado por James Holmes na segunda metade do século XX, em que Holmes define os conceitos que estariam envolvidos nos Estudos da Tradução. Segundo Toury, parte da importância desse trabalho foi a divisão dos Estudos da Tradução em segmentos menores, com a sua segregação em estudos puros e aplicados.

James Holmes (2000) divide os Estudos da Tradução em dois grandes campos, que são os Estudos Descritivos e os Estudos Teóricos, em concordância com os dois objetivos principais dos Estudos da Tradução, quais sejam, descrever os fenômenos tradutórios e criar teorias para explicar ou prever tais fenômenos, ou seja:

os Estudos da Tradução têm dois objetivos principais: (1) descrever os fenômenos do processo de tradução e das traduções como eles se manifestam no mundo de nossa experiência, e (2) estabelecer princípios gerais por meio dos quais esses fenômenos podem ser explicados e previstos.¹⁵ (HOLMES, 2000, p. 176, tradução nossa).

Os Estudos Descritivos da Tradução podem ser orientados ao produto, em que são analisadas e comparadas traduções existentes; orientados à função, em que são descritas as funções das traduções em determinado ambiente sociocultural; ou orientados ao processo, em que são analisados os atos e processos de tradução em si.

A análise comparativa que se pretende fazer nesta dissertação é orientada ao produto, pois ela compara as duas traduções para o inglês existentes (e as traduções entre si) com o texto de partida de *Iaiá Garcia*, em português correspondente. E como Holmes (2000, p. 176, tradução nossa) define:

O ponto de partida dos Estudos Descritivos da Tradução é a descrição das traduções individuais ou a descrição da tradução com foco no texto. Uma segunda fase é a da

¹⁵ No original: “*Translation studies thus has two main objectives: (1) to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted.*” (HOLMES, 2000, p. 176).

descrição comparativa da tradução, na qual são feitas análises comparativas de várias traduções de um mesmo texto, seja em um único idioma ou em vários idiomas.¹⁶

Ou seja, fazem parte dessa análise comparativa o sistema literário da obra de partida em português e os sistemas literários de tradução de cada uma das obras em inglês, de acordo com a Teoria dos Polissistemas, que será detalhada a seguir.

1.1.2 Cultura e Polissistemas

A Teoria dos Polissistemas foi inicialmente apresentada pelo israelense Itamar Even-Zohar (1990) em textos que ele escreveu nos anos de 1970, influenciado pelos formalistas russos (1920) e pelos estruturalistas tchecos (anos de 1930 e 1940), os quais foram posteriormente consolidados em um artigo publicado na revista *Poetics Today*, em 1990.

De acordo com Even-Zohar (1990), um polissistema é formado por diversos sistemas independentes, que se relacionam e têm uma hierarquia dinâmica, que muda de acordo com a época e o momento histórico. Em complemento, Edwin Gentzler (2009, p. 139) afirma que um polissistema pode ser definido como um “agregado de sistemas literários, incluindo tudo, desde formas ‘altas’ ou ‘canônicas’ como poesia até formas ‘baixas’ ou não canônicas em determinada cultura”, ou seja, sistemas literários e extraliterários. A Teoria dos Polissistemas está totalmente associada à teoria da tradução, tendo em vista que os países em que ela foi inicialmente discutida (Israel e Holanda) dependiam enormemente das traduções, e no caso de Israel, das traduções literárias, já que não havia essa tradição de textos em hebraico. Além disso, esses são países de dimensões pequenas, ou seja, poucas pessoas além de seus povos falam as suas línguas, e para que o comércio se desenvolva, bem como as relações globalizadas, a tradução torna-se extremamente necessária (GENTZLER, 2009).

Assim sendo, os polissistemas literários de nações mais desenvolvidas e de culturas mais disseminadas são diferentes daqueles de países mais jovens ou com culturas menos conhecidas, pois a sua língua atinge uma maior porção de leitores e escritores. E, dependendo do alcance de sua língua, as traduções podem ter uma importância maior ou menor, podendo estar no sistema literário principal ou secundário, ainda de acordo com Gentzler (2009).

Segundo Munday (2016), Even-Zohar também explora a relação entre o polissistema

¹⁶ No original: “The starting point for this type of study is the description of individual translations, or text-focused translation description. A second phase is that of comparative translation description, in which comparative analyses are made of various translations of the same text, either in a single language or in various languages.” (HOLMES, 2000, p. 176).

literário e a literatura traduzida, e considera a última parte de um sistema próprio, tendo em vista a forma que a língua de chegada define quais são os trabalhos a serem traduzidos e pela maneira que as normas e políticas de tradução são influenciadas por outros sub/cossistemas, ou seja: “[...] a literatura traduzida funciona como um sistema próprio: (1) no modo que a cultura da língua de chegada seleciona os textos para tradução; (2) no modo que as normas, o comportamento e as políticas de tradução são influenciados por outros sub/cossistemas.”¹⁷ (MUNDAY, 2016, p. 171, tradução nossa).

Um sistema literário que aparece em uma posição de destaque em um determinado período pode trocar de posição com outro sistema em uma época diferente, e o mesmo pode ocorrer com a literatura traduzida, que pode tanto estar em posição primária (quando o sistema literário local não é muito desenvolvido) como secundária no sistema literário. A seguir, estão listadas situações apontadas por Even-Zohar (1990, p. 47), retomadas também por Munday (2016, p. 110), em que a literatura traduzida pode ser encontrada em posição primária:

- a. quando uma nova literatura está se estabelecendo no país;
- b. quando a literatura nacional é periférica ou “fraca”;
- c. quando há a criação de tipos literários novos, ou quando há um vácuo no sistema literário local, como por exemplo, a Alemanha e seus psicanalistas (Freud, Jung), que foram inicialmente traduzidos para o inglês e o francês.

Como afirma Even-Zohar (1990, p. 49, tradução nossa):

A hipótese de que a literatura traduzida pode ser tanto um sistema central ou periférico não implica que seja sempre totalmente um ou o outro. Como um sistema, a literatura traduzida é em si estratificada, e do ponto de vista da análise polissistêmica é frequentemente do ponto vantajoso do estrato central que todas as relações dentro do sistema são observadas.¹⁸

Mas somente a hierarquia dentro dos sistemas não é suficiente para explicar a alocação das traduções dentro do sistema literário, devendo ser considerados também os fatores extraliterários, ou seja, conforme afirma Gentzler (2009, p. 154):

[...] à medida que evolui, a Teoria dos Polissistemas entra em uma nova fase, na qual fatores extraliterários como patronagem, condições sociais, economia e manipulação

¹⁷ No original: “[...] *translated literature operates as a system in itself: (1) in the way the TL culture selects works for translation; (2) in the way translation norms, behaviour and policies are influenced by other co-systems.*” (MUNDAY, 2016, p. 171).

¹⁸ No original: “*The hypothesis that translated literature may be either a central or peripheral system does not imply that it is always wholly one or the other. As a system, translated literature is itself stratified, and from the point of view of polysystemic analysis it is often from the vantage point of the central stratum that all relations within the system are observed.*” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 49).

industrial estão sendo correlacionados ao modo como as traduções são escolhidas e funcionam em um sistema literário.

Susan Bassnett (1998, p. 133) reflete sobre a importância dos Estudos Culturais para os Estudos da Tradução, bem como sobre a influência dos fatores extraliterários para a escolha do material a ser traduzido, que envolve a discussão sobre valorizar tanto o valor estético como os valores materiais culturalmente determinados. Bassnett cita os exemplos do poeta grego Homero e do dramaturgo inglês Shakespeare, justificando que não basta concordar com a posição de cânones da literatura de ambos, mas que em um estudo cultural é relevante também conhecer a época em que viveram, as condições em que escreveram, seus contemporâneos, etc. Ou seja:

Tanto os profissionais dos Estudos Culturais como os dos Estudos da Tradução reconhecem a importância de compreender os processos manipuladores que estão envolvidos na produção textual. Um escritor não escreve apenas no vácuo: ele ou ela é o produto de uma cultura particular, de um determinado momento no tempo, e a escrita reflete esses fatores, como raça, gênero, idade, classe e local de nascimento, bem como as características estilísticas e idiossincráticas do indivíduo. Além disso, as condições materiais em que o texto é produzido, vendido, comercializado e lido também, têm um papel crucial a desempenhar.¹⁹ (BASSNETT, 1998, p. 136, tradução nossa).

Esses fatores extraliterários fazem parte do contexto sistêmico de Lambert e van Gorp (1985), e são extremamente relevantes ao se comparar os diferentes sistemas literários envolvidos na análise, o que será realizado mais adiante nesta dissertação.

1.1.3 Esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp

De acordo com os Estudos Descritivos da Tradução, e em linha com a Teoria dos Polissistemas, é possível comparar traduções de uma mesma obra em diversas línguas. Essa análise permite comparar diferentes sistemas literários de tradução e dá subsídios ao pesquisador para entender os processos tradutórios envolvidos.

O esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985, p. 44) engloba tanto o estudo do autor do texto de partida como dos

¹⁹ No original: “Both cultural studies and translation studies practitioners recognise the importance of understanding the manipulatory processes that are involved in textual production. A writer does not just write in a vacuum: he or she is the product of a particular culture, of a particular moment in time, and the writing reflects those factors such as race, gender, age, class, and birthplace as well as the stylistic, idiosyncratic features of the individual. Moreover, the material conditions in which the text is produced, sold, marketed and read also have a crucial role to play.” (BASSNETT, 1998, p. 136)

autores/tradutores do texto de chegada, considerando que o tradutor também é autor de seu texto, e da relação destes com os seus pares em seus respectivos sistemas literários; a recepção da obra de partida e de suas traduções em seus respectivos sistemas, como em relação às outras obras semelhantes; a identificação dos leitores da obra de partida e de suas traduções; bem como o sistema literário de tradução de chegada em relação ao sistema literário da cultura de chegada.

Essa análise é feita preferencialmente entre sistemas literários, ao envolver diferentes culturas, mas nada impede que outros sistemas estejam envolvidos. Como afirmam Lambert e van Gorp (1985, p. 44, tradução nossa):

Na maioria dos casos, entretanto, o sistema de chegada será (parte de) o sistema literário da cultura de chegada, ou pelo menos o sobreporá. As exatas relações entre os sistemas literários das culturas de chegada e de partida devem ser examinadas, que é exatamente o objetivo de nosso esquema.²⁰

Por meio desse exame é possível elaborar-se hipóteses para discussões de correspondência, ou como apontado pelos autores, questões sobre o dilema “adequado” *versus* “aceitável” (TOURY, 1995), orientado para o texto de partida ou para o texto de chegada respectivamente, que é a norma inicial à qual os tradutores se submetem. De acordo com Toury (1995, p. 56-57, tradução e grifos nossos), “assim, enquanto a adesão às normas de partida determina a *adequação* de uma tradução em comparação com o texto de partida, a adesão às normas originadas na cultura de chegada determina sua *aceitabilidade*”.²¹

O esquema proposto por Lambert e van Gorp se estrutura em quatro etapas que se complementam, ou seja, os resultados obtidos em uma etapa permitem a criação de hipóteses a serem verificadas na etapa seguinte, e assim por diante, até que se tenham informações suficientes para elaboração de conclusões sobre os processos tradutórios e traduções envolvidos.

Essas etapas são: 1) levantamento de dados preliminares, como título da obra, práticas editoriais (capa, contracapa, conteúdo, organização dos dados), presença ou ausência do nome do tradutor, direitos autorais, existência de paratextos, etc.; 2) análise de nível macroestrutural, como a verificação da estrutura do texto, tipo de narrativa, apresentação dos títulos dos capítulos, etc.; 3) análise de nível microestrutural, que envolve o processo tradutório, com a seleção de palavras e trechos para análise comparativa mais detalhada, e para ilustrar as

²⁰ No original: “In most cases however, the target system will be (part of) the literary system of the target culture, or at least overlap with it. The exact relations between the literary systems of the target and source cultures have to be examined, which is precisely the aim of our scheme.” (LAMBERT; VAN GORP, 1985, p. 44).

²¹ No original: “Thus, whereas adherence to source norms determines a translation’s adequacy as compared to the source text, subscription to norms originating in the target culture determines its acceptability.” (TOURY, 1995, p. 56-57).

estratégias tradutórias escolhidas pelos tradutores; e 4) análise do contexto sistêmico, na qual se verifica a recepção/crítica das obras, ambiente onde foram publicadas, as editoras que as publicaram (independentes, de grande público, acadêmicas), e comparando-se também as informações dos níveis macro e microestrutural.

Para essa análise comparativa, Lambert e van Gorp (1985) citam o conceito de “unidades de tradução” de Toury (1995), em que ele aponta a necessidade de se separar o texto em unidades de tradução, que são segmentos menores do texto que permitem a realização de uma análise comparativa entre o texto na língua de chegada e na língua de partida. De outra forma, a tradução do texto sem uma segmentação seria praticamente impossível. O critério que deve ser utilizado para se separar essas unidades de tradução é a sua relevância para a operação que será realizada, ou seja, para a análise tradutória que se pretende realizar:

O requerimento crucial parece ser que quaisquer unidades que sejam escolhidas para serem trabalhadas devem ser relevantes para a operação que será realizada com elas: no nosso caso, uma tentativa de reconstruir gradualmente tanto as decisões de tradução como as restrições sob as quais ela foi feita.²² (TOURY, 1995, p. 88, tradução nossa).

Há uma hipótese de que a unidade de tradução deveria ser selecionada com base no texto de partida, porém é difícil saber de forma retrospectiva quais foram as escolhas do autor, então para fins comparativos, a melhor alternativa é ter dois trechos para comparação, um do texto de partida e outro do texto de chegada (TOURY, 1995, p. 89, tradução nossa, destaque do autor): “nesse sentido, as unidades de análise comparativa sempre emergiriam como pares acoplados de segmentos do texto de chegada e texto de partida, itens que ‘substituíram’ e ‘foram substituídos’, respectivamente”.²³

Assim sendo, ele também define o critério de *no leftovers*, que seria a seleção do texto de chegada que pudesse cobrir o trecho do texto de partida problemático, sem que ficassem aparas para a sua análise, ou seja:

O pareamento está sujeito a um princípio heurístico, a saber, que além das fronteiras de um segmento textual alvo, nenhuma sobra de uma “solução” para um certo “problema”, colocado por um segmento correspondente no texto fonte, estará presente.²⁴ (TOURY, 1995, p. 89, tradução nossa).

²² No original: “The crucial requirement seems to be that whatever units one chooses to work with should be relevant to the operation which would then be performed on them: in our case, an attempt to gradually reconstruct both translation decisions and the constraints under which they were made.” (TOURY, 1995, p. 88).

²³ No original: “In this sense, the units of comparative analysis would always emerge as coupled pairs of target-text and source text-segments, ‘replacing’ and ‘replaced’ items, respectively.” (TOURY, 1995, p. 89).

²⁴ No original: “The pairing is subject to a heuristic principle instead, namely that beyond the boundaries of a target textual segment no leftovers of the ‘solution’ to a certain ‘problem’, posed by a corresponding segment of the source text, will be present.” (TOURY, 1995, p. 89).

Enfim, com base na estrutura de análise sistêmica proposta por Lambert e van Gorp (1985), e comparando as traduções utilizando-se do conceito de unidades de tradução de Toury (1995), pretende-se desenvolver hipóteses sobre os processos tradutórios envolvidos; porém para melhor entendimento dos textos, é importante também conhecer os perfis dos tradutores das obras envolvidas.

1.2 Os estudos *do/sobre* o tradutor

Enquanto Holmes (2000) focava mais o processo tradutório e as traduções em si, Chesterman (2009) se preocupava com o papel do tradutor nesse processo, e por isso sugeriu a necessidade desse novo campo de estudo, o dos Estudos *do/sobre* o Tradutor. Chesterman (2009, p.19, tradução nossa) analisa o texto de Holmes e conclui que ele somente aborda os Estudos da Tradução, sendo “muito voltado apenas para os textos, ao invés de considerar também as pessoas que os produzem”.²⁵

Segundo Chesterman (2009), os Estudos da Tradução são compostos por quatro ramos, quais sejam: textual, cultural, cognitivo e sociológico. O mapa de Holmes (2000) foca basicamente no ramo textual, porém os Estudos do Tradutor abrangem também os ramos da cultura, do sociológico e do cognitivo, ou seja, os Estudos do Tradutor consideram o indivíduo responsável pela tradução, seus valores, seu meio e sua formação. Como afirma Chesterman (2009, p. 20, tradução nossa), esses estudos “se concentram principalmente e explicitamente nos agentes envolvidos com tradução, por exemplo, em suas atividades ou atitudes, sua interação com seu meio social e técnico, ou sua história e influência”.²⁶

Sobre a (in)visibilidade do Tradutor, Schleiermacher (2011) definiu duas formas de tradução em 1813, a paráfrase e a imitação. A paráfrase é a tentativa de se encontrar uma palavra na língua de chegada que corresponda à palavra na língua de partida, em que “o parafraseador lida com os elementos de ambas as línguas como se fossem sinais matemáticos” (SCHLEIERMACHER, 2011, p. 19); e a imitação “se curva ante a irracionalidade das línguas ... [é] um composto de elementos visivelmente diferentes dos do original, que, contudo, aproximasse o seu efeito daquele, tanto quanto as diferenças do material ainda lhe

²⁵ No original: “*was highly weighted towards texts rather than the people that produce them.*” (CHESTERMAN, 2009, p. 19).

²⁶ No original: “*Translator Studies covers research which focuses primarily and explicitly on the agents involved in translation, for instance on their activities or attitudes, their interaction with their social and technical environment, or their history and influence.*” (CHESTERMAN, 2009, p. 20).

permitted”. (SCHLEIERMACHER, 2011, p. 20). Dessa segregação, ele conclui que a paráfrase serviria para o ramo das ciências e a imitação, para as artes. Porém, mesmo a imitação pode ser utilizada de diferentes formas, de acordo com o perfil dos tradutores, sendo que “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. (SCHLEIERMACHER, 2011, p. 22).

Nessa linha, muitas vezes a qualidade de uma tradução é medida pela naturalidade e fluência que um texto apresenta na língua de chegada, ou seja, quanto mais natural soar a tradução, mais invisível será o tradutor, mais visível será o escritor e melhor será a tradução, como afirma Venuti (1995, p. 1-2). Isso se percebe ao ler as críticas das traduções em inglês, em que pouco ou nada se fala sobre o tradutor, suas motivações e escolhas tradutórias, etc., e somente se comenta sobre o autor da obra e as qualidades do enredo. Segundo Venuti (1995, p. 17), quando a tradução em si é mencionada em uma crítica, na quase totalidade das vezes é para ressaltar a fluência do texto, o que de acordo com Venuti está diretamente relacionado com a domesticação do texto, que no caso da língua inglesa significa reescrever os textos estrangeiros “no discurso transparente que prevalece em inglês”, ou seja, “a invisibilidade do tradutor é sintomática no que diz respeito a uma complacência nas relações anglo-americanas com outras culturas; complacência que pode ser descrita – sem muito exagero – como imperialista no exterior e xenofóbica em casa”.²⁷ (VENUTI, 1995, p. 17, tradução nossa).

A invisibilidade do tradutor muitas vezes é contratual, isto é, seu nome não é divulgado, e a invisibilidade deixa de estar na qualidade do texto, mas se torna efetiva, ao não dar publicidade à tradução como sendo um texto traduzido/tradução. Ou mesmo quando o nome do tradutor aparece, é sempre com menor destaque, prevalecendo o nome do autor do texto de partida.

Por outro lado, o tradutor pode optar por estrangeirizar a sua tradução e torná-la mais visível, priorizando a manutenção das diferenças culturais, pois “a noção de estrangeirização pode alterar a maneira como as traduções são lidas e produzidas, porque assume um conceito de subjetividade humana que é muito diferente dos pressupostos humanistas referentes à domesticação”.²⁸ (VENUTI, 1995, p. 24, tradução nossa).

²⁷ No original: “rewriting them in the transparent discourse that prevails in English ... The translator’s invisibility is symptomatic of a complacency in Anglo-American relations with cultural others, a complacency that can be described – without too much exaggeration – as imperialistic abroad and xenophobic at home.” (VENUTI, 1995, p. 17).

²⁸ No original: “The notion of foreignization can alter the ways translations are read as well as produced because it assumes a concept of human subjectivity that is very different from the humanist assumptions underlying domestication.” (VENUTI, 1995, p. 24).

Assim sendo, é possível dizer que a domesticação de um texto depende muitas vezes de para qual público ele é direcionado, tornando-se um limitador. Quando se trata da estrangeirização de uma tradução, o objetivo do tradutor tende a ser de pouca interferência nos aspectos, principalmente culturais, do texto de partida, até como forma de demonstrar resistência à dominação etnocêntrica dos países de língua inglesa. Como afirma Venuti (1995, p. 20, tradução nossa), “estrangeirizar uma tradução em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, nos interesses das relações geopolíticas democráticas”,²⁹ o que significa manter a relação do texto de chegada com o texto de partida, ainda que não na tradução de palavra por palavra, mas respeitando as diferenças culturais e sua transposição. Mesmo os tradutores estrangeirizadores podem interpretar um texto de diferentes formas:

A fidelidade não pode ser entendida como mera equivalência semântica: por um lado, o texto estrangeiro é suscetível a várias interpretações diferentes, até no nível da palavra individual; por outro, as escolhas interpretativas do tradutor respondem a uma situação cultural doméstica e, por isso, sempre excedem o texto estrangeiro³⁰. (VENUTI, 1995, p. 37, tradução nossa).

Venuti (1995, p. 101), citando Schleiermacher, para abordar outra questão relevante que está relacionada à “qualidade” do leitor do texto traduzido, afirma que, na maioria das vezes, o leitor deve ser minimamente instruído para entender as referências estrangeiras, ou seja, sempre haverá a limitação do alcance de valores culturais no país da língua de chegada. Ao fazer essa observação, Venuti refere-se aos textos clássicos, mas essa observação parece pertinente para qualquer texto traduzido, pois caso contrário, a utilização de paratextos se tornaria ainda mais primordial para que ocorresse o entendimento da mensagem do texto de partida, mantendo-se os aspectos culturais dele; de outra forma, somente com a domesticação o texto ficaria claro.

Venuti (2008, p. 3) também aponta outro obstáculo relevante do processo de tradução que dificulta a sua apreciação pelo leitor do texto de chegada, que são as diferenças estruturais entre as línguas, que podem surgir nesse processo, e se dividem nos seguintes três contextos: intertextuais (relação com outros textos de conhecimento do leitor da língua de partida), intratextuais (relações dentro do próprio texto) e intersemióticos (relação com outras mídias na

²⁹ No original: “*Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.*” (VENUTI, 1995, p. 20).

³⁰ No original: “*Fidelity cannot be construed as mere semantic equivalence: on the one hand, the foreign text is susceptible to many different interpretations, even at the level of the individual word; on the other hand, the translator’s interpretive choices answer to a domestic cultural situation and so always exceed the foreign text.*” (VENUTI, 1995, p. 37).

própria cultura do texto de partida); além do que Venuti chama de “constitutivo”, que envolveria os três ao mesmo tempo. Em outras palavras, nas traduções se perdem/podem se perder características da língua falada, trocadilhos e relações que somente podem ser entendidos por quem tem conhecimento da cultura local – ganhos trazidos pela circulação e discussão do texto em diferentes mídias localmente. Sempre haverá alguma perda na transposição do texto de partida para o texto de chegada de valores e cultura. Mas, apesar dessas perdas, os leitores deveriam superar essas diferenças para conhecer culturas novas. Como afirma Venuti (2008, p. 5, tradução nossa): “Tanto leitores como editores têm muito a ganhar com uma política de tradução que seja baseada em um entendimento incisivo do processo de tradução”.³¹

Esta dissertação visa debater, também por meio do exame dos marcadores culturais, se os tradutores de *Iaiá Garcia* tendem a ser estrangeirizadores ou domesticadores, ou ambos, a depender da dificuldade a ser resolvida no processo tradutório.

Para essa análise, Britto (2010, p. 136), citando Schleiermacher, enfatiza a importância de se saber o “grau de proximidade entre a cultura-fonte e a cultura-meta”.

1.3 O sistema literário e o sistema de literatura traduzida

A humanidade depende da tradução para se comunicar desde os primórdios, e as grandes obras clássicas somente são conhecidas hoje pela transmissão oral e pela sua tradução do grego. De acordo com Britto (2012, p. 12), foi Cícero o responsável pelos primeiros comentários sobre a forma de traduzir. E apesar de muitos acreditarem que essa é uma tarefa fácil, na verdade ela é muito complexa.

Britto (2012) cita diversos exemplos de palavras “intraduzíveis” devido a questões culturais, ou seja, por faltar na cultura de chegada um objeto ou termo semelhante ao da cultura de partida. Como Britto mesmo afirma, encontrar palavras em um dicionário bilíngue é fácil; o desafio, principalmente na literatura traduzida, é ter criatividade para dizer a mesma coisa de uma cultura para outra cultura.

Inicialmente, os Estudos da Tradução focavam na tradução como parte dos Estudos Linguísticos, e a literatura traduzida era parte da Literatura Comparada,³² situação que

³¹ No original: “Readers as well as publishers have much to gain from a translation policy that is based on an incisive understanding of the translation process.” (VENUTI, 2008, p. 5).

³² Nitrini (2015, p. 130), ao citar a definição de Cianarescu sobre influência, afirma que “quanto maior o número de elementos aproveitados da obra de um autor por outro, tanto mais ele vai-se aproximando da imitação, da paráfrase, até chegar à tradução, quando todos os elementos são considerados”.

permaneceu até Holmes definir o que seriam os Estudos da Tradução. De acordo com Britto (2012, p. 20), foi nesse momento que se iniciou a “virada cultural”:

os tradutólogos passaram a enfatizar que um texto só pode ser compreendido, e portanto traduzido, quando visto como um fenômeno cultural, dentro de um contexto rico e complexo, que vai muito além dos aspectos estritamente linguísticos.

Segundo Bassnett (1993, p. 139), até o século XIX a tradução era considerada inferior ao original, e mesmo os teóricos da Literatura Comparada preferiam ler as obras na língua de partida.

Lefevere (1981) utiliza esse marco temporal para segregar o período em que a literatura traduzida era baseada em *corpus* para ser um sistema (ideia que se inicia com os formalistas russos). Assim como Britto, Lefevere reitera que a literatura traduzida baseada em *corpus* é muito normativa, repleta de regras do que pode ou não fazer. De acordo com Lefevere (1981, p. 69, tradução nossa):

Em outras palavras, as normas não reconhecidas subjacentes a grande parte do pensamento sobre como as “boas” traduções deveriam ser, revelam-se formulações embaraçosamente e arrogantemente absolutas de algo que é, em essência, relativo e transitório: uma poética, os princípios que regulam a produção literária de uma época.³³

Britto (2012) defende que literatura traduzida e criação literária são atividades distintas, bem como a fidelidade absoluta de uma obra de chegada com a obra de partida é impossível, partindo-se do princípio de que são duas línguas distintas. No entanto, de alguma forma deve-se ter uma correspondência do texto de chegada com o texto de partida.

Segundo Britto (2012, p. 59), o texto literário é aquele “em que a ênfase recai no próprio texto, e não nos outros componentes da situação de comunicação”, e o texto literário traduzido é aquele que permite que a pessoa que não sabe a língua do texto de partida possa ler esse texto na língua de chegada.

Lefevere (1992, p. 12) também afirma que os Estudos da Literatura traduzida dependem de um entendimento do sistema literário envolvido, pois engloba diferentes culturas e sistemas literários. Além disso, sem as traduções e as reescrituras, provavelmente o estudo da literatura universal ficaria impossibilitado.

Ao citar Schleiermacher e os conceitos de domesticação e estrangeirização, Britto

³³ No original: “*In other words, the unacknowledged norms underlying much of the thinking about what ‘good’ translations ought to be like turn out to be awkwardly and arrogantly absolute formulations of something that is, in essence, relative and transient: a poetics, the principles regulating the literary production of an era.*” (LEFEVERE, 1981, p. 69).

(2012, p. 62) defende que o melhor é encontrar um lugar no meio. Para essa escolha, o tradutor avalia o grau de notoriedade do autor (quanto mais famoso o autor, mais estrangeirizador tende a ser o tradutor), o público-alvo e o meio de divulgação. Esses critérios também são citados por Lefevere (1981) como utilizados para determinação da forma de traduzir, do quanto “interferir” ou não em uma literatura traduzida.

Enfim, o sistema literário e o sistema literário de tradução, apesar de distintos, dependem um do outro, e seu conhecimento e avaliação devem ser parte de todo o material de estudo utilizado pelo tradutor para realizar a sua tradução, como será apresentado a seguir.

1.4 Múltiplas traduções

Berman (2017) foi um dos pioneiros a abordar a retradução, cuja ideia principal gira em torno do fato de que as traduções envelhecem, enquanto o texto de partida, não, o que cria a demanda por uma retradução. Ou seja:

É preciso retraduzir porque as traduções envelhecem e porque nenhuma é *a* tradução: assim vemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento. (BERMAN, 2017, p. 262, grifo do autor).

Berman (2017), porém, admite que existem alguns poucos casos que as traduções não envelhecem, como por exemplo, a Bíblia de Lutero, e estas ele nomeia como “grandes traduções”. No entanto, ele observa que muitas dessas “grandes traduções” são retraduições, que tiveram que passar por uma evolução de retraduições até chegar na “grande tradução”.

Entretanto, Bassnett (1998, p. 135) afirma que ao comparar várias traduções de um mesmo texto percebe-se que não existe o grande texto universal, e que as traduções, assim como quaisquer textos considerados definitivos, podem desaparecer e perder sua relevância por qualquer motivo.

Cada retradução é uma nova versão de um tradutor de uma obra de partida. De acordo com Bassnett (2011, p. 111, tradução nossa), “cada vez que lemos uma nova tradução de uma obra que havíamos lido anteriormente, nos engajamos em uma forma mais explícita de releitura, porque cada tradutor reformulará o original de uma maneira ligeiramente (ou às vezes radicalmente) diferente”.³⁴

³⁴ No original: “for every time we read a new translation of a work we have previously read, we engage in a more overt form of rereading, because each translator will reformulate the original in a slightly (or sometimes radically) different way.” (BASSNETT, 2011, p. 111).

Existem diversos motivos para se fazer uma nova tradução, entre eles: atualizar o texto, o texto ter entrado em domínio público, vontade dos editores (patrocinadores) e mudança de preferências do público leitor. Segundo Bassnett (2011), também existem várias razões que fazem com que uma retradução tenha ou não sucesso, e cita como exemplo a alteração do título de uma obra traduzida para o inglês bastante conhecida, *The Brothers Karamazov*, de Dostoiévski. Bassnett menciona a discussão existente sobre a propriedade de se alterar o título já conhecido e consolidado para *The Karamazov Brothers*, que estaria mais correto gramaticalmente. Bassnett é partidária pela não alteração, pois essa estranheza na ordem das palavras tem relação direta com a obra, e por isso deveria ser mantida. No Brasil, ocorreu algo semelhante com a nova tradução (ou retradução) de *The Animal Farm*, de George Orwell, e cujo título *A revolução dos bichos* está consolidado no país. Em 2020, a editora Companhia das Letras lançou uma nova tradução comemorativa dos 70 anos da morte do autor, com tradução de Paulo Henriques Britto, com o título alterado para *A fazenda dos animais*, em que o editor, o crítico Marcelo Pen, justifica no posfácio que a alteração do título ocorreu pois, quando do lançamento da primeira tradução em 1964, época do Golpe Militar, o título foi utilizado como arma ideológica no Brasil.³⁵ No entanto, a obra com o título conhecido, *A revolução dos bichos*, continua no catálogo da editora. Como Bassnett afirma, o título já conhecido ainda pode atrair um novo leitor.

Em relação às traduções múltiplas, segundo Bassnett (2011, p. 126, tradução nossa), “uma vez que uma obra foi traduzida, os tradutores subsequentes estão produzindo versões não apenas do original, mas de traduções anteriores”.³⁶ De acordo com Bassnett, se uma tradução já está consolidada, mesmo que venha outra depois revisada com novos argumentos, dificilmente substituirá a primeira. No caso das traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*, com base nos comentários dos tradutores, elas ocorreram simultaneamente, ou seja, não se pode dizer que uma seja versão da outra.

Mas comparar traduções, conforme Bassnett (2011), nos permite traçar uma história da prática da tradução, pois pode-se comparar estratégias, escolhas, etc.

1.5 Estilo e tradução

Segundo Mona Baker (2000), muitos dos estudos sobre estilo de tradução iniciaram-se

³⁵ Blog da Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/A-Fazenda-dos-Animais-de-George-Orwell>. Acesso em: 15 dez. 2021.

³⁶ No original: “Once a work has been translated, subsequent translators are producing versions not just of the original, but of preceding translations.” (BASSNETT, 2011, p. 126).

com a tentativa de se encontrar um método de avaliação da qualidade de uma tradução, e associam-se, tanto nos estudos linguísticos como literários, com os seguintes três aspectos: o estilo individual de cada escritor, o estilo de escrita de um grupo específico de trabalho ou instituição e as características estilísticas de uma determinada época ou período da história.

Baker (2000) afirma que os Estudos da Tradução herdaram dos Estudos Linguísticos e Literários a ideia de associar estilo com o autor do texto “original”, relegando ao tradutor o papel de mero “copiador”. No entanto, Baker menciona a existência de diversos estudos que abordam a “voz” do tradutor em suas traduções. De acordo com Hermans (1996, p. 27, tradução nossa), a voz do tradutor está sempre presente no discurso de uma narrativa traduzida:

[A voz do tradutor] pode permanecer inteiramente escondida atrás do Narrador, tornando impossível detectá-la no texto traduzido. Ela é mais direta e vigorosamente presente quando rompe a superfície do texto falando por si, em seu próprio nome, por exemplo, em uma Nota do Tradutor paratextual empregando uma primeira pessoa autorreferencial identificando o sujeito falante.³⁷

Para Baker (2000, p. 245, tradução nossa), mais do que o conceito de “voz do tradutor” de Hermans, o estilo de um tradutor envolve a análise de expressões utilizadas por ele, paratextos, hábitos linguísticos, uso da língua, ou seja:

Em termos de tradução, ao invés de escrita original, a noção de estilo pode incluir a escolha do tradutor (literário) do tipo de material a traduzir, quando aplicável, e seu uso consistente de estratégias específicas, incluindo o uso de prefácios ou posfácios, notas de rodapé, glossário no corpo do texto etc. Mais crucialmente, um estudo de estilo de um tradutor deve se concentrar na maneira de expressão que é típica dele, ao invés de em alguns exemplos isolados. O estudo de estilo de um tradutor deve tentar capturar os usos característicos da língua pelo tradutor, o seu perfil individual de hábitos linguísticos, em comparação com o de outros tradutores.³⁸

Como afirma Lefevere (1992, p. 6), o tradutor está em um lugar em que ele conhece as duas culturas e as duas literaturas envolvidas, a de partida e a de chegada, então ele pode transformar o texto de uma literatura para que seja possível ao leitor da outra entendê-la. Segundo Lefevere (1992, p. 6, tradução nossa), “os tradutores fazem a mediação entre as

³⁷ No original: “*It may remain entirely hidden behind that of the Narrator, rendering it impossible to detect in the translated text. It is most directly and forcefully present when it breaks through the surface of the text speaking for itself, in its own name, for example in a paratextual Translator's Note employing an autoreferential first person identifying the speaking subject.*” (HERMANS, 1996, p. 27).

³⁸ No original: “*In terms of translation, rather than original writing, the notion of style might include the (literary) translator's choice of the type of material to translate, where applicable, and his or her consistent use of specific strategies, including the use of prefaces or afterwords, footnotes, glossing in the body of the text, etc. More crucially, a study of a translator's style must focus on the manner of expression that is typical of a translator, rather than simply instances of open intervention. It must attempt to capture the translator's characteristic use of language, his or her individual profile of linguistic habits, compared to other translators.*” (BAKER, 2000, p. 245).

tradições literárias, e o fazem com algum objetivo em mente, diferente de ‘disponibilizar o original’ de forma neutra e objetiva”.³⁹

Britto (2012, p. 25) cita alguns tradutores da literatura latino-americana que não se interessam pelas reflexões teóricas da tradução, o que também é o caso de um dos tradutores de *Iaiá Garcia*, Robert Scott-Buccleuch (1982), que afirma não seguir nenhuma teoria da tradução. Britto credita essa ideia à própria definição de tradutor literário como “um profissional que atua no mercado, produzindo traduções que são destinadas a um público que deseja ler obras escritas num idioma que ele não domina”. (BRITTO, 2012, p. 26).

Britto (2012, p. 28) cita então o “jogo da tradução de Wittgenstein, em que “o tradutor deve pressupor que o texto tem um sentido específico [...] pluralidades de sentidos, ambiguidades, indefinições etc.”; e “o tradutor deve produzir um texto que possa ser lido como ‘a mesma coisa’ que o original, e, portanto, deve reproduzir de algum modo os efeitos de sentido, de estilo, de som (no caso da tradução de poesia), etc.”

O tradutor também deve distinguir as linguagens marcadas e não marcadas,

não basta que o tradutor conheça o sentido das palavras no original: é preciso também que ele saiba reconhecer quais as palavras consideradas pelos nativos como comuns, não marcadas, palavras que eram de esperar naquele contexto específico, e quais as que são inesperadas, rebuscadas, até mesmo impróprias no contexto – pois a impropriedade e o erro são recursos de que os escritores lançam mão com frequência. O mesmo se aplica à sintaxe e às demais características do texto traduzido. (BRITTO, 2012, p. 69).

Muitas vezes o tradutor de literatura deve cuidar para escolher palavras que mais se ajustem a sua escrita, pois a intraduzibilidade é relativa, de acordo com Britto (2012, p. 79). Ele também comenta sobre a dificuldade que o tradutor literário deve ter para traduzir oralidades e coloquialismos, assim como gírias. Galindo (2015) afirma que é necessário um maior conhecimento linguístico por parte do tradutor de prosa. Segundo ele:

A tradução de um romance, no entanto, seja pelo tempo empenhado, seja pela variabilidade dos registros linguísticos empregados pelos escritores, tende a demandar do tradutor um comprometimento maior com a tradução propriamente dita. (GALINDO, 2015, p. 111).

Enfim, cada tradutor é diferente, e seu estilo e perfil devem ser considerados como um dos itens a serem analisados em estudos de textos traduzidos.

³⁹ No original: “*Translators mediate between literary traditions, and they do so with some goal in mind, other than that of ‘making the original available’ in a neutral, objective way.*” (LEFEVERE, 1992, p. 6).

1.6 Paratextos/ Textos suplementares

Quando um texto literário é traduzido, ocorre o seu deslocamento de um sistema literário para outro, o que implica na realização de adaptações para transpor o texto de seu local de origem para o seu local de chegada, e esses ajustes podem ocorrer de diversas formas, de acordo com os objetivos dos envolvidos (tradutor, editoras, etc.).

Uma ferramenta muito utilizada para adequação a esse novo cenário são os paratextos, que são, de acordo com Gérard Genette (1991), todas as partes do texto que não fazem parte do texto principal, como o nome do autor, a capa, notas explicativas, e até críticas sobre as obras. Como Genette (1991, p. 262, tradução nossa) afirma, os paratextos são “definidos por uma intenção e uma responsabilidade do autor”,⁴⁰ e não são obrigatórios em um texto, ou seja, a sua existência depende de diversas variáveis, como por exemplo, a qual período pertence o texto, quem é o seu autor, qual é o seu gênero. Em resumo, de acordo com Genette (1991, p. 263, tradução, grifos nossos), a definição de seus elementos depende da determinação de

sua posição (a pergunta *onde?*), sua data de surgimento, e eventualmente de desaparecimento (*quando?*), seu modo de existência, verbal ou outro (*como?*), as características de sua instância de comunicação, emissor e emitente (*de quem? para quem?*), e as funções que dão propósito a sua mensagem (*para que serve?*).⁴¹

De acordo com Genette (1991), o paratexto é formado pelo peritexto e pelo epitexto. O peritexto se refere ao título, aos nomes dos capítulos, ou seja, a tudo o que estiver dentro do limite do texto ou ao redor dele, sem ser o texto principal. Já o epitexto se refere a tudo que for exterior à obra/ao livro, como entrevistas, correspondências, manuscritos dos tradutores, arquivos. Munday (2013; 2014) reitera a importância do estudo desse material externo, que são as fontes primárias do tradutor e pertencem à “micro-história” (“*microhistory*”) da tradução. Em relação ao tempo, os paratextos podem surgir a qualquer tempo, e serem permanentes ou temporários. Em relação ao que Genette (1991, p. 265) chama de “*factual*”, estão o período em que o texto foi escrito, se foi escrito por uma mulher ou um homem, e a idade do autor, por exemplo. Em relação ao status pragmático, é importante saber quem escreve o paratexto, se é o autor, o crítico; a quem o paratexto se direciona (público, críticos); se há influência da patronagem (editora, investidor/patrocinador). Segundo Genette (1991, p. 267), o paratexto

⁴⁰ No original: “*defined by an intention and a responsibility of the author.*” (GENETTE, 1991, p. 262)

⁴¹ No original: “*its position (the question where?), its date of appearance, and eventually of disappearance (when?), its mode of existence, verbal or other (how?), the characteristics of its communicating instance, addresser and addressee (from whom? to whom), and the functions which give purpose to its message (what is it good for?).*” (GENETTE, 1991, p. 263).

pode ser autoral, editorial, público, privado (ex. um diário em que o autor escreve para sua intimidade). Há também o fator que Genette (1991, p. 268) denomina de “*illocutionary force*” /força ilocucionária, que é relativa à mensagem que o paratexto quer transmitir, ou seja, se ela é somente informativa ou se há algum juízo de valor na mesma. Finalmente, o aspecto funcional do paratexto, que é o principal, de acordo com Genette (1991, p. 269), tendo em vista que é o paratexto com este aspecto que está mais próximo do texto principal e cuja função é “conversar” com ele, explicá-lo. Neste caso, um exemplo são as notas adicionadas ao texto traduzido, que conforme definido por Newmark (1988, p. 92), dividem-se em três tipos: notas de rodapé, notas de final de capítulo e notas ou glossário de fim do livro.

Esses tipos de paratextos são relevantes, apesar de não serem obrigatórios, para auxiliar no entendimento dos marcadores culturais. Por exemplo, Hatje-Faggion (2019), ao discutir as traduções de termos relacionados ao universo amazonense na tradução de *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, por John Gledson, menciona a falta de um glossário no texto de partida para facilitar o entendimento até mesmo de leitores falantes de português do Brasil, ao se referir às marcas culturais regionais.

Em relação às traduções de *Iaiá Garcia*, Bagby Jr. utilizou de forma extensa as notas de rodapé para auxiliá-lo na tradução de marcadores culturais.

Na próxima seção são discutidas as definições de marcadores culturais e a importância de suas traduções para o melhor entendimento das relações sociais e da crítica a elas, feita por Machado de Assis, em *Iaiá Garcia*, pelos leitores de tais traduções.

1.7 A tradução de marcadores culturais

A identificação e a análise de marcadores culturais são essenciais quando se pretende estudar traduções de uma obra literária considerada cânone em seu país de origem, visando garantir que as peculiaridades culturais do local do texto de partida sejam traduzidas para o texto de chegada, tendo em vista que a cultura é representação da vida em uma sociedade, ou como Newmark (1988, p. 94, tradução nossa) a define: é “o modo de vida e suas manifestações peculiares a uma comunidade que usa uma determinada língua como seu meio de expressão.”⁴²

Segundo Aubert (2006), o entendimento dos marcadores culturais é relevante para os Estudos Descritivos da Tradução, pois muitas vezes eles direcionam o tradutor a utilizar um determinado procedimento de tradução, impactando no seu processo tradutório e no seu

⁴² No original: “*culture as the way of life and its manifestations that are peculiar to a community that uses a particular language as its means of expression.*” (NEWMARK, 1988, p. 94).

resultado final, a tradução. Aubert (2006, p. 23) lista os seguintes fatores que trazem à tona os marcadores culturais:

(a) concebem cada língua e cada ato de fala como portador de marcas culturais; (b) identificam tais marcas culturais como colocando desafios significativos à consecução do ato tradutório; e, por conseguinte, (c) preveem que as marcas culturais presentes nos textos originais darão ensejo a comportamentos tradutórios específicos, diversos – em natureza ou em distribuição – àqueles encontrados nos segmentos de texto não marcados culturalmente.

Newmark (1988) afirma que a tradução de palavras que não possuem significados universais, como por exemplo, “água”, que em inglês é “*water*”, em francês é “*eau*”, e que mesmo em dialetos falados em pequenas comunidades do Extremo Oriente ainda significam água, a tradução torna-se delicada, pois passa a envolver aspectos culturais, ou seja, “frequentemente, onde há foco cultural, existe um problema de tradução devido à ‘lacuna’ ou ‘distância’ cultural entre as línguas de partida e de chegada”⁴³ (NEWMARK, 1988, p. 94, tradução nossa); e ao tratar de traduções de obras de países periféricos, como o Brasil, há ainda outros fatores envolvidos, tal qual a discussão sobre se manter a estrangeirização desses termos como forma de preservação da cultura periférica em evidência (VENUTI, 1995; AUBERT; ZAVAGLIA, 2003; BRITTO, 2010).

Essa discussão sobre estrangeirização ou domesticação no processo tradutório e decisório dos tradutores é apresentada a seguir, com a exposição e delimitação de marcadores culturais estudados nesta dissertação, bem como os procedimentos tradutórios mais comumente utilizados pelos tradutores ao lidar com marcadores culturais, dependendo de seu perfil.

1.7.1 Marcadores culturais

A identificação de marcadores culturais é uma tarefa complexa, pois segundo Aubert (2006), o marcador cultural só aparece na diferença, ou seja, se a tradução não indicar uma diferenciação relacionada ao termo, então este não é um marcador cultural. Como afirma Aubert (2006, p. 29, grifo do autor), “a noção de *marcador cultural* remete a um elemento distintivo, isto é, a algo que diferencia determinada solução expressiva linguisticamente formulada de outra solução tida por parcial ou totalmente equivalente”.

A referencialidade também é importante, segundo Aubert (2006), que cita três tipos: a *referencialidade intralinguística*, que envolve, por exemplo, termos jurídicos; a

⁴³ No original: “Frequently where there is cultural focus, there is a translation problem due to the cultural ‘gap’ or ‘distance’ between the source and target languages.” (NEWMARK, 1988, p. 94).

referencialidade intertextual, que abrange manifestações típicas de um lugar, como trechos de comerciais de televisão ou de telenovelas brasileiras; e a *referencialidade extralinguística*, em que o objeto em destaque é não linguístico, e que se divide em domínios semelhantes aos classificados por Newmark (1988, p. 85),⁴⁴ que são: ecologia, cultura material, cultura social e cultura ideológica, os quais não se limitam ao seu próprio domínio, mas muitas vezes se relacionam entre si.

Newmark (1988, p. 96) reafirma a necessidade de se respeitar as culturas, e aponta dois procedimentos de tradução que melhor se aplicam aos marcadores culturais: i) a transferência, que implica “transferir” a palavra da língua de partida para a língua de chegada, ou seja, mantê-la “sem tradução”; mas esse procedimento somente é válido para um público de chegada que tem conhecimento prévio da cultura do texto de partida, de outra forma esse procedimento de tradução não seria capaz de transmitir a mensagem desejada pelo autor do texto na língua de partida; e ii) a análise componencial, em que se traduz o termo compondo-o com outra palavra que o explica.

Aubert (2006) também afirma que as marcas culturais exigem do tradutor funções específicas para a sua tradução, dadas as suas características individuais, além de esclarecer a importância de se estudar o marcador cultural no ato de enunciação, e não como sistema abstrato.

Assim, segundo Aubert (2006), a percepção da existência de uma marca cultural depende de quem lê, de quem a enxerga, reconhece, bem como o seu enquadramento em um dos três referenciais (intralinguístico, intertextual e extralinguístico) também depende da identificação da diferença, pois se não houver diferenças, não há marcador cultural. Quando ocorrem traduções literais, muitas vezes o aspecto cultural não fica evidente, ao contrário de quando há uma necessidade de adaptação ou explicação. Como afirma Aubert (2006, p. 34):

A percepção da marca cultural (marca de alteridade) dá-se e toma forma no olhar do observador: novamente, não apenas não preexiste a este olhar (ou, ao menos, não tem sua existência confirmável sem esse olhar); como a referência (linguística, intertextual ou extralinguística), é diferente em cada espaço de recepção linguístico-cultural distinto, a percepção da diferença, quando ocorre, também será diferente a cada caso.

Newmark (1988) categoriza os termos culturais em cinco tipos: ecologia; cultura material; cultura social; organizações, costumes, atividades, procedimentos, conceitos; e gestos e hábitos. Os marcadores culturais analisados aqui podem ser encaixados no que Newmark

⁴⁴ Segundo Newmark (1988, p. 95), os marcadores culturais se classificam em cinco tipos, quais sejam: 1) ecologia; 2) cultura material (roupas, comida, casas e cidades, transporte); 3) cultura social (trabalho e lazer); 4) organizações, costumes, atividades, procedimentos, conceitos; e 5) gestos e hábitos.

(2008) chama de “cultura social” (apesar de ele se limitar a trabalho e lazer) e “organizações e costumes”. São eles: paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas.

1.7.2 Procedimentos de tradução e os marcadores culturais

De acordo com Paulo Henriques Britto (2010, p. 16), “o trabalho do tradutor é uma forma de mediação cultural”, e são as suas escolhas que determinam como o texto de chegada representará o texto de partida, principalmente na literatura traduzida, remetendo ao ensaio de Schleiermacher (2011) e à ideia de tradutores estrangeirizadores e domesticadores de Venuti (1995), ambas apresentadas no início deste capítulo.

Britto (2010, p. 136) defende que não é possível a um tradutor ser inteiramente domesticador ou estrangeirizador, e que essa gradação entre um extremo e outro ocorre conforme “o grau de proximidade entre a cultura-fonte e a cultura-meta”, sendo que quanto maior a distância, maior a necessidade de utilização de paratextos, no caso do tradutor estrangeirizador, ou de adaptações, no caso do domesticador.

Quando trata de tradução de marcadores culturais, Newmark (1988, p. 103) cita os seguintes procedimentos de tradução:⁴⁵

- a. transferência, que são os “estrangeirismos” (BARBOSA, 1990): transferência de termos da língua de partida para o texto de chegada;
- b. equivalência cultural:⁴⁶ substituição de um termo marcadamente cultural do texto de partida por outro semelhante no texto de chegada adaptado à sua cultura;
- c. neutralização: substituição de um termo do texto de partida por outro com função ou descrição equivalentes;
- d. tradução literal: inclui tanto a tradução palavra por palavra, como o que Aubert (1998, p. 107) chama de transposição (“rearranjo morfossintático”);
- e. tradução provisória ou não estabelecida (“*translation label*”): tradução provisória, geralmente aparece entre aspas, pois pode ser alterada;
- f. naturalização: adapta a palavra da língua de partida para a pronúncia e para a forma na língua de chegada, e se assemelha ao que Barbosa (1990, p. 73) chama de

⁴⁵ No original: “*Translation procedures: (1) Transference; (2) Cultural equivalent; (3) Neutralisation (i.e., functional or descriptive equivalent); (4) Literal translation; (5) Label; (6) Naturalisation; (7) Componential analysis; (8) Deletion (of redundant stretches of language in non-authoritative texts, especially metaphors and intensifiers); (9) Couplet; (10) Accepted standard translation; (11) Paraphrase, gloss, notes, etc.; (12) Classifier.*” (NEWMARK, 1988, p. 103).

⁴⁶ Tanto a equivalência cultural como a neutralização são consideradas transferência, como explicado por Barbosa (1990, p.74-75).

- “aclimatação”, em que “os empréstimos são adaptados à língua que os toma”;
- g. análise componencial: forma uma composição que explica o termo da língua de partida;
 - h. exclusão (de termos redundantes e metáforas), que é semelhante à omissão (BARBOSA, 1990, p. 68), em que se omitem termos da língua de partida supérfluos (para o tradutor);
 - i. outros, como o agrupamento (utilização de dois ou mais procedimentos ao mesmo tempo), tradução padrão estabelecida, paráfrases, glossários, notas, classificadores.

Em *Iaiá Garcia*, por exemplo, o tradutor estadunidense Bagby Jr., ao se deparar com o termo “catarinense”, opta por manter o termo em português, utilizando o procedimento de “transferência” e inserindo uma nota de rodapé; de outra forma, o tradutor escocês, Scott-Buccleuch, traduz “catarinense” como “*a woman from Santa Catarina*”, utilizando o procedimento de “análise componencial”, em que ele explica esse termo na língua de chegada.

Aubert e Zavaglia (2003) também discutem a utilização dos procedimentos de tradução acima elencados para tradução de marcadores culturais, destacando o que Newmark (1988) chama de “transferência”, Barbosa (1990), de “estrangeirismo”, e eles de “empréstimo”, que, segundo Aubert e Zavaglia, é a “não tradução”, com a manutenção do termo na língua de partida e a complementação de informação com paratextos (glossários, notas de rodapé, etc.).

Tanto Aubert (2006) como Newmark (1988) explicitam a necessidade de cotejo para a identificação de marcadores culturais. Esse cotejo, nesta dissertação, seguirá o conceito de “unidades de tradução” de Toury (1995), já explanado anteriormente.

Um outro procedimento de tradução relevante e que deve ser destacado é o uso de paratextos, o qual foi extensamente utilizado por Bagby Jr. no seu processo tradutório dos marcadores culturais em *Iaiá Garcia*. Bagby Jr., além de incluir diversas notas de rodapé, também agrega à sua tradução uma ampla introdução sobre a vida e obra de Machado de Assis, bem como uma análise sobre o romance *Iaiá Garcia*.

1.7.3 Traduzindo marcadores culturais: a questão do paternalismo

A questão do paternalismo é tema central do romance *Iaiá Garcia*, porém não está explícita no texto, sendo apresentada nas descrições das relações sociais e com o uso de termos específicos, como o “agregada”, muito utilizado por Machado de Assis em seus romances.

John Gledson, estudioso de Machado de Assis, ao comentar as motivações que o

levaram a fazer uma retradução de *Dom Casmurro*, comenta, em entrevista de 2013, a tradução realizada por Robert Scott-Buccleuch, e afirma que “qualquer pessoa que ache que ‘agregado’ deve ser traduzido como um ‘*friend of the family*’ não conhece muito sobre a sociedade ou cultura brasileiras, onde as relações de favor e dependência são fundamentais.”⁴⁷ (GLEDSON, 2013, p. 239, tradução nossa).

Costa (2016) afirma que é na tradução dos termos marcados culturalmente que o tradutor também tem que exercer o papel de mediador de culturas, ou seja, pode-se dizer, com base em Lefevere (1992), que o tradutor, que conhece as duas culturas envolvidas, tem a capacidade de transportá-la de um lugar para outro, de forma a permitir que a outra cultura entenda a primeira.

Para a tradução de marcadores culturais, Newmark (1988) sugere os procedimentos de tradução de “transferência”, em que se mantém o termo na língua de partida, e a “composição”, na qual se pode explicar o termo na própria tradução. As notas explicativas e os glossários também podem ser utilizados como ferramentas para se explicar o termo marcado culturalmente.

No entanto, se o objetivo do tradutor for somente traduzir o texto literário como um romance, as questões do paternalismo não teriam que ser explicitadas, e mesmo assim a tradução seria possível. Como afirma Britto (2012, p. 47):

um romance de Machado de Assis pode ser estudado para fazer uma análise da sociedade brasileira no Segundo Império. Porém esses textos são considerados literários na medida em que os valorizamos como objetos que nos proporcionam prazer estético.

Porém, é importante ressaltar a vontade de Machado de Assis de representar a sociedade carioca da época, bem como a relevância de se entender as relações de paternalismo para se entender as obras de Machado de Assis, conforme afirmam Schwarz (2000) e Gledson e Freitas (2013).

1.7.4 Traduzindo marcadores culturais: formas de tratamento

Segundo Baubeta (1992), existem diversas teorias linguísticas que estudam as formas de tratamento utilizadas nas interações sociais que dependem de tipo de relacionamento e intimidade entre os indivíduos na vida social. Especificamente na América Latina, Biderman

⁴⁷ No original: “Anyone who thinks that ‘agregado’ should be translated as ‘*friend of the family*’ doesn’t know much about Brazilian society or culture, where relations of favour and dependency are fundamental.” (GLEDSON, 2013, p. 239).

(1972/1973, p. 340) afirma que as formas de tratamento (e não somente os pronomes de tratamento) estão relacionadas às estruturas sociais e “o ‘status’ social de cada um dos membros da díade humana no diálogo, determina as regras que devem ser observadas por cada um deles”.

A tradução de formas de endereçamento, de acordo com Baubeta (1992), decorre de fatores linguísticos e extralinguísticos, e nem sempre uma solução de tradução é encontrada, pois muitas vezes nem o próprio indivíduo nativo tem certeza de qual forma de tratamento utilizar em determinadas situações.

Uma forma comum de endereçamento no Brasil, além dos usos de “tu” e “você”, é o uso de “senhor”, “senhora”, acompanhando o nome do indivíduo. De acordo com Costa (2013, p. 150), John Gledson, tradutor de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, torna a sua tradução mais “multicultural” ao manter as formas de tratamento em português, como “Sr. Bentinho”, que vira “Senhor Bentinho”. No Brasil, também é muito comum o uso de honoríficos, como “doutor”, para demonstrar uma superioridade social, o que não existe na língua inglesa:

Um aspecto em que o português brasileiro e o português de Portugal divergem bastante do inglês é a importância atribuída a títulos honoríficos e títulos indicativos de aproveitamento escolar ou status profissional: *Senhor Doutor, Senhor Engenheiro, Senhor Arquitecto* (Jensen 1981:60).⁴⁸ (BAUBETA, 1992, p. 90, tradução nossa, grifo da autora).

Para esses casos, o melhor seria identificar a hierarquia das relações, e demonstrar respeito com o uso de “*sir*” e “*Mr.*”, por exemplo.

No Brasil ainda se utilizam as formas diminutivas das palavras para demonstrar afeto, o que não ocorre na língua inglesa, causando grande dificuldade de tradução. Segundo Baubeta (1992, p. 95), a melhor forma de tradução desses termos é procurar termos que demonstrem afeto na língua de chegada:

Essa mistura de afeto e respeito pode funcionar bem em português, mas tende a criar dificuldades para o tradutor, que deve decidir primeiro se mantém ou não a fidelidade à sintaxe do original [...] e, em segundo lugar, qual é a mais adequada forma/termo nominal de carinho.⁴⁹ (BAUBETA, 1992, p. 95, tradução nossa).

Os pronomes podem expressar as relações envolvidas, de poder, de amizade, de

⁴⁸ No original: “*One aspect in which both Brazilian and Portuguese diverge quite considerably from English, is in the importance attributed to honorifics and titles indicative of educational achievement or professional status: Senhor Doutor, Senhor Engenheiro, Senhor Arquitecto* (Jensen 1981:60).” (BAUBETA, 1992, p. 90).

⁴⁹ No original: “*This blend of affection and respect may work well in Portuguese, but it does tend to raise difficulties for the translator, who must decide firstly whether or not to remain faithful to the syntax of the original [...], and secondly which is the most appropriate nominal form/term of endearment.*” (BAUBETA, 1992, p. 95).

solidariedade, principalmente nos usos de “tu”, “você”, e as terceiras pessoas como forma de se dirigir a crianças, ou como forma de respeito. Segundo Baubeta (1992, p. 100), “senhor” pode até ser traduzido como “you”, mas nesse caso é necessária a adição de algum termo que demonstre a relação de respeito. Porém o mais difícil, segundo ela, é a tradução de “senhor” adicionado a alguma profissão, ou o “senhor doutor”. Na língua inglesa, o melhor é a tradução por “Mr.” adicionado ao sobrenome. As outras formas soam estranhas.

Enfim, a tradução das formas de tratamento não é exata, mas não é impossível. Para traduzi-la da melhor forma o ideal é entender as situações e as relações de poder e respeito envolvidas nas interações sociais.

1.7.5 Traduzindo marcadores culturais: refeições

A mesa das refeições é o local em que eventos familiares relevantes se desenrolam. Como afirma Márcia Camargos (2015), sobre as refeições em 1875: “As refeições eram mais do que o momento de se alimentar – também representavam uma ocasião propícia para fechar negócios, declarar ambições e selar pedidos de casamento.”

Segundo Britto (2012), os conceitos de refeições como almoço, jantar, parecem ser universais, mas não o são. As refeições podem até ocorrer nos mesmos horários em diferentes países, contudo em alguns casos o almoço pode ser a refeição mais reforçada do dia, e em outros, essa refeição pode ser o jantar. Como afirma Britto (2012, p. 14-15):

tanto o inglês quanto o português têm palavras para designar as diferentes refeições do dia, mas o critério usado para distingui-las não é o mesmo nas duas línguas. Em inglês, *lunch* é uma refeição mais leve, e *dinner*, a mais completa do dia; como nas culturas anglófonas a regra é fazer uma refeição mais leve por volta do meio-dia e uma mais pesada ao final da tarde ou no início da noite, costuma-se traduzir *lunch* como “almoço” e *dinner* como “jantar”. Mas na verdade o critério básico para denominar as refeições em português não é o peso da refeição, e sim a hora em que ela é feita: por definição, o “almoço” se dá por volta do meio-dia e o “jantar” ao cair da tarde ou à noite. [...] Esse exemplo já mostra de que modo as questões linguísticas estão inextricavelmente ligadas à fatores culturais – no caso, os hábitos alimentares.

Como afirma Newmark (1988, p. 94, tradução, grifo nosso), “palavras universais como ‘breakfast’, ‘embrace’, ‘pile’ frequentemente cobrem a função universal, mas não a descrição cultural do referente⁵⁰”. Ou seja, os problemas de tradução com foco cultural decorrem da distância existente entre as línguas de partida e de chegada. E, no caso das refeições, tanto os

⁵⁰ No original: “Universal words such as ‘breakfast’, ‘embrace’, ‘pile’ often cover the universal function, but not the cultural description of the referent.” (NEWMARK, 1988, p. 94).

costumes locais como a época que está sendo descrita são relevantes no momento da tradução para a língua de chegada.

1.7.6 Traduzindo marcadores culturais: expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas são representantes típicas de uma cultura, criadas de acordo com situações locais, e que representam a identidade cultural de uma nação. De acordo com Guilhermina Jorge (2001, p. 216):

As expressões idiomáticas (EIs)... mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade. [...] Conhecê-las implica conhecer o povo, a cultura que lhes deu vida, estabelecer entre elas e os homens relações, conhecer mais profundamente a língua e as múltiplas formas de expressividade.

A junção de palavras que formam as expressões idiomáticas é o que define a especificidade da língua, pois é esse conjunto que traz em si a individualidade de cada forma de expressão idiomática, não bastando conhecer as palavras isoladamente para entendê-las (JORGE, 2001, p. 219). O grande desafio enfrentado pelos tradutores para a tradução dessas expressões da língua de partida para a língua de chegada é saber como interpretar esse agrupamento de palavras isoladas que juntas têm um significado único.

As expressões idiomáticas carregam em si um sentido próprio, e na quase maioria das vezes, não é possível decifrá-las somente pelo sentido de cada palavra individualmente. Segundo Mona Baker (1992, p. 63, tradução nossa), as expressões idiomáticas são fixas e não podem: “1. mudar a ordem das palavras nelas contidas; 2. apagar uma palavra da expressão; 3. adicionar uma palavra à expressão; 4. substituir uma palavra por outra na expressão; 5. mudar a estrutura gramatical.”⁵¹

Ainda segundo Baker (1992, p. 65, tradução nossa), existem duas grandes dificuldades enfrentadas pelo tradutor de expressões idiomáticas, que são a de reconhecer uma expressão idiomática e a de encontrar uma expressão que expresse todos os significados da expressão na língua de chegada, ou seja: “a habilidade de reconhecer e interpretar corretamente uma expressão idiomática; e as dificuldades envolvidas em interpretar os vários aspectos de significado que uma expressão idiomática ou expressão fixa transmitem para a língua de

⁵¹ No original: “1. change the order of the words in it; 2. delete a word from it; 3. add a word to it; replace a word with an Other; 5. change its grammatical structure.” (BAKER, 1992, p. 63).

chegada”,⁵² que são as mesmas dificuldades apontadas por Newmark (1988, p. 33), que é a de não entender a expressão e a de ter dificuldade para traduzi-la.

Em relação a estas dificuldades, o tradutor geralmente identifica a expressão idiomática pela estranheza que causa o conjunto das palavras, porém o tradutor deve estar atento para expressões que podem ter mais de um significado, sendo um o literal e o outro, o da expressão, além disso, outro cuidado é com expressões que possuem uma tradução semelhante, mas seus significados são totalmente diferentes.

Após a identificação da expressão idiomática, Baker (1992) aponta as seguintes dificuldades de tradução:

- 1) a expressão idiomática pode não ter um equivalente na língua de chegada, considerando que a sua existência está intimamente ligada a cultura da língua de partida;
- 2) pode existir na língua de chegada uma expressão semelhante à da língua de partida, contudo com significado ou forma de uso bem diferentes;
- 3) a expressão idiomática pode ser usada no texto de partida tanto com o seu significado literal como o da expressão, e muitas vezes o jogo de palavras não pode ser reproduzido;
- 4) a forma de usar as expressões idiomáticas no texto escrito pode ser diferente na língua de partida e na língua de chegada.

Tendo em vista essas quatro dificuldades apontadas, Baker (1992) sugere as seguintes estratégias de tradução de expressões idiomáticas, com a observação de que a tradução depende da forma como elas são usadas na língua de partida e na língua de chegada, da cultura, costumes e usos:

- 1) usar uma expressão idiomática semelhante na forma e no significado;
- 2) usar uma expressão idiomática semelhante no significado, mas diferente na forma;
- 3) usar paráfrases;
- 4) traduzir pela omissão;
- 5) utilizar o procedimento da compensação, em que se substitui a expressão idiomática que o tradutor entende não ser possível traduzir, por outras expressões em outras partes do texto, mas que tragam a sensação que se queria ter com a expressão

⁵² No original: “*the ability to recognize and interpret an idiom correctly; and the difficulties involved in rendering the various aspects of meaning that an idiom or a fixed expression. conveys into the target language.*” (BAKER, (1992, p. 65).

idiomática, seja de humor, surpresa, etc.

Sobre a tradução de trocadilhos (“*puns*”), Newmark (1988, p. 217) afirma que, quando um trocadilho é feito somente para ser engraçado, uma alternativa seria traduzi-lo com outro trocadilho na língua de chegada que causasse a mesma sensação, porém quando as palavras são mais importantes que o efeito, ele sugere que se faça o trocadilho de forma que soe estranho, ou que se explique em nota o que ele significa.

Neste capítulo foi apresentada a base teórica que servirá de respaldo para a análise descritiva e comparativa das duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* de Machado de Assis a ser realizada nesta dissertação e que se ampara no campo dos Estudos descritivos da Tradução.

2 MACHADO DE ASSIS E *IAIÁ GARCIA*

Neste capítulo, são apresentados o autor, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), e a obra *Iaiá Garcia* (1878), objeto de estudo desta dissertação, em conjunto com suas duas traduções para o inglês.

Além dessas apresentações, há também o item 2.2.2 que apresenta o detalhamento da análise crítica realizada, principalmente, por Roberto Schwarz (2000), em que apresenta argumentos para considerar essa uma obra de transição na carreira literária de Machado de Assis, e cujo tema central são as relações paternalistas do século XIX, com foco no papel do favor e dos agregados, que foram os direcionadores na escolha dos marcadores culturais a serem analisados no processo tradutório. Ainda neste capítulo há uma breve análise sobre o papel das mulheres nas obras de Machado de Assis, especialmente em *Iaiá Garcia*.

2.1 Joaquim Maria Machado de Assis – vida e obra

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira. Nasceu em 21 de junho de 1839 e faleceu em 29 de setembro de 1908, no Rio de Janeiro. Seu pai, Francisco José de Assis, era pintor, filho de escravos alforriados, e sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis, prestava serviços domésticos e era açoriana. Ela faleceu quando Machado era ainda criança, porém seu pai se casou novamente. Machado de Assis se casou em 12 de novembro de 1869 com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, e ficaram juntos por 35 anos, até a morte dela. Eles não tiveram filhos, e Machado teve somente uma irmã, que faleceu ainda criança, vítima de sarampo. O escritor nunca saiu do Rio de Janeiro, tendo sido criado no Morro do Livramento.

Machado de Assis trabalhou como auxiliar de tipógrafo na Imprensa Nacional, e teve diversos outros empregos. Foi um dos fundadores, em janeiro de 1897, e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), cargo que ocupou por mais de 10 anos. É o fundador da cadeira de número 23.

Como apontado por Antonio Candido (1970), muitos biógrafos de Machado de Assis gostam de reforçar as características que teriam tornado a sua vida social complicada, como a “cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa” (CANDIDO, 1970, p. 15); mas ainda segundo Candido, essas dificuldades não foram tão graves assim, e não impactaram tanto em sua obra.

Apesar de ainda na sua época já ter obtido o reconhecimento como um dos grandes escritores nacionais, essa fama não se estendia ao mundo além das fronteiras brasileiras, mesmo que fosse um de seus desejos ter suas obras traduzidas e publicadas no exterior (GUIMARÃES, 2009). Uma das explicações apresentadas por Candido (1970) é a pouca importância política do Brasil naquela época e o limitado alcance da língua portuguesa no mundo. Aliás, o destaque político de um país até hoje influencia na forma como a sua cultura (incluindo a sua literatura) impacta o mundo. Porém Candido aponta que nos anos de 1970 parecia haver um aumento no interesse dos EUA e da Inglaterra pelas obras de Machado de Assis, o que pode ser um indício das motivações que levaram à publicação de duas traduções de *Iaiá Garcia* em meados dos anos de 1970, apesar de nenhum dos tradutores ter explicitado suas razões publicamente.

Esse jogo político e a pouca importância da língua portuguesa no mundo artístico utilizados como justificativa por Candido para a marginalidade, na época, de escritores, como o português Eça de Queirós e o brasileiro Machado de Assis, também foi uma das explicações apresentadas pelo crítico inglês Harold Bloom (2002) para a demora em se reconhecer a genialidade de ambos os escritores. Bloom (2002, p. 675) justifica esse reconhecimento tardio da genialidade de Machado de Assis devido as más traduções para o inglês de suas obras (opinião do crítico expressa no texto), o que mudou com as ótimas traduções, mais uma vez de acordo com a opinião de Bloom, de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, 1997) e *Quincas Borba* (*Quincas Borba*, 1998), realizadas por Gregory Rabassa, e de *Dom Casmurro* (*Dom Casmurro*, 1997), feita por John Gledson.

Machado de Assis é conhecido pela ironia e pelo estilo refinado em suas obras. Candido (1970, p. 18) destaca a “ironia fina, [o] estilo refinado” e o pessimismo. Já Alfredo Bosi (1999, p. 11) afirma que o comportamento humano é a principal matéria-prima para Machado de Assis.

Candido (1970, p. 28) também cita algumas características típicas dos romances e contos de Machado de Assis, e duas aplicam-se à *Iaiá Garcia*, quais sejam: i) a certeza de que todo ato tem uma consequência, ou seja, dada as opções apresentadas, um destino será seguido de acordo com cada escolha dos personagens; e ii) utilização do tema da “transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual”; ou seja, no caso das mulheres em *Iaiá Garcia*, por exemplo, elas devem fazer o que devem fazer, e mesmo quando Luís Garcia vislumbra uma possibilidade de independência do favor para sua filha, Iaiá, que seria ela se tornar professora de piano, mesmo assim ela vai se casar com o homem rico, Jorge. No caso de Estela, acontece o mesmo quando ela, com seu orgulho, luta contra esse destino do casamento salvador, mas não consegue fugir

totalmente, pois para se tornar independente, não pode ter um final completamente feliz, terminando sozinha.

Quando, em 1873, Machado escreveu o seu artigo “Instinto de nacionalidade”, ele se mostrava preocupado com a formação de uma literatura nacional brasileira e demonstrava perceber esse instinto surgindo nas obras até então publicadas. No excerto a seguir, Machado de Assis explicita que não somente os índios, mas também a sociedade brasileira que se formava, poderia ser fonte de inspiração para a literatura:

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. (ASSIS, 1873/1994, p. 2).

Outro item importante abordado por Machado de Assis (1873/1994, p. 2) foi que a literatura nacional não precisava basear-se somente em assuntos nacionais, mas que ela envolveria a sociedade brasileira como um todo, ou seja, ele não concordava com a ideia de que se poderia reconhecer somente “o espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura”.

Seguindo o conselho de Antonio Candido (1970, p. 32, grifo nosso), para ler Machado de Assis e apreciá-lo:

Procuremos sobretudo as situações ficcionais que ele inventou. Tanto aquelas onde os destinos e os acontecimentos se organizam segundo uma espécie de encantamento gratuito; quanto as outras, *ricas de significado em sua aparente simplicidade, manifestando, com uma enganadora neutralidade de tom, os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos.*

Machado de Assis foi um escritor prolífico e escreveu diversos contos (mais de duzentos) no decorrer de sua vida adulta, bem como peças de teatro, críticas literárias, crônicas e traduções. O seu primeiro romance publicado foi *Ressurreição*, de 1872. Em seguida publicou *A mão e a luva*, em 1874, *Helena*, em 1876, e, finalmente, *Iaiá Garcia*, em 1878. Seu próximo romance a ser publicado já possuía um estilo diferenciado, repleto de crítica social e ironia, características pelas quais Machado é conhecido, e que estão presentes em suas obras desse período mais prestigiado, o realista, no qual os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, *Quincas Borba*, de 1891, *Dom Casmurro*, de 1899, *Esau e Jacó*, de 1904, e o último romance *Memorial de Aires*, de 1908, foram publicados.

Seus romances foram traduzidos no mundo todo, para diversas línguas. De acordo com informações disponíveis na página da ABL,⁵³ existem 41 publicações traduzidas de Machado de Assis. Já a página da UNESCO⁵⁴ indica a existência de 99 publicações até 2009. Dentre essas obras estão os romances mais conhecidos, como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, mas também *Iaiá Garcia*, cujas duas traduções para o inglês são aqui analisadas.

2.2 *Iaiá Garcia*

Iaiá Garcia é o último romance de Machado de Assis de sua fase considerada “romântica”. Foi publicado a partir de 01 de janeiro de 1878, inicialmente no formato de folhetim no jornal *O Cruzeiro*, e posteriormente foi publicado em formato de livro pela tipografia de *O Cruzeiro*.

Figura 1 - capa de "O cruzeiro" de 04/01/1878



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

Figura 2 - contracapa da 1ª. edição de Iaiá Garcia



Fonte: Edição digitalizada disponibilizada pela biblioteca Brasileira

⁵³ Disponível em:

https://www.machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/startd466.html?UserActiveTemplate=mac hadodeassis&sid=89&from_info_index=1&tpl=printerview_default. Acesso em: 10 set. 2019.

⁵⁴ Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso em: 10 set. 2019.

2.2.1 O enredo de *Iaiá Garcia*

Esse romance narra a história de Luís Garcia, funcionário público, de sua filha, Lina Garcia, chamada de Iaiá, e de seu escravo alforriado, Raimundo. Eles se relacionam com a família de Valéria Gomes e de seu filho Jorge, os quais costumam solicitar os serviços de Luís Garcia, assim como o Desembargador, falecido marido de Dona Valéria, costumava fazer. Valéria convive com uma agregada, Estela, cujo pai, o Sr. Antunes, era o assistente faz-tudo de seu falecido marido. Quando a esposa dele faleceu, Estela estudava em um colégio e depois foi morar com Valéria. Além desses personagens, há também Procópio Dias, que Jorge conheceu durante a Guerra do Paraguai, que enriqueceu com o comércio e a especulação durante esse período, e o qual tem um interesse amoroso por Iaiá, que acaba por não se concretizar.

Quando Jorge passa a se interessar por Estela, Valéria se incomoda e cogita casar Jorge com a parenta, Eulália, que se recusa. Então Valéria pede a ajuda de Luís Garcia para convencer Jorge a lutar na Guerra do Paraguai, o que acontece. Ao retornar, após o falecimento de sua mãe, Jorge volta a se relacionar com Luís Garcia e descobre que esse se casou com Estela, por influência de sua mãe. Nessas visitas ele conhece Iaiá, que se interessa por ele, e depois de várias reviravoltas, se casa com Jorge. Após a morte de Luís Garcia, Estela decide aceitar um convite para trabalhar como professora em São Paulo, e Jorge e Iaiá se casam.

O enredo de *Iaiá Garcia* é bem simples e previsível, mas o mais relevante desse romance são as relações que se desenvolvem e que representam a sociedade da capital do Brasil (Rio de Janeiro) da época. Como definido por Schwarz (2000, p. 216), “Luís Garcia é funcionário, Estela será professora e assalariada, Jorge faz vida de rapaz, Procópio Dias é negociante, o Desembargador era político, mas o romance não os trata nesta qualidade, e sim na de pai, filha, noiva, pretendente, protegida etc.” E ao desenvolver essa história da vida comum, Machado de Assis faz a representação mais profunda das relações sociais do Brasil oitocentista.

2.2.2 Análise crítica: o “favor” e os “agregados”

Os conceitos de “favor” e “agregados” estão intimamente relacionados com a história do Brasil, e são características típicas da sociedade brasileira, principalmente daquela que se formava no país em fins do século XIX, com a iminente abolição dos escravos, decorrente não exclusivamente de razões morais, mas econômicas, já que o valor de manutenção de um escravo era muito alto (ainda que o tratamento fosse precaríssimo), e o homem livre seria um consumidor dos produtos das novas indústrias que chegavam ao país (SCHWARZ, 2009b).

Porém os custos dessa abolição tardia e sem programas de inclusão foram altíssimos para a sociedade nacional, e seus impactos são percebidos até os dias atuais, com o preconceito, dificuldades de ascensão, má-distribuição de renda, corrupção, entre outros problemas.

Como afirma Schwarz (2000, p. 16) sobre o favor, na sociedade brasileira do século XIX havia:

[...] três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. Entre os dois primeiros a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor ... o agregado é sua caricatura ... o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força ... E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto. O favor é a nossa mediação quase universal.

Fazer parte desse grupo social que prestava favores significava não fazer parte do grupo de escravos, e isso demonstrava um status social. Ou melhor, o Brasil dessa época buscava os princípios do liberalismo europeu, porém teve latifúndios dependentes da escravidão praticamente até o final do século XIX, e os brancos que não eram da aristocracia eram pobres que dependiam do favor (SCHWARZ, 2009a). Os dependentes aparecem de formas diversas em *Iaiá Garcia*, do mais dependente ao mais relutante, como afirma Schwarz (2000, p. 158):

Do lado dos dependentes, a galeria forma algo como uma escada, que começa na submissão total e inocente, vizinha da escravidão e da devoção religiosa, passa pela submissão abjeta do oportunista, chega à submissão contrariada das pessoas que se prezam, e vai mesmo à ruptura do vínculo de dependência, através do trabalho assalariado.

Roberto Schwarz (2000, p. 178) afirma que Estela “é a réplica feminina de Luís Garcia”. Ou seja, ela é aquela que luta contra as relações de paternalismo e as enfrenta de forma austera. Enquanto o oposto de Luís Garcia é a senhora Valéria, o de Estela é o filho daquela, Jorge (playboy/ dândi). Tanto Valéria como Jorge a todo tempo expressam a sua dominação social sobre Luís Garcia e Estela, e ambos a todo momento cedem e, ao mesmo tempo, lutam contra essa relação de favor. Porém Estela, por ser mulher, muitas vezes tem que ceder mais, para sobreviver na sociedade da época. “Dentro do campo estreito e opressivo que é o seu, ela procura uma espécie de obediência sem baixeza, que corresponde aos obséquios frios de Luís Garcia.” (SCHWARZ, 2000, p. 182).

No fim, Estela não ficará com Jorge; e da possibilidade de casamento com este, passa para o casamento com outro, e até mesmo presencia a troca de afeição de Jorge por ela para

Iaiá, ou seja, “o mérito intelectual e moral é neste livro monopólio dos dependentes”. (SCHWARZ, 2000, p. 188).

O livro pode ser dividido em duas fases: a primeira até a ida de Jorge à Guerra do Paraguai, e a segunda com a sua volta, estando Luís Garcia e Estela casados e Valéria morta. Enquanto na primeira fase era clara a relação de dependência tanto de Luís Garcia quanto de Estela com Valéria, na segunda a relação muda.

Para Estela, o trabalho aparece como uma forma de se livrar do paternalismo e das formas de dominação. Antes de falecer, Luís Garcia pede à Jorge que cuide tanto de Iaiá quanto de Estela, que passa agora a ter o papel de sogra e dependente do homem de posses que amava, e é essa situação a gota d'água que faltava e que leva à grande transformação na vida de Estela: mudar de cidade e trabalhar como professora, a fim de acabar com o círculo de favor em que vivia, apesar de trabalho pago não ser mencionado, como lembra Schwarz (2000).

Schwarz (2000) também conclui que a forma que a personagem Estela é retratada demonstra o quão realista é esse romance. Ela é agregada e orgulhosa, e sabendo de sua posição e de sua situação, aceita viver com Valéria e os favores que recebe, porém faz de tudo para retribuí-los da melhor forma que consegue. Aliás, em *Iaiá Garcia*, as relações de favor estão escancaradas, mas nenhum personagem demonstra reprovação em relação a elas, mas, sim, vivem com a normalidade das relações, que são como são. Ou seja: “A humilhação das humilhações, aquela que é visada neste livro, não está nas relações de dependência enquanto um fato, mas nas ilusões que as acompanham, e sobretudo no gozo muito particular que acompanha estas últimas.” (SCHWARZ, 2000, p. 171).

Enfim, segundo Schwarz (2000, p. 16, grifo do autor), o favor estava em todas as relações sociais do Brasil Império:

[...] o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional [...] assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto. *O favor é a nossa mediação quase universal.*

Uma situação interessante em *Iaiá Garcia* é o papel das mulheres no romance. Todas elas são fortes e exercem as suas vontades, de um jeito ou de outro, e por isso é relevante destacar a importância das mulheres nas obras de Machado de Assis.

A sociedade carioca retratada em suas obras é aquela que se formou após a vinda da família real portuguesa para o país em 1808, ou seja, faz parte dela a corte que acompanhou a família real na sua vinda ao Brasil e que participou do desenvolvimento econômico e cultural do Rio de Janeiro.

A mulher nessa sociedade tinha o papel de mera representante do marido. Como afirma Ingrid Stein (1984, p. 23), “a mulher ocupava na família uma posição secundária, inferior à do homem. Ao lado da função procriadora, de assegurar herdeiros, a mulher de classe alta exercia a atividade de uma espécie de administradora das tarefas do lar.” Para a mulher restava apenas se casar, ser considerada “solteirona” ou ser freira em um convento. Era essa a condição que determinava a sua posição na sociedade da época de Machado de Assis, e a mulher casada ocupava um lugar de destaque se comparada às outras. A mulher somente ascendia socialmente com o casamento.

Assim sendo, Estela desafia o *status quo* ao não aceitar as investidas de Jorge, porém se rende ao aceitar se casar com Luís Garcia, mas isso é permitido e mantém a sua dignidade, pois Luís Garcia era seu igual, um homem livre. Já Iaiá segue o rumo normal das coisas, ascendendo socialmente quando se casa com Jorge. Como resume Stein (1984, p. 74-75):

O que impressiona em Estela são a sua serenidade e segurança, propriedades que, em meio ao sacrifício a que a personagem se submete, exigem-lhe força. Esta força é produzida em Estela pelo seu orgulho – gerador, portanto, do seu procedimento qualificado de “isento”, “digno”, “leal” e “superior”.

Em relação às viúvas nos romances de Machado de Assis, como Valéria em *Iaiá Garcia*, estas são sempre mulheres fortes e independentes, o que era permitido socialmente somente a elas. Valéria, viúva, era a responsável pelo dinheiro, pela casa e pelo filho Jorge. O papel dela é relevante em *Iaiá Garcia*, afinal é ela que articula para enviar o filho à Guerra do Paraguai e impedi-lo de ter qualquer envolvimento com sua protegida Estela, bem como é ela também que garante que Estela tenha meios de viver, seja cuidando de sua educação, seja lhe dando um dote para se casar com alguém respeitável, desde que não fosse seu filho. Para Valéria, o status social era tão relevante que ela prefere que seu filho vá para a guerra a se casar com uma dependente, mesmo que essa dependente fosse uma pessoa próxima e querida por ela, mas que deveria se manter no seu lugar de agregada. Enfim, as mulheres em Machado de Assis, especialmente em *Iaiá Garcia*, são mulheres que pensam por si e que dominam as histórias contadas por ele. Como afirma Bagby Jr. (1993, p. 15), as mulheres “foram criações verídicas e completas de figuras femininas, belas, muitas vezes, mas dotadas de caráter e vértebra, de alma, coração e cérebro em constante movimento”.

Enfim, para compreender *Iaiá Garcia*, é preciso conhecer não somente o funcionamento das relações sociais do Rio de Janeiro no século XIX, como também entender o papel das mulheres nas obras de Machado de Assis, já que é por meio delas que as engrenagens da sociedade são expostas.

Neste capítulo foram apresentados dados sobre o autor, Joaquim Maria Machado de Assis, e a obra *Iaiá Garcia*, que será objeto de análise descritiva e comparativa desta dissertação, em conjunto com suas duas traduções para o inglês.

3 **IAIÁ GARCIA EM INGLÊS: ANÁLISE DA TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS E DO PERFIL DOS TRADUTORES**

“Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões.”
(MACHADO DE ASSIS, 1878).

“Not everything is lost in the shipwreck of our
illusions.”
(ROBERT L. SCOTT-BUCCLEUCH, 1976).

“Something, at least, is salvaged from the shipwreck
of illusions.”
(ALBERT BAGBY JR., 1977).

O texto da epígrafe acima, “Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões”, é a última frase do romance *Iaiá Garcia*. Ao fazer uma procura rápida desta frase, em português, no site de buscas *Google*,⁵⁵ apareceram aproximadamente 17 mil resultados, dentre eles muitas páginas de citações. Segundo a opinião do próprio tradutor escocês, Scott-Buccleuch (1982, p. 109), nessa ocasião sua tradução é melhor que a do tradutor estadunidense, Bagby Jr., pois ela “está mais próxima ao espírito de Machado de Assis.” Para Scott-Buccleuch (1982), sua tradução deixa o sentido mais pessimista do que a de Bagby Jr., que é uma das características pelas quais Machado é conhecido. Porém, Bagby Jr. realmente via um otimismo realista em Machado de Assis (1977, p. xx).

Neste capítulo é essa discussão que a análise das duas traduções de *Iaiá Garcia*, a seguir apresentada, pretende mostrar e refletir sobre, ou seja, como as marcas culturais, que nesse caso estão muito relacionadas às relações sociais, foram traduzidas pelos dois tradutores para o mundo anglo-americano, e quais as semelhanças e diferenças entre elas.

Para a realização da análise descritiva e crítica das duas traduções do romance *Iaiá Garcia* da língua portuguesa brasileira para a língua inglesa será adotado o esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985, p. 42, tradução nossa), tendo em vista que a tradução é “um legítimo objeto de investigação científica.”⁵⁶ Helder Martins (1999) também recomenda esse tipo de análise sistêmica e reforça a importância de se conhecer o texto de partida como forma de auxiliar a comparação. Afinal, como afirmam Lambert e van Gorp (1985), a análise da correspondência entre “texto 1” e “texto

⁵⁵ Busca realizada em 07/11/2021, às 10:20.

https://www.google.com/search?q=alguma+coisa+escapa+ao+naufr%C3%A1gio+das+ilus%C3%B5es&oeq=alguma+coisa+escapa+ao+naufr%C3%A1gio+das+ilus%C3%B5es&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyBAGjECcyBQgAEIAEMgUIABCABEoECEEYAEoECEEYAFAAWABg1AloAHAAeACAAZkDiAGZA5IBAzQtMZgBAMABAQ&scient=gws-wiz

⁵⁶ No original: “a legitimate object of scientific investigation.” (LAMBERT; VAN GORP, 1985, p. 42).

2” é complexa, envolve um estudo amplo de diversos aspectos que os impactam, e por isso a relevância do estudo dos sistemas literários, tanto do texto de partida quanto dos dois textos traduzidos abordados nesta dissertação.

Assim sendo, o objetivo desta análise descritiva e crítica é identificar se as traduções são orientadas para o texto de partida ou para o texto de chegada, bem como se os tradutores possuem tendências domesticadoras ou estrangeirizadoras, além de apontar a relevância dessas traduções nos sistemas literários britânico e estadunidense por meio da análise de sua recepção (editora, crítica).

De acordo com o esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985, p. 44), essa análise engloba tanto o estudo do autor do texto de partida como dos tradutores do texto de chegada, considerando que o tradutor também é autor de seu próprio texto; e da relação destes com os seus pares em seus respectivos sistemas literários; a recepção da obra de partida (obra de origem, que deu origem à tradução) e de suas traduções em seus respectivos sistemas literários, como em relação às outras obras semelhantes; estudo sobre o perfil dos leitores do texto de partida, bem como sobre os possíveis leitores dos textos de chegada. Nesse caso, as estratégias de tradução utilizadas por cada tradutor dão os subsídios para essa reflexão, uma vez que as expectativas e demandas de seu público leitor fazem parte dessa estratégia.

Nesta dissertação são comparadas obras publicadas que pertencem estritamente aos sistemas literários de seus países. Como ambas as traduções foram publicadas nos anos de 1970, a probabilidade de que as influências teóricas dos tradutores sejam semelhantes é grande, apesar de Scott-Bucleuch (1982, p. 103) ter afirmado que se considera um amador e que não seguiu nenhum teórico em sua tradução:

Gostaria de explicar que, no campo da tradução, faço parte daquela raça tão respeitada na Grã-Bretanha quanto criticada no resto do mundo: sou um amador. Traduzo o que gosto, quando gosto. Somente pelo prazer de fazê-lo. [...] Além disso, não me sinto obrigado a estudar profundamente a teoria da tradução, a menos que decida fazê-lo impelido por mera curiosidade.

A seguir são apresentados os dois tradutores, Robert Lascelles Scott-Bucleuch e Albert Ian Bagby Jr., bem como as duas traduções de *Iaiá Garcia*, que são analisadas nos quatro aspectos destacados por Lambert e van Gorp (1985), quais sejam: dados preliminares, macroestrutura, microestrutura e contexto sistêmico.

3.1 Os dois tradutores de *Iaiá Garcia*

O tradutor é peça fundamental na divulgação das obras literárias, e todo o seu *background* (MUNDAY, 2013; 2014) é importante para análise de seu trabalho. Assim sendo, quando Chesterman (2009) afirma que é necessário haver um estudo do tradutor, e não somente o estudo da tradução, é nesse sentido que a análise é importante, pois as traduções mudam conforme os perfis e expectativas dos tradutores, e para qual público eles se direcionam. O tradutor é o mediador cultural (BRITTO, 2010), e como tal, influencia na forma que os marcadores culturais serão traduzidos da sua língua de partida para a língua de chegada. Repetindo Schleiermacher (2011, p. 22), “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”.

Para Scott-Bucleuch (1982, p. 102), “um livro traduzido é um outro livro”, e ele se conforma com o fato de que o tradutor, em sua opinião, sempre perderá algo do texto original em sua tradução:

Às vezes me conforta pensar que *inevitavelmente a tradução será diferente do original e que também inevitavelmente um pouco do próprio original será perdido*. Isso é algo que, mais cedo ou mais tarde, todo tradutor aprende a aceitar, sabendo que seus eventuais *erros e falhas serão perdoados* se ele conseguir captar e transmitir o *espírito essencial do original, com fidelidade absoluta às intenções do autor*. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982, p. 119, grifos nossos).

Bagby Jr. (1977, p. v) também procura pelo meio-termo entre a interpretação literal e a paráfrase que melhor transmita o texto original do autor, porém ele se vale de paratextos (introdução, notas textuais e bibliografias) para prover auxílio adicional para o entendimento de Machado de Assis.

3.1.1 O tradutor escocês Robert Lascelles Scott-Bucleuch

Robert Lascelles Scott-Bucleuch (1982, p. 119-120) nasceu em Kirkcaldy, Escócia, tendo estudado na Inglaterra durante a sua formação, porém se graduou em inglês e francês pela Universidade de St. Andrews, na Escócia, em 1949. Trabalhou como professor de Inglês para o *British Council*, inclusive no Brasil, onde abriu e chefiou o Departamento de Inglês da Universidade de Brasília (UnB), em 1963. Em 1974, recebeu a Ordem do Rio Branco do governo brasileiro, e em 1978 recebeu a medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Além de *Iaiá Garcia*, traduziu *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicada em 1994 pela *Penguin Classics*, com a exclusão de alguns capítulos, o que gerou diversas

discussões e artigos sobre a interferência do tradutor (ou a de outros agentes institucionais) na obra de chegada, porém essa foi uma decisão editorial para reduzir o tamanho do romance, conforme e-mail enviado pela editora e reproduzido por Hatje-Faggion (2015, p. 83). Scott-Bucleuch traduziu também obras de outros autores brasileiros, como *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.

Scott-Bucleuch se considera um tradutor amador, que traduz apenas o que gosta, os textos literários. Ele acredita que o tradutor deve ter afinidade com o autor que ele traduz, bem como deve tentar entender como esse autor escreveria na sua língua (no caso, o inglês), e que a tradução deve parecer natural (domesticada). Scott-Bucleuch (1982, p. 103), destaca que:

Em primeiro lugar, estou convencido de que o tradutor deve ter uma simpatia toda especial pelo autor que pretende traduzir, e deve sentir uma afinidade marcante com ele. Em segundo lugar, uma vez estabelecida essa afinidade, o tradutor deve tentar imaginar como o seu escritor escreveria na sua própria língua, isto é, na do tradutor, se isso fosse possível. Finalmente, como uma consequência lógica, a tradução deve parecer tão natural quanto o texto original, sem indícios de ter sido traduzido.

Scott-Bucleuch (1982, p. 108) afirma que Machado de Assis não foi difícil de traduzir, pois suas obras tratam da sociedade urbana do Rio de Janeiro, de situações sociais universais, ou seja, segundo ele, “não há nada, quer no fundo quer na forma dos livros de Machado de Assis, que a língua inglesa não possa expressar adequadamente”. Nesse mesmo texto ele menciona outra tradução feita um ano depois, por Bagby Jr., e destaca que considera a sua melhor do que a do colega estadunidense.

3.1.2 O tradutor estadunidense Albert Ian Bagby Jr.

Albert Ian Bagby Jr. nasceu em Porto Alegre, em 1939, de mãe estadunidense e pai brasileiro. Foi para os EUA aos 18 anos, onde estudou na Universidade Vanderbilt. Em 1968 recebeu um PhD em Literatura Espanhola pela Universidade de Kentucky.

Bagby Jr. escreveu artigos e, provavelmente, uma das primeiras bibliografias críticas (HATJE-FAGGION, 2015, p. 42) sobre Machado de Assis em inglês, além do livro *Machado de Assis e seus primeiros romances* (1993), em que analisa os romances da fase “romântica” de Machado de Assis, por entender a importância dos mesmos para o completo entendimento da obra do autor. A título de curiosidade, Bagby Jr. (1977, p. xx; 1993, p. 88) acredita que essa fase romântica não existiu, ou não deveria ter sido assim denominada, além de defender que nesses primeiros romances, Machado de Assis era mais otimista do que pessimista, diferentemente do que muitos especialistas na obra do autor afirmam.

Bagby Jr. esclarece, no Prefácio de sua tradução de *Iaiá Garcia*, que tem por objetivo encontrar o equilíbrio entre a interpretação literal e as paráfrases nessa obra, e que em muitos casos optou por manter a palavra do texto de partida em português, utilizando-se de notas de rodapé, além de uma extensa introdução. Como afirma Bagby Jr. (1977, *preface*, p. v, tradução nossa):

Foi minha intenção encontrar aquele meio-termo ilusório entre a interpretação literal e a paráfrase que melhor transmitiria o distintivo sabor das palavras originais do autor. Para o bem de seu gênio e de seus leitores, espero ter conseguido. Às vezes parecia melhor deixar a palavra ou frase original em português – quando não havia alternativa adequada em inglês – como, por exemplo, no caso do nome “Iaiá”. Em tais casos, forneci notas de rodapé explicativas. Espero ainda que a introdução que se segue, junto com a bibliografia e notas textuais, auxiliem no estudo e na compreensão de Assis⁵⁷.

Além de *Iaiá Garcia*, Bagby Jr. traduziu outro romance de Machado de Assis para o inglês, *A mão e a luva*.

3.2 Esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp

A seguir, apresenta-se a análise em quatro etapas do esquema sistêmico descritivo de traduções de Lambert e Van Gorp (1985), quais sejam: dados preliminares, macroestrutura, microestrutura e contexto sistêmico.

Para o desenvolvimento desta dissertação, além das duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*, foram consultadas quatro edições do romance em português, detalhados em “dados preliminares”.

Outra observação relevante a se fazer é que nesta dissertação, sempre que um trecho de alguma tradução para o inglês de *Iaiá Garcia* for destacado, é o nome de seu tradutor e o ano de sua publicação que aparece na citação, e no caso do texto de partida em português, por óbvio é citado o nome do autor, Machado de Assis. Os demais critérios de seleção de amostras, cotejamento dos textos, e formas de organização, serão descritos em cada etapa.

⁵⁷ No original: “It has been my intention to find that always-elusive middle ground between literal interpretation and paraphrase which would, best convey the distinctive flavor of the author's original words. For the sake of his genius and his readers, I hope that I have succeeded. At times it seemed best to leave the original Portuguese word or phrase-when there was no adequate alternative in English-as, for example, in the case of the name ‘Iaiá’. In such instances, I have provided explanatory footnotes. It is my further hope that the introduction which follows, along with the bibliography and textual notes, will provide further aids to the study and understanding of Assis.” (BAGBY JR., 1977, p. v).

3.2.1 Dados preliminares

Os dados preliminares são obtidos observando-se os aspectos externos ao texto principal da obra, como capa, contracapa, prefácio, informações sobre o autor e sobre o tradutor, entre outros. A identificação dessas informações dá subsídios para criar hipóteses sobre os demais aspectos envolvidos na análise sistêmica das obras literárias traduzidas, que são o objeto desta dissertação.

A seguir, o Quadro 1 apresenta o comparativo com os dados preliminares das duas traduções de *Iaiá Garcia* para o inglês:

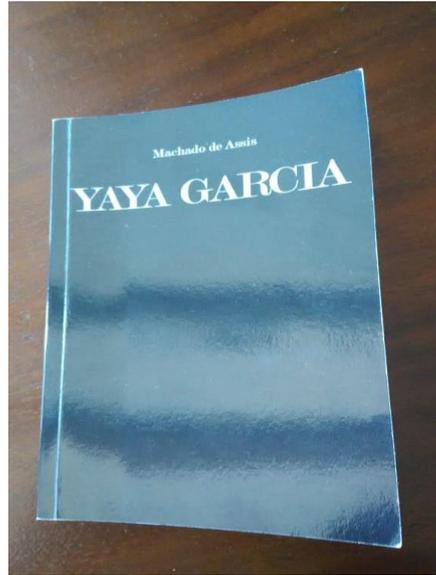
Quadro 1 – Comparativo dos dados preliminares das traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*

Dados preliminares		
Título	<i>Yayá Garcia</i>	<i>Iaiá Garcia</i>
Ano de publicação	1976	1977
Local	Reino Unido	EUA
Editora	Peter Owen	The University Press of Kentucky
Tradutor	R. L. Scott-Bucleuch	Albert I. Bagby, Jr.
Capa	De cor neutra (preta), com o título da obra em caixa alta e nome do autor, Machado de Assis, em caixa mista e com letras de tamanho menor. Importante notar que na capa, Yayá está escrito sem o acento agudo no último “a”, porém na contracapa está acentuado, bem como o nome da personagem também sempre é escrito com o acento agudo (vide Figura 3).	De cor neutra (verde), com o título da obra em caixa alta e do autor, Machado de Assis, em caixa mista e com letras de tamanho menor. O nome do tradutor, Albert I. Bagby Jr., está na capa, escrito em caixa alta, com letras do mesmo tamanho da utilizada para o nome do autor (vide Figura 4).
Folha de rosto	Constam o título do romance, os nomes do autor, do tradutor e da editora. Inclui a informação de que a tradução foi feita do português.	Constam o título do romance, os nomes do autor, do tradutor e da editora
Prefácio	Três páginas	Uma página
Introdução	Não há	14 páginas
Notas explicativas	Uma nota de fim de página	47 notas de rodapé
Impressão	Impresso pela Amazon em 2019	Exemplar físico, capa dura, originalmente pertencente à biblioteca da <i>University of the Pacific</i> , incluindo ficha catalográfica e carimbo da biblioteca ⁵⁸ .

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

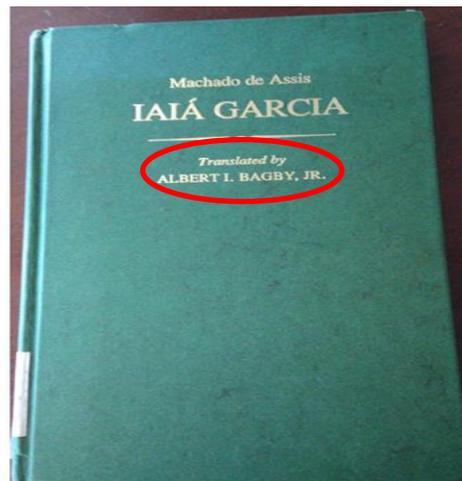
⁵⁸ Exemplar obtido por compra *on-line* de vendedor na Amazon.com.

Figura 3 – Capa de *Yayá Garcia*, tradução de Scott-Buccleuch (1976) – edição impressa pela Amazon em 2019.



Fonte: fotografia feita pela autora (2019).

Figura 4 – Capa de *Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr. (1977) – exemplar físico



Fonte: fotografia feita pela autora (2019).

Os tradutores empregaram edições diferentes do português de *Iaiá Garcia* para a elaboração de suas traduções. De acordo com o tradutor estadunidense Bagby Jr., o tradutor escocês Scott-Buccleuch usou a edição da Companhia Jackson⁵⁹, e Bagby Jr., a edição da editora Cultrix, de 1967. A edição da Companhia Jackson não tem prefácio, enquanto o da Cultrix, que engloba o romance *Helena*, também de Machado de Assis, na mesma encadernação, possui um prefácio do professor Massaud Moisés e diversas notas de rodapé que foram traduzidas por Bagby Jr. em seu livro. Para o cotejamento dos exemplos desta dissertação, como mencionado anteriormente, foi utilizada a edição de 2011 da L&PM, porém

⁵⁹ De acordo com informação em *Machado e seus primeiros romances*, de Alberto Ian Bagby Jr. (1993, p. 129).

quando algumas dúvidas surgiram em relação às traduções, também verificou-se a primeira edição, disponível em arquivo eletrônico obtido no site da Biblioteca Brasileira, além da edição da W. M. Jackson e da edição da Cultrix. Essas dúvidas decorrem dos critérios de revisão utilizados pela L&PM, os quais são explicitados em “Notas sobre a edição”. Em relação à ortografia, essa editora alterou algumas formas de tratamento e a pontuação de diálogos, “grafamos as formas de tratamentos e abreviaturas conforme a regra atual; introduzimos sistematicamente o travessão nos diálogos quando da passagem do discurso direto, do personagem, para o relato do narrador e vice-versa”. (FISCHER, 2011, p. 9).

Devido a essas diferenças, entendeu-se por bem conferir como esses termos apareciam nas edições utilizadas pelos tradutores (a primeira edição foi utilizada apenas para conferir se houve alguma alteração do texto de partida inicial e as edições utilizadas pelos tradutores).

Confirmada a alteração na edição de 2011, optou-se por cotejar as edições utilizadas pelos dois tradutores. Em síntese, na maioria das vezes, o texto de *Iaiá Garcia* em português da L&PM estava em conformidade com as traduções. Ao se notar algo estranho, optou-se pelos outros textos de partida.

A seguir, o Quadro 2 apresenta o resumo das edições utilizadas na elaboração desta dissertação:

Quadro 2 – Edições de *Iaiá Garcia*, em português

<i>Iaiá Garcia</i> em português (edições consultadas)				
Título	<i>Yayá Garcia</i> ⁶⁰	<i>Iaiá Garcia</i>	<i>Helena/ Iaiá Garcia</i>	<i>Iaiá Garcia</i> (ed. comentada)
Ano/ Edição	1878/ 1ª. ed.	1955	1968/ 5ª. ed.	2011/ 1ª. ed.
Editora	G. Vianna & C (Typographia do Cruzeiro)	W. M. Jackson Inc.	Editora Cultrix	L&PM
Notas de	-	-	Massaud Moisés	Fábio Steyer
Nota preliminar	-	-	Breve comentário sobre a obra	-
Nota sobre a edição	-	-	-	Comentários sobre escolhas para atualização do texto
Notas explicativas	-	-	23 notas de rodapé e 55 notas de final (sobre diferenças em relação às edições anteriores)	58 notas de rodapé
Outros	-	-	-	Biografia, cronologia, panorama sobre o Rio de Janeiro da época.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nota: *Iaiá Garcia* está em domínio público no Brasil desde 15/09/1958 (CAMPOS, 2018, p. 8) junto com toda a obra de Machado de Assis, disponível para *download* na internet em diversos *sites*, como o do Ministério da

⁶⁰ Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4775>.

Cultura⁶¹ e da Fundação Casa de Rui Barbosa,⁶² além de possuir diversas versões publicadas por diferentes editoras.

A edição da W.M. Jackson é polêmica, e Bagby Jr. (1993, p. 129) comenta não entender o porquê de Scott-Bucleuch ter se utilizado dessa versão. De acordo com Campos (2018, p. 135), a editora Jackson comprou os direitos autorais da obra de Machado de Assis da editora Garnier e lançou as “Obras Completas” de Machado de Assis em 1937 com diversas alterações nos textos de Machado de Assis, como “correções” ortográficas indevidas. Campos (2018, p. 135) cita Ubiratan Machado, que em seu *Dicionário de Machado de Assis*, afirma que “ela deve ser encarada com extrema reserva, tendo sido mais prejudicial do que benéfica à difusão da obra machadiana” (MACHADO, 2008, p. 359-360 *apud* CAMPOS, 2008, p. 135).

A edição da W. M. Jackson não contém paratextos. A edição da Cultrix, em relação à *Iaiá Garcia*, tem uma “Nota preliminar” de Massaud Moisés de oito parágrafos, na qual ele discorre sobre o enredo do romance; 23 notas de rodapé, em que Moisés explica as referências históricas e literárias feitas por Machado de Assis (e as quais foram traduzidas por Bagby Jr., que inclusive o agradece pelas notas); e 56 notas finais, nas quais aponta diferenças ortográficas, na sua maioria, entre a edição da Cultrix e as da ed. Garnier, ed. Aguilar e ed. Jackson.

A edição da L&PM contém uma “Nota sobre a edição”, em que Fischer (2011, p. 9) explica o objetivo da coleção e explicita os paratextos, que tratam da biografia de Machado de Assis, da cronologia e do panorama do Rio de Janeiro, permitindo ao leitor compreender o mundo de Machado de Assis, e 58 notas de rodapé para os casos de “(1) tradução linear... (2) esclarecimento sumário, com pequenas notas biográficas... (3) esclarecimento de alguma palavra desconhecida para o leitor médio... (4) esclarecimento de algum eventual dado histórico ou geográfico...”. Por fim, essa edição apresenta um posfácio para explicar a fase romântica de Machado de Assis. Todos esses textos suplementares são extremamente úteis para que o leitor atual de obra escrita no século XIX entenda a época, os costumes, e também as referências feitas por Machado de Assis, que foram muitas.

Em relação às duas traduções de *Iaiá Garcia*, ambas apresentam paratextos, porém

⁶¹ O texto disponível no site do Ministério da Cultura/ Biblioteca Nacional (http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iaia.pdf) não foi utilizado por ter erros de digitalização, sendo esse um dos motivos da escolha de um texto publicado em formato impresso, por editora, para utilização nesta dissertação. O erro encontrado nessa versão digitalizada é relevante, pois muda inclusive o sentido da frase. Logo na segunda página aparece a frase: “Era escravo e feliz”; porém, ao consultar tanto a primeira edição como as edições utilizadas pelos dois tradutores, bem como a edição da L&PM de 2011, verificou-se que a frase escolhida por Machado de Assis é: “Era escravo e livre”, o que pode mudar todo o sentido do texto, dado que na época em que se passa a trama o Brasil ainda era escravocrata, e o racismo ainda é uma questão importantíssima no país; e, ainda, dizer que o escravo era feliz indica a emissão de juízo de valor, ao contrário de ser livre, que indica a condição de alforriado, que, obviamente, são coisas bem distintas.

⁶² Disponível em: <http://machadodeassis.net/index.htm>.

Bagby Jr. se utiliza muito mais dessa estratégia do que Scott-Buccleuch. Ambos os textos têm prefácios, mas foram elaborados com objetivos e conteúdos diferentes.

Na tradução de Bagby Jr., este utiliza esse espaço do paratexto para agradecer algumas pessoas, como Massaud Moisés, editor da edição em português que ele utilizou, além de brevemente explicar as motivações de suas escolhas tradutórias. O Prefácio contém três parágrafos. O primeiro deles apresenta uma breve justificativa da tradução, em que o autor afirma “ter procurado sempre encontrar um meio-termo entre a literalidade e a paráfrase, privilegiando as palavras do autor original”⁶³ (BAGBY JR., 1977, *Preface*, p. v, tradução nossa), utilizando notas de rodapé quando não foi possível encontrar uma alternativa adequada de tradução. O segundo parágrafo informa que há uma introdução sobre Machado de Assis, além das notas e bibliografia, que Bagby Jr. espera que sejam úteis, e o terceiro parágrafo traz os agradecimentos, bem como menciona o exemplar em português brasileiro que foi utilizado para a realização da tradução (ed. Cultrix, 1967).

Scott-Buccleuch (1976) também escreve um texto introdutório (*Translator’s foreword*), com uma peculiaridade relevante na análise realizada nesta dissertação. De acordo com o dicionário *Cambridge on-line*, “foreword”⁶⁴ é “um pequeno texto no começo de um livro, às vezes um elogio de uma pessoa famosa ou alguém que não é o escritor” (*Cambridge on-line*, tradução nossa), ou seja, fica claro que na tradução britânica o autor é Machado de Assis e Scott-Buccleuch é o tradutor, cujo nome também não tem destaque na capa da sua tradução. Nesse “foreword”, escrito em 1975 (publicado em 1976), Scott-Buccleuch apresenta Machado de Assis para o seu público leitor, com uma biografia e uma descrição de suas principais obras, finalizando com a conclusão de que *Iaiá Garcia* é o “romance de transição” (“*turning point*”) do Romantismo para o Realismo em Machado de Assis. Vale destacar que Scott-Buccleuch (1976, p. 6, tradução nossa) aponta que é em *Iaiá Garcia* que se encontram os primeiros sinais do estilo que ele chama de “machadiano”:

o estilo enganosamente simples, tenso, a observação perspicaz do comportamento humano, o humor caprichoso, a perspicácia sem malícia, a ironia sem amargura, e uma aceitação filosófica do sofrimento humano, essencialmente pessimista e, ainda assim, de alguma forma, planejando ser leve.⁶⁵

⁶³ No original: “[...] intention to find that always-elusive middle ground between literal interpretation and paraphrase which would best convey the distinctive flavor of the author’s original words.” (BAGBY JR., 1977, *Preface*, p. v).

⁶⁴ No original: “a piece of writing at the beginning of a book, sometimes praise by a famous person or someone who is not the writer.” Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/foreword>. Acesso em: 01 mar. 2021.

⁶⁵ No original: “the taut, deceptively simple style, the shrewd observation of human behaviour, whimsical humour, wit without malice, irony without bitterness, and a philosophic acceptance of human suffering, essentially pessimistic yet somehow contriving to be light-hearted.” (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 6).

Bagby Jr. (1977) escreve também uma introdução de 14 páginas, dividida em duas partes: a primeira traz uma extensa biografia de Machado de Assis e a segunda, um resumo com uma análise literária do romance *Iaiá Garcia* e dos outros romances dessa primeira fase, que o tradutor tem dificuldade em aceitar como romântica, diferentemente de Scott-Bucleuch. Distinto também é seu posicionamento em ver Machado de Assis como um otimista, e não pessimista, pelo menos nessas primeiras obras. Na primeira parte, em que a biografia de Machado de Assis é apresentada, há uma descrição de sua origem, de sua família e de como ele evoluiu social e intelectualmente, mencionando seus postos de trabalho, casamento e as publicações de seus principais romances. A segunda parte da introdução menciona que tanto a crítica no Brasil como nos EUA avalia Machado de Assis pela sua famosa trilogia do realismo: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899). Porém *Iaiá Garcia* é uma obra relevante por já conter características desse período, e o tradutor⁶⁶ inicia com um breve resumo do enredo. Segundo Bagby Jr. (1977, p. xi, tradução nossa), “o romance é, em parte, um estudo profundo da força que a natureza dá às mulheres para a manutenção de seu orgulho.”⁶⁷ Bagby Jr. também menciona a ironia contida no título do romance, que apesar de se chamar *Iaiá Garcia*, é sua opinião que a personagem principal é Estela, e não Iaiá.

Ainda de acordo com Bagby Jr. (1977, p. xiii, tradução nossa), há uma carência de interesse pelas obras de Machado de Assis em sua primeira fase porque as pessoas “assumem a falta de mérito literário”⁶⁸ desses romances. A partir disso, o autor faz uma breve análise dos principais personagens dos textos do Romantismo de Machado de Assis, até chegar à conclusão de que em *Iaiá Garcia* é possível ver os personagens intimamente.

Além do Prefácio e da Introdução, Bagby Jr. inclui 47 notas de rodapé, enquanto Scott-Bucleuch inclui apenas uma nota de final de página (para explicar um fato relacionado à Guerra do Paraguai, que aparece de pano de fundo no romance). Dessas 47 notas de rodapé, 21 são as traduções de notas de rodapé elaboradas por Massaud Moisés (editor da edição de *Iaiá Garcia* da ed. Cultrix utilizada por Bagby Jr, conforme Quadro 2 desta dissertação). As demais notas são para explicar algumas palavras que o tradutor optou por deixar na língua de partida, como por exemplo, “mamãezinha”, e para esclarecer algumas de suas escolhas tradutórias.

⁶⁶ Aqui, ao escrever a introdução, o tradutor é autor, pois o texto é de sua autoria, com a sua opinião, e como será demonstrado ao longo desta dissertação, Bagby Jr. é um tradutor mais visível, desde a capa, em que seu nome aparece, até na elaboração das notas de rodapé, em que suas escolhas são expostas.

⁶⁷ No original: “the novel is in part a profound study of the strength nature gives woman for the sustenance of her pride.” (BAGBY JR., 1977, p. xi).

⁶⁸ No original: “[...] assumed lack of literary merit.” (BAGBY, 1977, p. xiii).

Essas traduções foram publicadas nos anos de 1970, próximas ao ano do centenário de *Iaiá Garcia*, que foi inicialmente publicado em 1878, mas não há dados concretos que expliquem o motivo da publicação de duas traduções em inglês em anos seguidos. Scott-Bucleuch (1982, p. 109) se mostrou surpreso ao saber que havia outra tradução de *Iaiá Garcia*, e até faz uma análise comparativa dessa com a sua tradução, a qual ele considera inclusive “melhor” e apresenta algumas justificativas, como o fato de o outro tradutor ser bilíngue⁶⁹ (ele não cita o nome, mas trata-se de Bagby Jr.), apesar de ponderar que essa discussão é um “campo minado”. No entanto, Bagby Jr. (1993, p. 129) também não esconde a sua opinião sobre a tradução do colega Scott-Bucleuch (1976), e reforça que a sua tradução publicada nos EUA é mais bem avaliada pelos críticos.⁷⁰

Após a apuração desses dados preliminares, a próxima etapa do esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida é descrever as macroestruturas das duas traduções de *Iaiá Garcia* e sua correspondente em português para verificar as semelhanças e as diferenças nessas três obras.

3.2.2 Macroestrutura

A análise da macroestrutura de *Iaiá Garcia* envolve discussões sobre: o título da obra de partida em português e os títulos de suas traduções para o inglês; os nomes dos capítulos usados pelas três obras; a integridade do romance em suas traduções; a representação dos diálogos no texto de partida em português e em suas traduções para o inglês; e algumas diferenças entre as edições em português de *Iaiá Garcia* e as suas traduções para o inglês.

Em relação ao título do romance de Machado de Assis, tanto quando saiu de forma seriada no jornal *O Cruzeiro*, em 1878, como quando foi publicado em formato de livro, o título era *Yayá Garcia* (Figuras 1 e 2, respectivamente, nesta dissertação). Posteriormente, o título foi alterado para *Iaiá Garcia*. A motivação para tal alteração deve ter sido a reforma ortográfica de 1931,⁷¹ que foi o primeiro acordo para estabelecer uma grafia comum entre Portugal e Brasil

⁶⁹ Scott-Bucleuch entende que “o mecanismo mental do tradutor bilíngue merece investigação mais profunda do que se tem feito até agora. Suponho que ele deve cometer menos erros do que os outros, mas, quando se trata de textos literários, pode ser que os não bilíngues tenham maior segurança em sua própria língua, e uma sensibilidade mais profunda em relação à língua, o que talvez lhes dê vantagem sobre seu colega... Tenho consciência de que estou pisando em terreno perigoso.” (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982, p. 110).

⁷⁰ Bagby Jr. não cita as fontes, mas escreve: “Nossa versão tem recebido boas resenhas nos Estados Unidos da América do Norte.” (BAGBY JR., 1993, p. 129).

⁷¹ Informação da agência Senado sobre a primeira reforma ortográfica da língua portuguesa. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/as-novas-regras-da-lingua-portuguesa/primeiro-acordo-e-de-1931>. Acesso em: 01 maio 2021.

(Academia das Ciências de Lisboa e Academia Brasileira de Letras), e que entrou em vigor em 1943 no Brasil. Em 1911,⁷² Portugal já havia feito uma reforma ortográfica na qual alterou-se o uso do “y” por “i”. Assim sendo, a tradução para o inglês de Scott-Bucleuch se chama *Yayá Garcia* (1976) e a de Bagby Jr., *Iaiá Garcia* (1977). Scott-Bucleuch (1976) esclarece nas páginas internas que a sua tradução foi feita de *Yayá Garcia*, em português; já Bagby Jr. (1977) esclarece no prefácio que utilizou a versão da ed. Cultrix de 1967, e em seu livro de 1993 (p. 129) explicita que utilizou a edição conjunta, *Helena/ Iaiá Garcia*.

As obras de Scott-Bucleuch e Bagby Jr. são identificadas como traduções de *Iaiá Garcia*, cuja confirmação aparece na capa da tradução de Bagby Jr. e na folha de rosto da tradução de Scott-Bucleuch, locais onde eles são apresentados como os tradutores do texto.

No que diz respeito aos títulos dos capítulos, a obra de partida em português (as quatro edições utilizadas nesta dissertação) tem 17 capítulos, todos sem título, numerados com algarismos romanos. A edição da L&PM escreve por extenso “Capítulo I, Capítulo II, ..., Capítulo XVII”. Ambas as traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* possuem 17 capítulos, sem títulos. A tradução de Scott-Bucleuch mantém a numeração em algarismos romanos, em conformidade com as edições da obra de Machado de Assis, em português, porém a tradução de Bagby Jr. apresenta a numeração dos capítulos escrita por extenso (como em *Chapter Seventeen*), porém a estrutura se mantém.

No tocante a integridade dos textos, observou-se que a quantidade de parágrafos da obra de partida em português e das duas traduções para o inglês são distintas.⁷³ Foi apurado que *Iaiá Garcia* de Machado de Assis tem 1.377 parágrafos,⁷⁴ enquanto a tradução de Scott-Bucleuch tem 1.108 (20% a menos) e a de Bagby Jr., 1.344 (2% a menos). Ressalte-se que essa informação em nível de estruturação da obra é relevante, dada a importância de se ter o texto integralmente traduzido; além disso, há a questão do histórico de Scott-Bucleuch como tradutor, que ao traduzir *Dom Casmurro* de Machado de Assis, em 1992, excluiu nove dos 148 capítulos da tradução publicada pela *Peter Owen* em Londres (HATJE-FAGGION, 2015), o que modificou a narrativa e faz com que o leitor dessa tradução leia outro texto. Conforme afirma Hatje-Faggion (2015, p. 82):

Scott-Bucleuch remove grandes porções do texto e reorganiza parágrafos e capítulos. Sua tradução não mantém a sequência do romance, e o produto final (tradução) fica completamente diferente do texto de partida [...] Em outras palavras, o leitor de língua

⁷² Informação no Ministério da Educação de Portugal. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Acordo_Ortografico/documentos/o_novo_ao_0.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

⁷³ A contagem da quantidade de parágrafos foi feita manualmente e confirmada por outrem.

⁷⁴ Foi utilizada a versão da L&PM, de 2011, para essa contagem.

inglesa que lê a tradução de Scott-Bucleuch vai lidar com um texto diferente daquele do romance que Machado de Assis produziu e que os outros dois tradutores elaboraram.

Desta forma, ao se estudar a tradução realizada por Scott-Bucleuch, poderá haver desconfiança de ser ele um “bom tradutor”, ou “tradutor confiável”, dadas essas críticas existentes em relação a sua tradução de *Dom Casmurro* de 1994, publicada pela *Penguin Classics*,⁷⁵ como afirma o professor James R. Krause, que considera que “dentro do espectro da confiança do tradutor, Scott-Bucleuch pode ser classificado como “indigno de confiança” (KRAUSE, 2015, p. 79). Em 2016, essa obra foi traduzida e publicada integralmente pela *Peter Owen*.

Como mencionado anteriormente, a decisão de supressão dos nove capítulos foi da editora *Peter Owen* (HATJE-FAGGION, 2015), porém Scott-Bucleuch ficou com a injusta fama de tradutor não confiável, pois nem todos os seus leitores têm o conhecimento da motivação que levou ao corte dos capítulos. No entanto, a *Peter Owen* também é a editora de *Yayá Garcia*, o que justifica ainda a realização do teste de integridade, pois nesse caso a desconfiança pode ser em relação à editora.

Assim sendo, para confirmar a integralidade dos textos, foi feito um teste em que o capítulo 14 foi selecionado por possuir a maior diferença percentual na quantidade de parágrafos entre as traduções e o texto em português. Apesar de *Iaiá Garcia* ter 69 parágrafos, a tradução de Scott-Bucleuch 44 (36% a menos) e a de Bagby Jr. 63 (9% a menos), ao compará-los foi verificado que o conteúdo é o mesmo. A diferença decorre do fato de Scott-Bucleuch ter condensado diversos parágrafos de um diálogo entre as personagens Iaiá e Estela, o que é possível verificar no Exemplo 1 a seguir, em que quatro parágrafos do texto original (destacados) se tornaram um parágrafo na tradução de Scott-Bucleuch, e três na tradução de Bagby Jr.:

Exemplo 1

Iaiá teimou na resolução.

– **É uma nuvem que passa – disse ela –; em saindo a lua verá como o tempo fica limpo.**

Estava inquieta, preocupada, tinha estremecimentos nervosos; não atendeu à segunda observação do pai. O pai dizia-lhe que não havia necessidade de desobedecer para realizar um capricho. Como repetisse a expressão, Iaiá ficou pálida e não ousou responder; mas Estela, que assistia calada aos conselhos de um e à resistência de outro,

⁷⁵ De acordo com Krause (2015, p. 64, nota de rodapé), inicialmente *Dom Casmurro* foi publicado pela ed. *Peter Owen* como *Lord Taciturn*, e adquirido pela ed. *Penguin* em 1994.

disse sorrindo à enteada:

– Vá, seu pai deixa-a ir.

(ASSIS, 2011, p. 182-183).

Yayá insisted. **‘It’s just a passing cloud,’ she said. ‘When the moon appears it’ll be fine, you’ll see.’** *She was so nervous, restless and worried that she didn’t hear when her father spoke again, telling her that it wasn’t necessary to be disobedient just to satisfy one of her whims. When he repeated what he had said she turned pale and did not dare to answer. But Estela, who had listened to the advice of the one and the reluctance of the other without speaking, intervened and said to Yayá with a smile, ‘Run along, your father doesn’t mind if you go.’* (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 178).

Iaiá insisted on her decision. **“It’s a passing cloud,” she said. “When the moon comes out you’ll see how the weather clears up.”**

She was restless, worried, and extremely nervous; she paid no attention to her father’s second remark. Her father was telling her that there was no need to disobey in order to fulfill a whim. Since he repeated the remark, Iaiá didn’t dare to answer. But Estela, who was quietly observing the advice of one and the resistance of the other, said to her stepdaughter, smiling:

“Go on; your father will let you go.”

(BAGBY JR., 1977, p. 133).

Outro aspecto relevante sobre a estrutura do texto é a pontuação dos diálogos, que difere nos três textos. O trecho extraído de *Iaiá Garcia* em português mostra a utilização de travessão para a marcação de diálogo, enquanto a tradução de Scott-Bucleuch usa aspas simples e a tradução de Bagby Jr., aspas duplas, conforme o Exemplo 2 a seguir, no qual Estela e Jorge conversam sobre um casal de pombos que encontram ao visitarem uma casa com Valéria:

Exemplo 2

– Quer levá-los? disse a voz de Jorge.

A moça voltou-se e respondeu que não.

– Contudo, continuou ela, era bom dá-los a alguém para não morrerem à fome. São tão bonitos!

– Mas por que não os há de levar a senhora mesma?

– Vou pedir ao mestre que os tire dali, disse ela dando um passo para dentro.

– Não é preciso: eu vou tirá-los.

(ASSIS, 1955/1968, p. 51-52/p. 203).

‘Would you like to take them with you?’ asked Jorge.

The girl turned round. ‘No,’ she said, ‘but it would be a good idea to give them to someone so that they won’t starve to death. They’re so pretty.’

‘But why don’t you take them?’

‘I’ll ask the man to take them down,’ said Estela, making to go

inside.

‘Don’t bother, I’ll get them.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 42).

“Do you want to take them?” said Jorg’s voice.
The girl turned around and answered no.
“However,” she continued, “it would be nice to give them to someone so they won’t starve to death. They are so pretty!”
“But why don’t you take them yourself?”
“I’ll ask the carpenter to take them out of there,” she said, taking a step toward the inside.
“That’s not necessary; I’ll take them out.”
(BAGBY JR., 1977, p. 29).

A utilização de travessão, em português, ocorre para indicar início de fala ou mudança de interlocutor, conforme Cegalla (2005, p. 433), ou seja, no discurso direto. No entanto, em inglês se utilizam as aspas, que podem ser simples ou duplas. De acordo com o dicionário *Oxford on-line*,⁷⁶ as aspas simples são mais comumente usadas pelos britânicos, enquanto os norte-americanos usam as aspas duplas, o que explica as diferentes pontuações de Scott-Buccleuch (britânico) e de Bagby Jr. (estadunidense).

Por fim, segue um histórico sobre a propriedade das obras de Machado de Assis, que tem influência na forma que as obras de Machado de Assis são disponibilizadas ao público leitor na língua de partida, o português, e, conseqüentemente, na maneira que são apresentadas para o leitor da língua de chegada. Em 1899, Machado de Assis vendeu a propriedade de sua obra literária inteira para a editora Garnier, inclusive registrou tal operação em seu testamento de 1906. Em 1935, esses direitos autorais foram comprados pela editora Jackson, que lançou, em 1937, a primeira edição das “Obras Completas” de Machado de Assis (CAMPOS, 2018, p. 135). Sobre a edição da Jackson, Campos cita Ubiratan Machado, que conta que na década de 1950 foi feita uma revisão ortográfica pelos editores da Jackson em toda a obra adquirida, os quais “corrigiram” o texto de Machado de Assis, principalmente Ary de Mesquita, que foi o responsável por editar *Iaiá Garcia* para a coleção da W. M. Jackson. A obra de Machado de Assis só se tornou de domínio público em 19 de setembro de 1958, por um decreto do então presidente Juscelino Kubitschek, tendo sido também criada a Comissão Machado de Assis, que trabalha para revisar e consolidar toda a obra do autor nacional (CAMPOS, 2018, p. 138).

Com base nessas informações, e tendo em vista que *Iaiá Garcia*, da editora Cultrix (1968), apresenta “Notas finais” na qual são listadas divergências encontradas entre os textos

⁷⁶ Disponível em: <https://www.lexico.com/grammar/inverted-commas-quotation-marks>. Acesso em: 01 maio 2021.

de *Iaiá Garcia* das editoras Garnier, Jackson e Aguilar, foi elaborado o Exemplo 3, a seguir, que demonstra como pequenas alterações podem modificar as traduções. Foi selecionada divergência apontada com o texto da Jackson, que foi o utilizado por Scott-Bucleuch, uma vez que o texto da Cultrix foi o de escolha de Bagby Jr. É importante mencionar que apesar dessas divergências, nenhuma delas teve impacto nos marcadores culturais selecionados para estudo desta dissertação. O objetivo desse exame de macroestrutura é simplesmente o de mostrar como é relevante a seleção criteriosa da edição do texto de partida para a tradução.

Exemplo 3

“Notas finais” em *Iaiá Garcia*, ed. Cultrix: (1) *pela casa tôdas as sobras*: Assim está nas ed. Aguilar (Rio de Janeiro, 1959) e Garnier (Rio de Janeiro, 1925). A ed. Jackson (Rio de Janeiro, 1957) registra: *pela casa tôda as sobras*.

Texto de partida e texto de chegada: tradutor Bagby Jr.

Durante o dia, Iaiá derramava pela casa **tôdas** as sobras de vida, que tinha em si.

(ASSIS, 1968, p. 183 – ed. Cultrix).

Throughout the day, Iaiá filled the house with her vibrant gaiety.

(BAGBY JR., 1977, p. 6).

Texto de partida e texto de chegada: tradutor Scott-Bucleuch

Durante o dia, Iaiá derramava pela casa **tôda** as sobras de vida, que tinha em si.

(ASSIS, 1955, p. 14 – ed. Jackson).

Throughout the day Yayá’s abundant energy infected the **whole** house.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 15).

Textos de partida: 1ª. edição e ed. L&PM

Durante o dia, Yayá derramava pela casa **toda** as sobras de vida, que tinha em si.

(ASSIS, 1878, p. 14).

Durante o dia, Iaiá derramava pela casa **toda** as sobras de vida, que tinha em si.

(ASSIS, 2011, p. 56).

Nesse exemplo é possível verificar como as traduções para o inglês ficaram distintas. Bagby Jr. optou por ignorar o trecho problemático, porém não sabemos se conscientemente ou não, enquanto Scott-Bucleuch optou por uma tradução alinhada ao texto de partida, mas que provavelmente seria diferente se ele tivesse utilizado outra edição como fonte. A título de curiosidade, apresenta-se também os trechos como aparecem na primeira edição e na edição de 2011, que interessantemente seguem a mesma opção da criticada editora Jackson.

Após a descrição e análise da etapa de macroestrutura, tendo em vista que não foram encontradas diferenças relevantes entre a estrutura do texto original de Machado de Assis e as suas traduções para o inglês, a hipótese que surge é a de que os tradutores não interferiram diretamente no texto de partida. Os textos traduzidos estão alinhados à obra *Iaiá Garcia*.

Na próxima etapa do esquema teórico-metodológico, o estudo da microestrutura, é realizada a descrição/análise dos marcadores culturais relevantes, principalmente porque são/estão relacionados à crítica social presente nas descrições de Machado de Assis das relações de favor e dos agregados.

3.2.3 Microestrutura

Dada a definição de marcadores culturais e sua importância para o entendimento de uma obra e a descrição de suas traduções, foram selecionados do romance *Iaiá Garcia* termos relacionados ao (1) paternalismo e às relações de favor, às (2) formas de tratamento (não somente aos pronomes, mas formas de endereçamento entre os personagens), às (3) refeições e às (4) expressões idiomáticas. Essa seleção de marcadores culturais foi feita tendo como princípio básico que todos eles envolvem relações sociais, ou seja, são as relações de dependência do paternalismo, principal tema desse romance, que de acordo com Schwarz (2000), são os encontros que acontecem durante as refeições, são as formas típicas utilizadas pelos personagens para interagirem entre si, que envolvem intimidade ou distanciamento respeitoso, são as expressões típicas do linguajar brasileiro que os personagens usam entre si, que permite que se entendam. Essa seleção de marcadores culturais segue os princípios definidos por Aubert (2006), em que os marcadores culturais se destacam pela diferença, ou seja, “algo que diferencia determinada solução expressiva linguisticamente formulada de outra solução tida por parcial ou totalmente equivalente”, tendo como referencialidades as “(i) referencialidade intralinguística [...]; (ii) a referencialidade intertextual, e (iii) a referencialidade extralinguística”. (AUBERT, 2006, p. 29).

Para a discussão desses marcadores culturais, sua identificação foi realizada por meio do cotejo entre as duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* e o texto de partida em português correspondente, e em conformidade com o conceito de unidades de tradução de Toury (1995), ou seja, selecionando um trecho que seja suficiente para o entendimento daquilo que se pretende analisar. De acordo com Aubert (1998, p. 103), “a unidade de tradução atende, na realidade, a flutuar, em função de diversas variáveis: complexidade estilística, estratégias argumentativas e/ou descritivas, maior ou menor habilidade ou experiência do tradutor, etc.” Aubert (1998, p.

104) complementa sua explicação justificando a possibilidade de utilização de uma unidade de tradução como válida:

A escolha da palavra como unidade de contagem não induz necessariamente a conduzir a observação e a análise enquanto palavra por palavra. [...] cada palavra do texto original necessita, inicialmente, ser situada no contexto do sintagma, da oração e do contexto mais amplo em que ocorre e, somente depois, ser buscada no texto traduzido, em que pode re-ocorrer, de forma explícita, como palavra isolada, como sintagma nominal ou verbal, morfema ou como paráfrase ou, ainda, de forma implícita, condensada, sugerida por uma ou mais soluções na versão oferecida pelo tradutor.

Os marcadores culturais, após definido os macrotemas, foram selecionados por meio de leitura detalhada de *Iaiá Garcia* de Machado de Assis. A edição adotada foi a da L&PM, de 2011, pois, como apontado anteriormente, existem diversos questionamentos sobre as muitas edições da obra de Machado de Assis, e o editor (Fischer) da versão crítica de *Iaiá Garcia* da L&PM afirma, em nota, que foram consideradas para a consolidação desta, as edições anteriores, bem como a edição da “Comissão Machado de Assis”.⁷⁷ Após essa seleção prévia, foi feita leitura também do texto (arquivo.doc) disponibilizado no site⁷⁸ alimentado pela equipe da pesquisadora Marta de Sena, junto com a Fundação Casa de Rui Barbosa, que busca revisar as obras de Machado de Assis, de onde foram retirados todos os casos avaliados nesta dissertação. Com a utilização da função “localizar” da ferramenta “Microsoft Word”, identificou-se todas as repetições das palavras selecionadas para análise no texto de *Iaiá Garcia*. A realização da dupla checagem aconteceu com a utilização da ferramenta “AntConc 3.5.8 (Windows) 2019”, em que o “arquivo txt.” de *Iaiá Garcia* disponibilizado pelo projeto *corpus*⁷⁹ de Machado de Assis foi usado para que o “AntConc” gerasse lista com a quantidade de vezes que um termo se repetia. Essa lista foi confirmada com a lista do Word. Para fins de organização, sempre que uma palavra surgiu mais de uma vez no texto de partida, foi elaborado um quadro-resumo no início de cada explicação do marcador cultural, e pelo menos um caso foi explicitado como exemplo. Se a ocorrência foi única, não foi elaborado quadro-resumo. Os critérios de seleção dos exemplos são explicados junto aos exemplos, devido às suas peculiaridades.

⁷⁷ “(a) Quanto ao texto dos romances: como sabem todos os especialistas, a obra de Machado de Assis ainda hoje não recebeu uma edição crítica total; todas as edições que circulam padecem, em alguma medida, dessa ausência. Por isso, a L&PM tomou as seguintes precauções: primeiro, o texto foi cuidadosamente revisado, tomando em conta as edições Jackson e Aguilar, as mais completas em termos extensivos (mas ambas com muitos erros), assim como as edições Garnier, feitas ainda em vida pelo autor, e as edições da chamada “Comissão Machado de Assis” (instituída em 1958), que iniciaram o trabalho de edição crítica.” (FISCHER, 2011, p. 8).

⁷⁸ Disponível em: http://machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/iaia-garcia.htm. Acesso em: 20 jul. 2020.

⁷⁹ Disponível em: <http://machado.byu.edu/text/iaia-garcia/>. Acesso em: 30 maio 2020.

Desta forma, seguem os termos selecionados conforme cada macrotema e sua análise descritiva e comparativa entre *Iaiá Garcia* de Machado de Assis e as suas duas traduções para o inglês por Robert Scott-Buccleuch e Albert Bagby Jr.

3.2.3.1 Marcadores culturais: a questão do paternalismo

O paternalismo é tema central em *Iaiá Garcia*, e é marca cultural da sociedade brasileira da época em que se passa o romance. Para analisar como os marcadores culturais relacionados ao paternalismo foram traduzidos, foram selecionados os seguintes termos: agregada, filha de criação, homem de confiança, favor, obséquio(s), servilidade e mais 11 frases destacadas por Roberto Schwarz (2000, p. 153).

No Exemplo 4 a seguir, ocorre o termo “**agregada**”, que é uma palavra recorrente nas obras de Machado de Assis, e de difícil tradução para muitos tradutores de obras do escritor (HATJE-FAGGION, 2015, p. 151). John Gledson (2013, p. 40), tradutor de Machado de Assis, por exemplo, teve que lidar com essa palavra ao traduzir para o inglês *Dom Casmurro*. Em uma entrevista sobre como foi traduzir Machado de Assis, ele fala da importância da “tradução cultural”, e cita essa palavra como exemplo. Segundo ele, a existência de agregados nas famílias é uma característica própria da sociedade brasileira do século XIX, e o conhecimento dessa especificidade é importante para o leitor estrangeiro, que sem ela pode não entender a obra completamente, se confundir ou até entender errado o que se quis dizer, ou seja, “tais erros de tradução de palavras-chave contribuem para tornar um romance inteiro um enigma insolúvel para o leitor, e são muito mais relevantes que nuances menores, sutis de significado, pois sua importância é estrutural.”⁸⁰ (GLEDSON; FREITAS, 2013, p. 40).

O Exemplo 4 a seguir traz o trecho em que Estela, ao se dar conta de que ama Jorge, recusa esse sentimento, pois ela era simples agregada, e não queria a ascensão social que um casamento com Jorge poderia trazer, o que seria mais um favor que ela receberia dessa família. Machado de Assis complementa o conceito de “agregada” ao adicionar “protegida”. Ao consultar o *Diccionario de Língua Portuguesa* de 1858, uma das acepções do verbo “agregar” é “receber na família”, ou seja, o agregado era considerado uma adição à família que não tinha os mesmos direitos de seus membros, e dependia de seus favores. Ao analisar Estela, Schwarz (2000, p. 182) afirma que “faz parte do espírito realista do livro que a agregada,

⁸⁰ No original: “Such mistranslations of key words contribute to making the whole novel an unsolvable enigma to the reader, and are much more important than minor, subtle nuances of meaning, for their importance is structural.” (GLEDSON, 2013, p. 40).

a despeito de sua índole orgulhosa, aceite com naturalidade os favores que lhe são necessários para viver, e que faça o necessário para merecê-los.”

Exemplo 4

Simples **agregada ou protegida**, não se julgava com direito a sonhar outra posição superior e independente; e, dado que fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que recusara, porque, a seus olhos, seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia.
(ASSIS, 2011, p. 76).

As a simple **companion or ward** she felt she had no right to aspire to a higher position of independence, and if this were to come within her reach one may justifiably affirm that she would refuse it on the grounds that it would be, in her eyes, a favour, and her cup of gratitude was already full.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 41).

As a simple **addition or favored protégée**, she did not consider herself as having the right to dream of some higher and more independent position; and even if it were possible to attain to such a position, we may venture to say that she would refuse, because in her eyes it would be a favor granted and her cup of gratitude was full.
(BAGBY JR., 1977, p. 28).

Por falta de um conceito semelhante em inglês, para traduzir “agregada”, Scott-Buccleuch opta pela palavra “*companion*” (“companhia”), que poderia ser uma estratégia de tradução a qual Newmark (1988, p. 103) chama de “neutralização” (“*neutralisation*”), pois ele utiliza uma palavra em inglês que tem uma equivalência descritiva com a palavra em português. O termo “*companion*” descreve a função que Estela tinha para Valéria, a de companhia. Já Bagby Jr. escolhe “*addition*” (“adição”), que em uma tradução geral até poderia ser “adequada” (TOURY, 1995, p. 57), mas que não carrega em si o real significado do termo, de dependência dessa pessoa “adicionada” por quem a acolhe. Assim sendo, nenhum dos dois tradutores consegue traduzir exatamente o que a palavra “agregada” significa no contexto sociocultural brasileiro.

O próximo termo a ser analisado é “**filha de criação**”, que aparece duas vezes em *Iaiá Garcia*, conforme Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Traduções para o inglês de “filha de criação”

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Buccleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
filha de criação	2	adopted daughter	2	-
		“adopted” child	-	1
		foster child	-	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Novamente, essa parece ser uma palavra cuja definição não é comum no mundo anglo-americano. De acordo com o dicionário *Aurélio*, “de criação” “diz-se do filho adotivo em relação a um membro da família que o adotou, ou vice-versa”, e “adotar” é “atribuir (a um filho de outrem) os direitos de filho próprio; perfilhar, legitimar”. No caso da relação entre Maria das Dores e Iaiá, não parece ter sido esse o caso. Maria das Dores foi ama de Iaiá, cuja mãe faleceu quando ela era muito nova, e cuidou dela. Segundo o *Diccionario de língua portugueza* de 1858, ama é “a mulher que cria, educa”. Assim sendo, pode-se concluir que Iaiá não foi adotada, mas criada por Maria das Dores. Já conforme o dicionário *Cambridge on-line*, “*adopted*” é a criança legalmente sob custódia de outra família.

Tendo isso em mente, é possível verificar que nenhum dos dois tradutores foi preciso em suas traduções, porém Scott-Bucleuch mantém sua tradução consistente, e nas duas vezes que o termo aparece, traduz como “*adopted daughter*”. Bagby Jr. apresenta duas traduções diferentes, que parecem contraditórias. Na primeira vez que o termo aparece, em que é descrito que Maria das Dores, ama que havia criado Iaiá, decide alugar uma casa no mesmo bairro que ela, Bagby Jr. utiliza uma nota de rodapé para explicá-lo, e deixa sua tradução entre aspas, conforme Exemplo 5, a seguir:

Exemplo 5

Não descansou enquanto não alugou um casebre em Santa Teresa, para ficar mais perto da **filha de criação**.
(ASSIS, 2011, p. 58).

Finally she had rented a small cottage in Santa Teresa so as to be nearer to her **adopted daughter**.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 18).

[...] but she was not happy until she had rented a shack in Santa Teresa in order to be nearer her “**adopted**” **child**.

Nota de rodapé: *Filha de criação*, for which there is no exact English equivalent, means literally “a daughter by virtue of rearing”, that is, an adopted daughter in the sense that the child was entirely cared for by a woman who otherwise bore no blood relation to her.⁸¹
(BAGBY JR., 1977, p. 9).

No Exemplo 6, a seguir, verifica-se que enquanto Scott-Bucleuch mantém a mesma tradução, Bagby Jr. a altera, mesmo tendo inserido uma nota de rodapé na primeira vez que o termo “filha de criação” apareceu para justificar a sua tradução. Nesse exemplo, Maria das

⁸¹ “*Filha de criação*, para o qual não há um equivalente exato em inglês, significa literalmente ‘uma filha por causa da criação’, ou seja, uma filha adotiva no sentido em que a criança era criada totalmente por uma mulher que não tinha nenhuma relação de sangue com ela.” (BAGBY JR., 1977, p. 9, tradução nossa).

Dores conversa com Jorge sobre Iaiá.

Exemplo 6

A boa velha contemplou-o alguns instantes, disse-lhe algumas palavras de conselho, pediu-lhe que fizesse feliz a sua **filha de criação**, e não obteve dele uma palavra ou um gesto de assentimento.
(ASSIS, 2011, p. 170).

The latter looked at him for some moments then gave him a few words of advice, saying that she hoped he would make her **adopted daughter** happy.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 162).

The kind old woman contemplated him for a few moments, gave him some words of advice, asked him to make her **foster child** happy, and obtained no word or gesture of assent from him.
(BAGBY JR., 1977, p. 121).

De acordo com o dicionário *Cambridge on-line*, “*foster*” não implica legalidade, ou seja, a criança pode ser cuidada por outra família provisoriamente. Bagby Jr. parece ter utilizado um procedimento de tradução chamado por Newmark (1988, p. 103) de “tradução não estabelecida” no Exemplo 5, procedimento este em que se deixa a tradução entre aspas por não haver termo mais apropriado, e no exemplo 6 domestica a tradução, por traduzir “filha de criação” por outra palavra (“*foster*”), cuja definição parece até se assemelhar mais com a pretendida por Machado de Assis, e não causar questionamento por parte do leitor do texto de chegada, mas que mesmo assim é incorreta, pois Maria das Dores nunca foi mãe adotiva de Iaiá, de forma legal ou não. Bagby Jr. poderia ter explicado em sua nota de rodapé que Maria das Dores ajudou a cuidar de Iaiá, simplesmente. Em relação a Scott-Buccleuch, mesmo ele mantendo-se coerente em suas escolhas tradutórias, ele também não conseguiu traduzir o termo “filha de criação” a contento, traduzindo-o por uma palavra errada. Desta vez, tanto Scott-Buccleuch como Bagby Jr. traduziram o termo incorretamente, mesmo quando o primeiro tenta domesticar seu texto e o segundo tenta explicar a sua escolha, elas continuam equivocadas.

O próximo caso, a ocorrência de “**homem de confiança**”, também é de difícil tradução para o inglês. O Sr. Antunes, pai de Estela, também era um agregado da família de Jorge. Era o faz-tudo do pai de Jorge, e dependia dessa família até para garantir-lhe o emprego.

Segue Quadro 4 com o resumo das traduções de “**homem de confiança**”:

Quadro 4 – Traduções para o inglês de “homem de confiança”

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Buccleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Homem de confiança	2	right-hand man	1	-

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Buccleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
		confidant	-	2
		friend	1	-

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No Exemplo 7, a seguir, há uma breve descrição da função do Sr. Antunes:

Exemplo 7

O defunto marido de Valéria, no tempo em que advogava, tinha um escrevente, que, mais ainda do que escrevente, era seu **homem de confiança**. Chamava-se o Sr. Antunes. (ASSIS, 2011, p. 70).

When Valeria's late husband was still a lawyer he had a clerk; in fact, he was more than a clerk, being really his **right-hand man**. His name was Sr Antunes. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 34).

Valéria's deceased husband, when he was practicing law, had a clerk who, even more than clerk, was his **confidant**. His name was Mr. Antunes. (BAGBY JR., 1977, p. 22).

Nessa ocorrência, ser “homem de confiança” demonstra uma relação de favor típica do Brasil. Como afirma Schwarz (2000, p. 215-216):

O agregado Antunes é escrevente e homem de confiança do falecido Desembargador. É mestre no elogio hiperbólico e no silêncio oportuno, dá recados eleitorais, é confidente de empresas amorosas, ajuda nas compras domésticas, come à mesa nos dias comuns, mas não quando há visitas, e é filador de charutos.

Ou seja, ele faz serviços em troca de favores. De acordo com Scott-Buccleuch, é o “*right-hand man*”, que significa “a pessoa de quem você depende regularmente para te ajudar”.⁸² Já Bagby Jr. usa “*confidant*”, que significa “aquele a quem os segredos são confiados”.⁸³ Ambas as definições apresentam a relação de dependência e há a relação de confiança, mas essas definições mostram só um lado. Não realçam a relação de favor existente entre as partes, principalmente no sentido inverso dessa relação de dependência por parte do Sr. Antunes com o falecido Desembargador.

Esse termo aparece mais uma vez em *Iaiá Garcia* já no final da história. Depois de Jorge já ter se casado com Iaiá e de Estela ter ido para São Paulo ser professora, o Sr. Antunes volta

⁸² No original: “*the person who you regularly depend on to help you.*” Disponível em: <https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/right-hand-man>. Acesso em: 24 jan. 2021.

⁸³ No original: “*one to whom secrets are entrusted.*” Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/confidant>. Acesso em: 24 jan. 2021.

a conviver com Jorge e passa a ser o seu homem de confiança, conforme Exemplo 8 a seguir:

Exemplo 8

Outra vez comensal assíduo, tornou a ser o **homem de confiança**.
(ASSIS, 2011, p. 214).

He once again became a regular guest and **friend of the family**.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 218).

Once again an ever-present companion at meals, he again became the **confidant**.
(BAGBY JR., 1977, p. 165).

Ao traduzir “homem de confiança” por “*confidant*”, Bagby Jr. se manteve coerente com a sua primeira tradução; porém Scott-Bucleuch faz opção diferente nesta ocorrência, optando por “*friend of the family*”, deixando a sua versão genérica, o que altera totalmente o sentido do marcador cultural. Nesse trecho, é relevante a função de “homem de confiança” do Sr. Antunes, pois ela demonstra que apesar do pedido de Estela para que ele deixasse essa vida de favor, o Sr. Antunes optou por mantê-la, e volta a ser dependente da família de Jorge. Ou seja, Bagby Jr, apesar da incompletude do termo “*confidant*” para traduzir homem de confiança, ao fazer essa opção, mais uma vez utiliza o procedimento de tradução de “neutralização”, pois traduz o termo por uma das funções que tinha o homem de confiança, assim como o faz Scott-Bucleuch ao traduzir por “*right-hand man*” no Exemplo 7 acima, porém a sua tradução por “*friend of the family*” no Exemplo 8 é equivocada, pois o Sr. Antunes volta a ser para Jorge menos que um amigo, mas um dependente de seus favores. Ambos os tradutores tendem a ser mais domesticadores nesse caso, com a observação do equívoco de Scott-Bucleuch no Exemplo 8.

A análise seguinte é sobre o termo “**favor**” (Quadro no Apêndice A desta dissertação), com 16 ocorrências,⁸⁴ em *Iaiá Garcia*, sendo que na maioria das vezes ele foi traduzido literalmente⁸⁵ (81% e 63%, nas traduções de Bagby Jr. e de Scott-Bucleuch, respectivamente). Quando essa paridade não ocorreu, ainda assim os significados do termo eram muito

⁸⁴ A quantidade de ocorrências foi explicitada somente como forma de deixar claro que o termo aparece mais de uma vez no texto de partida, e não pretende aqui ser utilizada para fins de análise comparativa analítica estatística ou de *corpus* linguístico.

⁸⁵ Inicialmente, é importante deixar claro que a tradução literal é diferente da tradução palavra por palavra, que exige também que se mantenha a mesma ordem das palavras, ou seja, que cada palavra na língua de partida tenha uma correspondente, de mesma classe, na língua de chegada, e com o mesmo significado primário. (NEWMARK, 1988; AUBERT, 1998; BARBOSA, 1990). Como afirma Newmark (1988, p. 69-70, tradução nossa), “A tradução literal varia de uma palavra por outra palavra até de um grupo para outro grupo [...] A tradução literal, além do nível das palavras, é o único procedimento correto se os significados das palavras na língua de partida e na língua de chegada são correspondentes, ou são mais correspondentes do que qualquer outra alternativa.”

semelhantes,⁸⁶ com exceção do Exemplo 9, a seguir, em que Luís Garcia reflete sobre o comentário de Iaiá de que um dia seria mestra de piano, o que ele acha razoável, já que uma adversidade poderia ocorrer e Iaiá poderia não se casar:

Exemplo 9

Demais, que lhe poderia ele desejar, senão aquilo que a tornasse independente e lhe desse os meios de **viver sem favor**?
(ASSIS, 2011, p. 58).

Moreover, what else could he want for her if not that which made her independent and gave her the means **to earn a living without begging favours**?
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 18).

Furthermore, what could he desire for her if not that which would make her independent and **self-supporting**?
(BAGBY JR., 1977, p. 8).

Bagby Jr., ao traduzir “viver sem favor” por “*self-supporting*”, modifica o sentido e a força do termo “favor”, pois “*self-supporting*”, de acordo com o dicionário *Cambridge on-line* significa “auferir ou ter dinheiro suficiente para pagar pelas suas atividades sem receber ajuda financeira de outras pessoas”.⁸⁷ É importante notar a menção de suporte financeiro, que não é essencial na prestação de favor, vide a definição do *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1858): “benevolencia gratuita de um superior disposto a fazer tudo o que pôde agradar a um inferior. A boa obra que se faz sem obrigação de justiça, mas por beneficencia, e graça.” Ou seja, nesse caso, Bagby Jr. domestica a sua tradução ao alterar o significado do termo “favor” para uma situação mais próxima do público de chegada; já Scott-Buccleuch escolhe traduzir “viver sem favor” por “*to earn a living without begging favours*”, opção que mantém a acepção original de “uma ação gentil que você faz por alguém”,⁸⁸ e pela qual o indivíduo deve pedir por caridade.

O próximo termo a ser analisado é “**obséquio**” (19 ocorrências, com suas derivações, apresentadas no Apêndice B desta dissertação), que pode ser sinônimo de “favor”, mas que também significa, no *Diccionario de Língua Portuguesa* de 1858, um “agrado”, o que é uma diferença sutil. Os tradutores, em suas traduções, muitas vezes divergiram devido a essa

⁸⁶ No caso de “favor”, as traduções são variadas, pois se referem a expressões como “fazer um favor” ou “em favor de”, por isso um quadro-resumo ficaria muito extenso. Desta forma, a opção foi deixar o quadro completo disponível no Apêndice A.

⁸⁷ No original: “earning or having enough money to pay for your activities without receiving financial help from other people”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/self-supporting>. Acesso em: 14 mar. 2021.

⁸⁸ No original: “*a kind action that you do for someone.*” Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/favour>. Acesso em: 14 mar. 2021.

diferença de significado.

Esse termo foi traduzido como “*favor/ favour*” seis vezes por Scott-Bucclench e 10 vezes por Bagby Jr. É possível perceber que Bagby Jr. prioriza traduzir por “favor”, enquanto Scott-Bucclench prefere traduzir como “agrado”, “presente”, o que é possível notar no Exemplo 10 a seguir, em que Luís Garcia fala para Jorge sobre a importância de sua mãe, Dona Valéria, ao lhe sugerir o casamento com Estela:

Exemplo 10

_ [...] Foi ela a primeira autora dessa transformação de minha vida, e em boa hora o foi, porque não me podia fazer maior **obséquio**. (ASSIS, 2011, p. 108).

‘[...] it is to her I owe this transformation in my life, which came at a time when she could have given no more badly needed **gift**.’ (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 83).

“[...] She was the main cause of the change in my life, and it happened at such a good time. She couldn’t have done me a greater **favor**.” (BAGBY JR., 1977, p. 59).

Neste exemplo, Bagby Jr. opta por traduzir “obséquio” por “*gift*” (presente, agrado) e Scott-Bucclench por “*favor*” (favor).

Em outras ocasiões, o termo “obséquio” é traduzido como a ação que deu origem a ele, como nos Exemplos 11 e 12, a seguir:

Exemplo 11

Procópio Dias agradeceu-lhe a simpatia e o **obséquio**, e saiu. (ASSIS, 2011, p. 147).

Procópio Dias thanked him for his kindness and **hospitality** and left. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 133).

Procópio Dias thanked him for sympathizing with his cause and for his **approval**, and left. (BAGBY JR., 1977, p. 98).

Para traduzir “obséquio”, Bagby Jr. opta por “*approval*” e Scott-Bucclench por “*hospitality*”. A “*hospitality*” / “hospitalidade” a que Scott-Bucclench se refere foi a de Jorge, que permitiu que Procópio Dias dormisse em sua casa após uma noite de conversas. Já para Bagby Jr., o “*approval*” / “aprovação” foi o resultado da conversa da noite, em que Procópio Dias confessou o interesse em Iaiá e com o qual Jorge concordou e deu sua aprovação.

Na ocorrência de “obséquio”, no Exemplo 12, a seguir, a discussão é sobre o emprego

do Sr. Antunes, conseguido e mantido graças à intervenção de Jorge.

Exemplo 12

Era uma pequena casa de comércio, onde o Sr. Antunes, que entendia de escrituração mercantil, trabalhava desde algum tempo, graças ao **obséquio** de Jorge.

(MACHADO DE ASSIS, 2011, p. 148).

It was a small shop where Sr Antunes, who understood book-keeping, had been working for some time thanks to Jorge's **good graces**.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 134).

It was a small business concern where Mr. Antunes, who knew something about accounting, had been working for some time, thanks to Jorge's **recommendation**. (BAGBY JR., 1977, p. 99).

A tradução de “obséquio” por “*good graces*” de Scott-Buccleuch está mais próxima da acepção do termo como um agrado, porém a de Bagby Jr., de obséquio como “*recommendation*” refere-se à explicitação do que foi o obséquio, que foi a recomendação do Sr. Antunes, por Jorge, para a vaga de emprego.

No Exemplo 13, a seguir, o último referente à tradução do termo “obséquio”, a diferença é sutil, e é através do entendimento do enredo que se entende a escolha de palavras. Aqui Jorge não quer aceitar a oferta de ceiar com Procópio Dias porque não quer dever favores a ele. Como afirma Schwarz (2000, p. 226), “Jorge por desconfiança não come, porque não quer dever nada a semelhante homem”.

Exemplo 13

Jorge não comeu nada. Malgrado o prazer que achava em estar com ele, não quis aceitar-lhe o **obséquio** da ceia, apesar de lhe ter feito o do almoço.

(ASSIS, 2011, p. 114).

Jorge ate nothing. Despite the pleasure of being with him Jorge refused his **offer** of dinner even though he himself had provided lunch.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 90).

Jorge ate nothing. Despite the pleasure he derived from being with Dias, he refused to accept the **courtesy** of the supper from him even though he had furnished his lunch.

(BAGBY JR., 1977, p. 65).

Bagby Jr. traduz “obséquio” como “*courtesy*”, opção que parece estar alinhada ao significado veiculado no texto de partida; de acordo com o dicionário *Merriam-Webster online*, a palavra escolhida por Bagby Jr. significa “consideração, cooperação e generosidade em

oferecer alguma coisa”,⁸⁹ o que pode ser considerado um agrado que implicaria alguma ação em troca, diferente do termo escolhido por Scott-Bucleuch, “*offer*”, que de acordo com o dicionário *Cambridge on-line* significa “o ato de perguntar se alguém gostaria de ter alguma coisa ou se eles gostariam de fazer alguma coisa”.⁹⁰ Nesse caso, Scott-Bucleuch mais uma vez utilizou o procedimento de tradução de “neutralização” ao traduzir o termo substituindo-o pela sua função, ou seja, o “obséquio” foi a oferta do almoço.

Ou seja, na maioria das vezes os dois tradutores tiveram o mesmo entendimento em relação ao significado do termo “obséquio”, principalmente quando a palavra era sinônimo de “favor”, mas nos exemplos anteriormente citados as diferenças sutis de significados das palavras fizeram com que as traduções ficassem diferentes. Nesse caso, os tradutores procuraram por palavras na língua de chegada que representassem a ação envolvida no obséquio, como o motivo do obséquio ou consequência deste, e não o favor que estava implícito nelas, desta forma domesticando as suas traduções.

A próxima palavra a ser analisada é “**servilidade**”, extremamente relevante para o entendimento das relações de favor no paternalismo (Quadro 5).

Quadro 5 – Traduções para o inglês de “servilidade”

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
servilidade	2	servility	2	-
		servitude	-	2

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nos Exemplos 14 e 15 a seguir é evidenciada uma divergência relevante entre as traduções para o inglês, que são distintas, e que podem alterar completamente o entendimento das relações de paternalismo. No Exemplo 14, Luís Garcia repara na seriedade de Estela, e no Exemplo 15, Estela pede ao pai, o Sr. Antunes, que abandone a vida de dependência:

Exemplo 14

Tratando a moça de perto, Luís Garcia havia já observado duas coisas: primeiro, o resguardo com que ela procedia; sem ostentar a intimidade de Valéria, nem cair nos ademanos da **servilidade**; depois um ar de tristeza, que era a sua feição habitual.
(ASSIS, 2011, p. 104-105).

⁸⁹ No original: “*consideration, cooperation, and generosity in providing something.*” Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/courtesy>. Acesso em: 14 mar. 2021.

⁹⁰ No original: “*the act of asking if someone would like to have something or if they would like you to do something.*” Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/offer>. Acesso em: 14 mar. 2021.

Observing the girl more closely Luis Garcia had noticed two things: first, her discreet behaviour, neither flaunting her intimacy with Valeria nor stooping to an affected **servility**; then there was her air of sadness, which seemed to be her habitual expression. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 78).

In dealing closely with the young woman, Luís Garcia had already noticed two things: first, the restraint with which she conducted herself, without parading Valéria's friendship or falling into the motions of **servitude**; then, an air of sadness, which was her usual mien. (BAGBY JR., 1977, p. 55).

Exemplo 15

Que pedia agora ao pai? Pouca e muita coisa; pedia que a acompanhasse, que cessasse a vida de dependência e **servilidade** em que vivera até ali; era um modo de a respeitar e respeitar-se. (ASSIS, 2011, p. 214).

What she now asked of her father was little and at the same time a great deal. She asked that he should go with her and give up the life of dependence and **servility** that he had led till then. It would be a way of showing his respect for her and for himself. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 218).

What was she now asking of her father? Little, yet much: she was asking that he accompany her, that he cease the life of subordination and **servitude** in which he had lived until that time. It was a way of showing respect for her and for himself. (BAGBY JR., 1977, p. 164).

A palavra “servilidade” possui uma definição que poderia causar dúvidas ao leitor de *Iaiá Garcia*, mas que com o conhecimento da história e de sua crítica é possível saber que esse termo não é utilizado como sinônimo de “escravidão” por Machado de Assis. Essa observação é relevante, pois de acordo com o *Dicionário de Língua Portuguesa* de 1858, “servilidade” é o mesmo que “servilismo”, ou seja, “Estado, condição de servo. §. fig. Génio, espírito servil de escravo, iliberal; não ingénuo, nem livre”. O verbete “servo”, neste mesmo dicionário, aparece como “Servidor, servente, criado. §. Escravo, ou servo de condição”. O dicionário *Aurélio* traz uma definição mais completa de “servo”, que é “1. Aquele que não tem direitos, ou não dispõe de sua pessoa e bens. 2. Na época feudal ... 3. Criado, servidor, servente; serviçal. 4. Escravo”. Apesar de ser claro que Estela não era escrava e nem se portava como uma, afinal ela era livre, a tradução de Bagby Jr. é problemática, porque traduz a palavra “servilidade” por “*servitude*”,⁹¹

⁹¹ No original: “*the state of being under the control of someone else and of having no freedom; the condition of a slave.*” Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/servitude>. Acesso em: 04 maio 2021.

que o dicionário *Cambridge on-line* define como “o estado de estar sob o controle de alguém e de não ter liberdade; a condição de um escravo”. Já Scott-Bucleuch traduz por “*servility*”,⁹² que de acordo com o mesmo dicionário é “a qualidade de ser servil (= ansioso por servir e agradar alguém)”.

A tradução de Scott-Bucleuch parece estar mais coerente com o enredo de *Iaiá Garcia*, em que a personagem de Estela é aquela que luta contra ser dependente, e termina escapando dessa relação servil, para trabalhar como professora. Poder-se-ia até argumentar que Bagby Jr. tinha alguma intenção de fazer relação com a escravidão ou que esse fosse algum motivo de Machado de Assis, mas de acordo com a sua afirmação, seu entendimento é de que a escravidão não era assunto de interesse literário para Machado de Assis:

nesta questão de Machado preocupar-se muito com a escravidão e a política militar de seu tempo, a verdade muda é que o autor não se interessava mais do que no meio-ambiente social da corte e do comportamento humano desenvolvido nela. [...] Interessava-se já o dissemos, no comportamento humano. (BAGBY JR., 1993, p. 72-73).

Ou seja, nesse caso, Scott-Bucleuch traduziu o termo de forma alinhada ao significado do texto de partida, enquanto Bagby Jr. traduziu o termo equivocadamente.

Por fim, são analisadas frases de *Iaiá Garcia* selecionadas por Roberto Schwarz (2000) em *Ao vencedor as batatas* como síntese da representação do paternalismo nesse romance. Ele aponta que existem diversas outras, mas destaca estas. Ele diz:

Assim, passam para à literatura e serão matéria problemática, de primeiro plano – isto é, matéria em que estão em jogo o sentido e o valor da vida contemporânea, o que é o oposto de sua utilização localista – uma porção de expressões e noções ligadas à prática do paternalismo, que não haviam ainda merecido esta honra. (SCHWARZ, 2000, p. 153).

Após a análise comparativa dessas frases (Apêndice C desta dissertação), é possível segregá-las em pequenos grupos. Três delas trazem as palavras “obséquios”, “obsequiava” e “obsequiar”, que já foram analisadas nesta dissertação, e uma delas a palavra “servilidade”, também já discutida aqui. Duas outras frases foram traduzidas literalmente, como no Exemplo 16 a seguir:

Exemplo 16

— A mulher foi **educada** por minha mãe.

⁹² No original: “*the quality of being servile (= too eager to serve and please someone else).*” Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/servility>. Acesso em: 04 maio 2021.

(ASSIS, 2011, p. 119).

‘His wife was **brought up** by my mother.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 97).

“His wife was **reared** by my mother.”
(BAGBY JR., 1977, p. 70).

Nesse trecho, Jorge refere-se à Estela, que após a morte da mãe, passou a ser agregada de Valéria, que a manteve no colégio e depois a trouxe para morar na mesma casa, iniciando a relação de favor entre Estela e a família de Jorge.

Em outros cinco trechos, as traduções para o inglês são bem próximas de significado se traduzidas literalmente, como no Exemplo 17:

Exemplo 17

Não havia entre ela e Luís Garcia relações assíduas ou estreitas; mas a viúva e seu finado marido sempre o tiveram em **boa conta** e o tratavam com muito **carinho**.
(ASSIS, 2011, p. 59).

Although there was no close or constant relationship between her and Luis Garcia, the widow and her late husband had always **thought highly** of him and treated him with **consideration**.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 20).

There were not constant and close relations between Luis Garcia and the widow, but she and her deceased husband had always **held him in high steem** and treated him with much **affection**.
(BAGBY JR., 1977, p. 11).

As palavras escolhidas, “*consideration*” (Scott-Buccleuch) e “*affection*” (Bagby Jr.), parecem refletir o significado de “carinho” nessa relação entre a família de Jorge e Valéria com Luís Garcia.

Em ambas as traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*, no que diz respeito às frases que explicitam o paternalismo, não foram encontradas discrepâncias relevantes entre o que Machado de Assis escreveu em português e entre o que os dois tradutores escreveram em inglês. Talvez isso tenha ocorrido por se tratar de situações comuns a todos os tipos de sociedade, não havendo nenhum termo específico do Brasil, mesmo sendo as relações que envolvem favor típicas do país. As frases destacadas por Schwarz evidenciam a existência de relações de afeto entre os personagens, mas o que está por trás desses relacionamentos não fica claro em sentenças isoladas. Além disso, tanto Scott-Buccleuch como Bagby Jr. afirmaram que Machado de Assis escrevia sobre o comportamento humano, e não sobre regionalismos.

De maneira geral, os tradutores de *Iaiá Garcia* conseguiram traduzir características do paternalismo brasileiro para o inglês, porém tiveram dificuldades na tradução de algumas palavras típicas da sociedade brasileira, como “agregada” e “filha de criação”. A tradução de “servilidade” também revela uma confusão de conceitos como “servidão” e “escravidão”, que são relevantes para o entendimento da situação no Brasil Império ainda escravocrata. Assim sendo, Scott-Bucleuch mostra-se mais coerente em suas escolhas tradutórias, pois na maioria das vezes mantém a mesma palavra quando os termos se repetem, e tende a ser mais domesticador, uma vez que procura deixar o texto de chegada com uma leitura mais fluida. Por outro lado, Bagby Jr. parece confuso algumas vezes, como quando, apesar de adicionar nota explicativa para justificar a tradução de “filha de criação” por “*adopted daughter*”, inclusive mantendo o termo entre aspas, em seguida quando a mesma palavra surge no texto, a traduz por “*foster*”, porém isso não muda o fato de que Bagby Jr. tende a ser mais estrangeirizador, pois se utiliza de notas de rodapé junto com procedimentos de tradução como o estrangeirismo, pelo menos no que diz respeito às traduções de marcadores culturais relacionados ao paternalismo.

3.2.3.2 Marcadores culturais: Formas de tratamento

As formas de tratamento (e não somente os pronomes de tratamento) estão relacionadas às estruturas sociais na América Latina (BIDERMAN, 1972/1973, p. 339); e em *Iaiá Garcia* não é diferente, sendo a maneira que são utilizadas, típicas da cultura popular do Brasil, como por exemplo na nomeação de qualquer advogado ou médico, mesmo sem titulação, como “doutor”, representando a hierarquia das relações na sociedade brasileira. Por serem relevantes para o entendimento dos diferentes grupos sociais na capital do Brasil oitocentista, são marcadores culturais, e por isso foram selecionadas para análise nas duas traduções para o inglês.

As formas de tratamento escolhidas para análise nesta dissertação são as seguintes: dr., sr., sr. doutor, nhandã, sinhá moça, mamãezinha. No total foram 88 ocorrências, detalhadas no Quadro 6 a seguir, nas escolhas tradutórias dos dois tradutores:

Quadro 6 – Marcadores culturais: formas de tratamento selecionadas

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Sr. Luís Garcia	2	Senhor Luís Garcia	2	-
		Mr. Luís Garcia	-	1
		Luís Garcia		1
Sr. General	1	general	1	1

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Buccleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Sr. Antunes (*)	58	Sr Antunes	3	-
		Mr. Antunes	-	3
Sr. Procópio Dias	1	Senhor Procópio Dias	1	-
		Procópio Dias	-	1
Sr. João	2	Sr João	2	-
		Don João	-	2
Sra. D. Valéria	4	Dona Valéria	1	2
		Senhora Dona Valéria	3	1
		Valéria	-	1
Sr. Doutor	3	Sr Gomes	1	-
		Doctor	-	2
		sir	1	-
		Sr	1	-
		Dr.	-	1
Dr. Jorge (*)	8	Sr Jorge	2	-
		Dr. Jorge	-	2
doutor	3	my friend	2	-
		doctor	-	3
		-	1	-
sinhá moça	2	girl	1	-
		<i>sinhá moça</i>	-	1
		young mistress	1	-
		young girl	-	1
nhanhã	2	mistress	2	1
		nhanhã	-	1
mamãezinha	2	-	2	-
		mother dear	-	1
		<i>mamaezinha</i>	-	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nota: (*) em relação aos termos “Sr. Antunes” e “Dr. Jorge”, devido à grande quantidade de vezes que aparecem no texto, foi feita uma seleção aleatória utilizando a fórmula/função (ALEATÓRIOENTRE) da ferramenta *Microsoft Excel*, com base na listagem obtida com o arquivo.doc, do *Microsoft Word*, para a obtenção de amostra menor para análise.

O termo “**doutor**” aparece duas vezes na mesma sentença, dito por Procópio Dias ao conversar com Jorge, como descrito no Exemplo 18:

Exemplo 18

— Talvez estimasse, sem deixar de indignar-me depois; isto é, a indignação no momento seria abafada pelo interesse. Atenda-me, **doutor**; sejamos justos com a natureza humana. Virtudes inteiriças são invenções de poetas. Não me fazia bom cabelo que o senhor gostasse da outra, e menos ainda que ela lhe correspondesse, porque, em suma, ambicionando entrar na família, não desejaria que a família tivesse a menor mácula. Esta é a realidade. Mas, eu amo, **doutor**; e por mais

ridícula que pareça esta confissão, por mais grosseira que seja a minha casca, a verdade é que amo a enteada apaixonadamente; é o meu pensamento de todos os dias [...].

(ASSIS, 2011, p. 144).

‘You may be right, though I might well feel shocked later. That is, my initial indignation would bow to self-interest. Listen to me, **my friend**; let's be fair to human nature. To be perfectly virtuous is a poetic invention. It wasn't too happy that you should be in love with the other and much less so that she should return your love; after all, since I wanted to be one of the family without the slightest hint of scandal. That's the truth. I'm in love, **my friend**, and however ridiculous it may seem, however gross this carcass of mine may be, the truth is that I am madly in love with the stepdaughter; every day I of nothing else but her [...].’

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 128-129).

“Perhaps I would have been glad but become angry afterwards; that is to say, the indignation of the moment would have been suppressed by the interest. Listen, **doctor**, let's be fair with human nature. Complete virtue is the poets' invention. It wouldn't have been handy for you to love Estela, and less still for her to return your love, because, since I intended to enter that family, I wouldn't want it to have the slightest blemish. That's the truth of the matter. But I am in love, **doctor**; and no matter how ridiculous such a confession may seem, no matter how unrefined I may be, the truth is that I love the stepdaughter passionately: she is constantly in my thoughts [...].”

(BAGBY JR., 1977, p. 95).

No Exemplo 19 a seguir, o termo “doutor” aparece novamente quando Luís Garcia, já doente, conversa com Jorge:

Exemplo 19:

— Venha, doutor! disse ele quando viu entrar o filho de Valéria; este coração é o meu importuno.

(ASSIS, 2011, p. 178).

‘Come in,’ he said when he saw Jorge. ‘This heart's bothering me again.’

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 172).

“Come in, doctor!” he said when he saw Valéria's son enter. “This heart of mine is my enemy.”

(BAGBY JR., 1977, p. 129).

Para traduzir “doutor”, Bagby Jr. manteve a sua escolha tradutória , “*doctor*”, nas três vezes em que o termo apareceu; já Scott-Buccleuch traduziu “doutor” por “*my friend*”, no Exemplo 18, e removeu o termo no Exemplo 19, fazendo com que seu leitor não entrasse em

contato com este marcador cultural; parece que o tradutor tenta naturalizar as falas dos personagens, dando a impressão de informalidade e amizade que as duas situações exigiriam, já que na primeira situação Procópio Dias e Jorge falavam de seus interesses amorosos, e na segunda situação, Luís Garcia, já doente, está em uma situação de intimidade com Jorge, apesar de que a relação entre os dois parece ser sempre de respeito, e por isso talvez mesmo a intimidade não permitisse a informalidade. De qualquer forma, ao omitir o termo, Scott-Buccleuch não deixa explícita a convenção da relação entre eles, o que indica que o tradutor, mais uma vez, tende a ser mais domesticador; no entanto Bagby Jr. opta por “*doctor*”, que tem uma acepção diferente em inglês da do português. De acordo com o dicionário *Cambridge online*, “*doctor*” é “uma pessoa com graduação em medicina cujo trabalho é tratar as pessoas que estão doentes ou machucadas”⁹³ ou “uma pessoa que tem o maior grau (= qualificação) de uma faculdade ou universidade”.⁹⁴ Jorge não era nem médico nem possuidor de maior grau acadêmico, ele era apenas um bacharel em Direito, um advogado, e ao traduzir “doutor” por “*doctor*”, Bagby Jr. pode causar estranhamento ao leitor do texto de chegada, tendendo a ser estrangeirizador, porém sua tradução parece equivocada. Essa escolha parece ter relação com a nota de rodapé que Bagby Jr. inclui ao traduzir “**Dr. Jorge**”, conforme a ocorrência no Exemplo 20, a seguir:

Exemplo 20

— Já tive ocasião de lhe dizer que foi um dos heróis – interveio Luís Garcia olhando para a mulher –, mas o **Dr. Jorge** teima em escurecer os seus próprios serviços. Iaiá não é a mesma coisa.
(ASSIS, 2011, p. 117).

‘I’ve already told you that he was one of our heroes’, interrupted Luis Garcia, looking at his wife. ‘But **Sr Jorge** refuses to talk about his own deeds. Not like Yayá.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 95).

“I have already told you that he was one of the heroes”, interrupted Luís Garcia, looking at his wife; “but **Dr. Jorge** insists on concealing his own accomplishments - unlike Iaiá.”

Nota de rodapé: It is customary in Brazil to call anyone with higher education “doctor”, and to place the “Dr.” in front of the given name. It

⁹³ No original: “a person with a medical degree whose job is to treat people who are ill or hurt.” (tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/doctor>. (tradução nossa). Acesso em: 10 maio 2021.

⁹⁴ No original: “a person who has the highest degree (= qualification) from a college or university.” Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/doctor>. Acesso em: 10 maio 2021.

is a courteous form of address used among acquaintances.⁹⁵
(BAGBY JR., 1977, p. 68-69).

Bagby Jr. traduz “Dr.” como “Dr.”; já Scott-Buccleuch escolhe “Sr.”.

Segundo Faoro (1974), “doutor” diz respeito, mais do que ao sujeito advogado, aos profissionais liberais. Ele pode ser pobre ou rico, mas esse status lhe dá passagem ao bom casamento e à carreira política. No caso de Jorge, herdeiro rico, necessita apenas do título, que lhe dá um ar de importância, “o título lhes servia para dourar o nome, enganando com a presunção de cultura, que o romancista lhes nega”. (FAORO, 1974, p. 299)

Nos dicionários, mesmo no de 1858, a definição de “doutor” tem relação ao maior grau acadêmico, porém esse costume, ainda que discutível, de chamar os bacharéis em Direito de “doutor”, tem origem na Lei de 11 de agosto de 1827, de Dom Pedro I, que cria os cursos de Direito em São Paulo e Olinda, e determina, em seu artigo 9º, o grau de doutor. De qualquer forma, nota-se que Bagby Jr. o transcreve, e Scott-Buccleuch o apaga, substituindo-o por “Sr”; o tradutor faz a substituição sem dar qualquer explicação ao leitor de língua inglesa. O que parece ocorrer é que Scott-Buccleuch junta esses pronomes de tratamento ao nome do personagem, criando um nome próprio, como ocorre com “**Sr. Antunes**”, que ele traduz como “Sr Antunes”; já Bagby Jr. escolhe “Mr. Antunes”, como no Exemplo 21 a seguir, em que há uma descrição de Jorge na Guerra do Paraguai, especificamente ao receber cartas do Sr. Antunes, que sempre mencionava Estela:

Exemplo 21

Era distraído, sobretudo, quando recebia cartas do Rio de Janeiro, entre as quais rara vez acontecia que não viesse alguma do **Sr. Antunes**.
(ASSIS, 2011, p. 90).

He became particularly absent-minded whenever he received letters from Rio de Janeiro, amongst which it was unusual for there not to be one from **Sr Antunes**.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 59).

He was especially absent-minded when he received letters from Rio de Janeiro, among which it seldom happened that there was not one from **Mr. Antunes**.
(BAGBY JR., 1977, p. 41).

⁹⁵ “É costume no Brasil chamar qualquer pessoa com formação superior de ‘doutor’, e colocar o ‘Dr.’ na frente do nome fornecido. É uma forma cortês de tratamento usada entre conhecidos.” (BAGBY JR., 1977, p. 68-69, tradução nossa).

Essa tendência de Scott-Buccleuch de mudar um termo empregado por Machado de Assis em português para outro também em português acontece também no Exemplo 22, a seguir, quando o “**Sr. Luís Garcia**” se torna “Senhor Luís Garcia”, ou no Exemplo 23, quando “**Sr. Procópio Dias**” se torna “Senhor Procópio Dias”.

Exemplo 22

Sr. Luís Garcia — Peço-lhe o favor de vir falar-me hoje, de uma a duas horas da tarde.

Valéria.

(ASSIS, 2011, p. 51).

Senhor Luis Garcia,

Could you please come to see me between one and two o'clock this afternoon?

Valeria

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 9).

Mr. Luís Garcia:

Please do me the favor of coming to see me today, between one and two in the afternoon. I need your advice, and perhaps some favors.

Valéria

(BAGBY JR., 1977, p. 1).

Exemplo 23

— Que faz por aqui, **Sr. Procópio Dias**, às dez horas da manhã? disse Jorge logo que o outro apareceu.

(ASSIS, 1955/1968,⁹⁶ p. 113-11/p. 234).

‘What are you doing here at ten o'clock in the morning, **Senhor Procópio Dias**?’ asked Jorge as soon as the other appeared.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 86).

“What are you doing around here at ten o'clock in the morning, **Procópio Dias**?” asked Jorge as soon as the man appeared.

(BAGBY JR., 1977, p. 62).

Scott-Buccleuch segue a lógica de transcrever o pronome de tratamento “senhor” em português no texto de chegada, no entanto, não é possível entender o porquê de em algumas vezes ele usar a forma abreviada, “Sr”, e, em outras vezes, por extenso, “Senhor”. Bagby Jr., por outro lado, em algumas vezes traduz o pronome de tratamento “Sr.” por “*Mr.*”, em outras simplesmente o ignora, como será visto mais à frente com o termo “Sra. Valéria”, talvez para explicitar a relação de proximidade entre os personagens.

⁹⁶ Na edição de 2011, aparece “senhor Procópio Dias” (p. 111).

Outro exemplo envolvendo o pronome “Sr.” é a tradução de “**Sr. João**”, um personagem secundário em *Iaiá Garcia*. Ele era irmão de Maria das Dores, ama de Iaiá. O que causa estranheza, nesse caso, é a tradução realizada por Bagby Jr., em que substitui “Sr.” por “*Don*”, na ocorrência no Exemplo 24, a seguir:

Exemplo 24

— Já a vi; volto agora para casa. O **Sr. João** vai acompanhar-me.
(ASSIS, 1955/1968,⁹⁷ p. 191/p. 272).

‘I have been already. I’m on my way home now. **Sr João** is going to go with me.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 140-141).

“I’ve already seen her; I’m going home now. **Don João** is going to accompany me.”
(BAGBY JR., 1977, p. 105).

Bagby Jr. traduz “Sr. João” por “*Don João*” e não inclui nota de rodapé. “*Don*”, de acordo com os dicionários *Oxford on-line* e *Merriam-Webster on-line*, carrega uma acepção que caberia nesse caso, porém ela é de origem espanhola e utilizada no espanhol, que seria “um título espanhol utilizado na anteposição de um nome masculino”.⁹⁸ As outras duas acepções seriam: professor de Cambridge ou Oxford, ou membro da máfia! Nenhuma dessas parece justificar o uso desse termo por Bagby Jr. Já Scott-Bucleuch escolhe a mesma estratégia de tradução das ocorrências anteriores, mantendo o termo na língua de partida, unindo o pronome de tratamento ao nome do personagem, como se fosse uma única forma de endereçamento, “Sr João”.

O próximo termo é “**Sr. Doutor**”, que é utilizado por Iaiá e por Estela ao falarem de Jorge. De acordo com Biderman (1972/1973, p. 363), a forma de tratamento “senhor” era usada no Brasil e em Portugal, no século XIX, pela classe alta⁹⁹ e classe baixa ao falar com membros da classe alta. No Exemplo 25, Iaiá escreve um bilhete para Jorge:

Exemplo 25

Ilmo. **Sr. Doutor**. Papai está muito mal; pede-lhe o favor de vir a nossa casa.

Lina Garcia.

⁹⁷ Na edição de 2011, aparece “senhor João” (p. 153).

⁹⁸ No original: “A Spanish title prefixed to a male forename.” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/don>. Acesso em: 14 mar. 2021.

⁹⁹ Biderman (1972/1973, p. 363) utiliza as seguintes classificações de classes sociais para dividir as formas de tratamento utilizadas dentro e entre elas, quais sejam: Rei, Imperador; Nobre, classe alta; Povo, classe baixa. Ela utiliza essa classificação para identificar as classes sociais em Portugal e no Brasil do século XIX.

(ASSIS, 2011, p. 120).

‘Dear **Sr Gomes**, Father is very ill and would like you to come to see him. - Lina Garcia.’

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 98).

Dear **Doctor**:

Daddy is very ill; he asks that you do him the favor of coming to our house.

Lina Garcia

(BAGBY JR., 1977, p. 71).

No Exemplo 26, Iaiá fala com Jorge:

Exemplo 26

— Entre, **Sr. doutor**, que já se fazia esperado.

(ASSIS, 2011, p. 150).

‘Come in, **sir**, we have been waiting for you.’

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 137).

“Come in, **doctor**; we were expecting you.”

(BAGBY JR., 1977, p. 101).

No exemplo 27, Estela é quem fala com Jorge:

Exemplo 27

Ocasão houve em que Estela disse à enteada, com um sorriso de repreensão: — Não amofines o **Sr. Doutor Jorge**.

(ASSIS, 1955/1968,¹⁰⁰ p. 190/272).

On one occasion Estela reproved her stepdaughter with a smile saying, ‘Don’t torment **Sr Jorge** so.’

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 140).

On one occasion Estela said to her stepdaughter, with a reprimanding smile: “Don’t bother **Dr. Jorge**.”

(BAGBY JR., 1977, p. 104).

Scott-Buccleuch mantém a tradução de “doutor” por “*sir*”, ou “Sr Gomes”, para preservar a formalidade de um bilhete, e “Sr Jorge”, como se fosse o nome de Jorge, ou seja, ele domestica o texto para que seja entendido pelo leitor da língua inglesa que se trata de um tratamento formal, “*sir*”, mas sem discutir as peculiaridades do uso do “doutor” no Brasil. Já Bagby Jr. se mantém coerente com o uso de “*doctor*” ou “Dr.”, cuja explicação ele deu anteriormente em nota de rodapé, tendendo a ser mais estrangeirizador, apesar de sua

¹⁰⁰ Na edição de 2011, aparece “senhor dr. Jorge” (p. 152).

explicação do uso de “doutor” não ser completa, ou seja, ele não explica as implicações culturais dela no que diz respeito às relações de hierarquia de poder no Brasil Império. Poder-se-ia até discutir se Bagby Jr. não se equivocou ao traduzir “doutor” por “*doctor*”, tendo em vista a definição já apresentada de “*doctor*” nos dicionários de língua inglesa. A manutenção do uso de “Dr.”, como em “Dr. Jorge”, poderia ser considerada uma estrangeirização, porém a tradução de “doutor” por “*doctor*” é um equívoco.

Já a tradução da forma “**Sr. General**” segue uma lógica semelhante. Ambos os tradutores traduziram como “general”, ignorando o “Sr.”. Vide Exemplo 28, em que Luís Garcia conversa com Jorge, que está prestes a ir à guerra:

Exemplo 28

— Há de estar melhor no fim da guerra, **Sr. general**, respondeu o outro. (ASSIS, 2011, p. 70).

‘You’ll be even better by the end of the war, **general**,’ replied the other. (SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 33)

“You will look better after the war, ‘**General**,’” the other answered. (BAGBY JR., 1977, p. 21).

Em relação à tradução da forma de tratamento “Sra.”, os tradutores seguiram o mesmo padrão de tradução de “Sr.”. Ao traduzir “**Sra. D. Valéria**”, nenhum dos dois tradutores mantém a forma abreviada, mas ambos deixam o termo em português, por extenso, alternando entre “Dona Valéria”, “Senhora Dona Valéria” ou simplesmente “Valéria”. Mais uma vez não há uma explicação, da mesma forma que aconteceu com a forma “Sr.”, que justifique essa escolha de ambos. No próximo Exemplo 29, apresenta-se o caso em que Bagby Jr. opta pela tradução de “Sra. D. Valéria” por “Valéria”, o que causa certa estranheza pela falta de formalidade sem justificativa. De acordo com Biderman (1972/1973, p. 363), no século XIX, as formas de tratamento informais como “tu” e “você” eram utilizadas somente pelos membros das classes mais altas com o povo e a classe baixa, e entre membros da classe baixa. De qualquer forma, a formalidade é importante na relação entre Luís Garcia e Valéria. No Exemplo 29 a seguir, Luís Garcia conta para Jorge que Estela havia passado o dote recebido de Valéria para Iaiá:

Exemplo 29

Logo depois de casado, propôs-me aceitar, em favor de minha filha, a parte com que a **Sra. D. Valéria** lhe manifestara sua afeição.

(ASSIS, 1955/1968,¹⁰¹ p. 109/232).

Shortly after we were married she asked me to accept, on behalf of my daughter, **Senhora Dona Valeria**'s gracious gift to her.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 83).

Soon after we were married, she suggested that I accept on my daughter's behalf the portion **Valéria** had given her as a sign of affection.
(BAGBY JR., 1977, p. 59-60).

Nesse caso, mais uma vez Scott-Bucleuch emprega o pronome de tratamento como se fosse parte do nome de Valéria, "Senhora Dona Valeria", e não inclui nenhuma explicação para a sua escolha tradutória. Ele pode ter utilizado o procedimento de tradução de "transferência" ou "estrangeirismo", mas ele próprio afirma que prefere o texto fluido e que não se apega às técnicas de tradução, sendo "amador", e por isso parece mais provável que ele quisesse apenas formalizar os nomes dos personagens. Por outro lado, Bagby Jr., ao ignorar o formalismo ao utilizar somente o nome de Valéria, parece querer mostrar que a relação de Luís Garcia e Valéria era próxima, o que não é falso, mas que desconsidera o respeito que havia entre eles, e que era importante na sociedade, pois como afirma de Baubeta (1992, p. 91, tradução nossa), "entre os participantes de uma interação social existem três posições possíveis: superioridade, igualdade, inferioridade".¹⁰²

Em resumo, para a tradução da forma de tratamento "doutor", Bagby Jr. optou pela forma "*doctor*", ou manteve a abreviação em português, "Dr.", explicando o marcador cultural em nota de rodapé, tendendo a ser mais estrangeirizador; porém, além de sua explicação estar incompleta, ao traduzir por "*doctor*", há um erro, pois nesse caso os termos não são correspondentes, e sua tradução não aceitável. Scott-Bucleuch, de outro modo, optou por, ou ignorar a palavra, ou traduzir por "*sir*", quando não havia um nome próprio associado, ou modificar para "Sr", quando seguida por nome de algum personagem. Desta forma, Scott-Bucleuch manteve a sua estratégia de tradução para as palavras "senhor", "sr." ou "sra.", as quais ele deixou em português e juntou com o nome dos personagens, como em "Sr Jorge", de forma que esse conjunto fosse o nome do personagem. Scott-Bucleuch, nesses casos, ao contrário de seus procedimentos anteriores, tende a ser mais estrangeirizador ao manter as abreviações dos pronomes de tratamento em português.

As próximas formas de tratamento a serem analisadas são típicas da maneira como uma

¹⁰¹ Na edição de 2011, aparece "senhora Dona Valéria" (p. 109).

¹⁰² No original: "*between participants in a social interaction there are three possible positions: superiority, equality, inferiority.*" (BAUBETA, 1991, p. 91).

parte da sociedade se referia às mulheres daquela época. A primeira delas é “**sinhá moça**”. Os Exemplos 30 e 31, a seguir, apresentam as diferentes opções dos dois tradutores para traduzir essa forma de tratamento referente às mulheres/personagens femininas da obra *Iaiá Garcia*.

Em ambos os exemplos, o escravizado alforriado Raimundo está envolvido. No Exemplo 30, Raimundo vai buscar Iaiá no colégio, e no Exemplo 31, ele é chamado por Iaiá para levar uma carta à Procópio Dias:

Exemplo 30

No sábado, à tarde, acabado o jantar, descia Raimundo até à Rua dos Arcos, a buscar a **sinhá moça**, que estava sendo educada em um colégio.

(ASSIS, 2011, p. 54).

On Saturday afternoon, after dinner, Raimundo would go down to the Rua dos Arcos to fetch the **girl** from the school where she was studying.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 13).

On Saturday afternoon, after dinner, Raimundo would go down to the Rua dos Arcos to get **sinhá moça**, who was being educated in a colegio.

Nota de rodapé: *Sinhá moça* is a Brazilian colloquialism that may be translated “miss” or “missy”.¹⁰³

(BAGBY JR., 1977, p. 4).

Exemplo 31

Raimundo, chamado para levar essa carta, recebeu-a depois de alguma hesitação. Olhou para o papel e para a **sinhá moça**.

(ASSIS, 2011, p. 202).

Raimundo, who was summoned to deliver the letter, accepted it with misgivings. He looked at the paper, then at his **young mistress**, then shook his head in doubt.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 202).

Raimundo, who had been summoned to deliver the letter, accepted it after some hesitation. He looked at the paper and at the **young girl**.

(BAGBY JR., 1977, p. 153).

É importante notar que o termo “sinhá moça” é utilizado sempre que o escravizado alforriado Raimundo está envolvido na ação da narrativa. De acordo com o dicionário Aurélio, “Sinhá-moça” significa “tratamento que davam os escravos às filhas dos senhores ou às donzelas; sinhazinha”, enquanto “*mistress*”, de acordo com o dicionário *Oxford on-line*,

¹⁰³ “Sinhá moça é um coloquialismo brasileiro que deve ser traduzido ‘miss’ ou ‘missy’.” (BAGBY JR., 1977, p. 4, tradução nossa).

significa “uma empregadora de trabalhadores domésticos”¹⁰⁴. No exemplo 30, para traduzir “sinhá moça”, Scott-Bucclench optou pela palavra “*girl*”, e no Exemplo 31, por “*young mistress*”. Para a primeira tradução escolhe uma palavra geral, e que não traz juízo de valor; já quando Scott-Bucclench traduz “sinhá moça” por “*young mistress*”, parece ter utilizado o procedimento de tradução de equivalência cultural, em que substitui um termo marcadamente cultural por outro semelhante no texto de chegada. De outra forma, Bagby Jr. opta por deixar o termo em português, em itálico, no Exemplo 30, e em nota de rodapé explica o uso de “sinhá moça” no Brasil, e inclui também a informação de que essa forma de tratamento poderia ser traduzida por “*Miss*” ou “*Missy*”; entretanto, no Exemplo 31, Bagby Jr. traduz “sinhá moça” por “*young girl*”, ignorando a sua própria sugestão. Ou seja, apesar de ele ter usado o procedimento de tradução chamado de “transferência” ou “estrangeirismo”, e incluído nota de rodapé, quando a mesma expressão apareceu novamente, ele a traduziu de forma diferente. Além disso, a informação que ele coloca em nota de rodapé parece incompleta no que se refere ao marcador cultural, e não explica quem eram as pessoas que mais comumente usavam a forma “sinhá moça”. Assim sendo, ele tendeu a ser estrangeirizador na primeira tradução e domesticador na segunda, porém o significado do marcador cultural ficou incompleto, o que não permitiu que a mensagem fosse transmitida completamente ao leitor de língua inglesa estadunidense.

O próximo termo a ser analisado é “**nhanhã**”, que pode ser considerado um sinônimo, uma forma abreviada de “sinhá moça”, tendo em vista que, de acordo com *o Dicionário de Língua Portuguesa* de 1858, “nhánhã” significa “termo de carinho com que no Rio de Janeiro e outras partes do Brasil se tractam as meninas”. Assim como “sinhá moça”, nas duas vezes em que o termo “nhanhã” aparece no texto, ele foi utilizado pelo escravizado Raimundo. No Exemplo 32, Raimundo conversa com Estela:

Exemplo 32

— **Nhanhã** está apanhando sereno - disse Raimundo.
(ASSIS, 2011, p. 126).

‘**Mistress** is catching the night air,’ said Raimundo.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 105).

“**Nhanhã** will get damp from the dew,” said Raimundo.
(BAGBY JR., 1977, p. 77).

¹⁰⁴ No original: “(especially formerly) a female employer of domestic staff.” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/mistress>. Acesso em: 14 mar. 2021.

No Exemplo 33, o escravizado Raimundo conversa com Iaiá:

Exemplo 33

— Raimundo não achou bonito que Iaiá escrevesse àquele homem, que não é seu pai nem seu noivo, e voltou para falar a **nhanhã** Estela.
(MACHADO DE ASSIS, 2011, p. 211).

‘Raimundo didn’t think it right for Yayá to write to that man who’s neither her father nor her fiancé and came back to speak to **mistress** Estela.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 213).

“I didn’t think it was right for you to write to that man, who is neither your father nor your fiancé, so I came back to speak to **Mistress** Estela.”
(BAGBY JR., 1977, p. 161).

Para traduzir “nhanhã”, Bagby Jr. novamente escolhe transcrever a palavra na primeira ocorrência em que ela aparece no texto, porém dessa vez sem itálico e sem incluir nota de rodapé; já na segunda ocasião, o tradutor traduz “nhanhã” por “*Mistress*”. Scott-Buccleuch continua consistente nas suas escolhas ao traduzir “sinhá moça” por “*mistress*” e alinhado ao significado expresso no texto de partida. Nesta ocorrência, Bagby Jr. se mostra mais estrangeirizador ao deixar o leitor da língua de chegada com o estranhamento da palavra, enquanto Scott-Buccleuch se mostra mais domesticador.

O último marcador cultural relativo às formas de tratamento a ser analisado é “**mamãezinha**”, que está destacado nos Exemplos 34 e 35 a seguir, que mostram conversas entre Iaiá e Estela:

Exemplo 34

— Sim, **mamãezinha**; estava a sacudir a poeira do retrato de papai e comecei a pensar... foi uma loucura... se ele... morresse?
(ASSIS, 2011, p. 138).

Yayá looked at her and answered, ‘Yes, I was just dusting Daddy’s picture and I began to think... it was silly of me... what if... He should die?’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 122).

“Yes, **Mother dear**; I was shaking off the dust from Daddy’s picture, and I began to think... it was crazy... what if he ... died?”
(BAGBY JR., 1977, p. 90).

Exemplo 35

— Não se zangue, **mamãezinha**, se lhe não disse antes o que fiz agora mesmo; estava certa de que aprovaria, ou me perdoaria, quando menos.

(ASSIS, 2011, p. 204).

‘Please don’t be angry with me if I didn’t tell you beforehand what I’d done; I was sure you’d approve or at least forgive me. [...]’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 205).

“Don’ be angry, *mamaezinha*. If I didn’t tell you earlier what I have just told you, I was certain you would approve, or that you would at least forgive me. [...]”

Nota de rodapé: The diminutive of *mamae*, or mother, used in an endearing, loving way.

(BAGBY JR., 1977, p. 155).

Em sua tradução, Scott-Bucleuch remove a palavra “mamãezinha” nas duas vezes em que apareceu no texto, utilizando-se do procedimento de tradução chamado exclusão ou omissão; porém, como afirma Barbosa (1990, p. 68), excluem-se somente termos da língua de partida considerados supérfluos. Nesse caso, trata-se de um marcador cultural em que a linguagem é típica da família brasileira. Para Hatje-Faggion (2015, p. 185), que faz uma análise linguística desse termo, o interessante do uso da forma diminutiva é que ela é mais carinhosa; e quando Scott-Bucleuch a suprime, isso implica na alteração de sentimento entre Estela e Iaiá. Ele domestica totalmente a sua tradução. Bagby Jr., por sua vez, mantém “mamãezinha” em português, com uma nota de rodapé (Exemplo 35) e na outra o traduz (Exemplo 34). O diferente, nesta ocorrência, é que ele primeiro traduziu “mamãezinha” como “*Mother dear*” e da vez seguinte deixou a palavra em português. Para o leitor do texto em inglês talvez essas alterações não tenham impacto, mas para o estudioso que queira conhecer as marcas culturais brasileiras essas diferenças podem causar confusão. Bagby Jr. se mostra estrangeirizador, mas vago nas suas escolhas tradutórias, pois decide, em relação ao mesmo termo, traduzi-lo uma primeira vez e mantê-lo na língua de partida, em itálico, com nota de rodapé, em uma segunda oportunidade.

Enfim, para traduzir os marcadores culturais como formas de tratamento os dois tradutores, na maioria das vezes, mantiveram o seu significado, apesar de não conseguirem dar visibilidade aos marcadores culturais, como, por exemplo, na tradução do “sinhá moça”, que traz em si o sinal da escravidão no Brasil oitocentista.

Em relação aos dois tradutores, Scott-Bucleuch se mostra mais consistente em suas escolhas tradutórias. Ao optar por um termo, na maioria das vezes ele o mantém em outras ocorrências; em poucas outras, não, como por exemplo, na tradução de “sinhá moça”, em que ele traduziu como “*girl*” e “*young mistress*”. Já Bagby Jr., por diversas vezes, traduziu a mesma forma de tratamento da língua de partida de diferentes maneiras na língua de chegada, como por exemplo, o termo “Sra. D. Valéria”, que ele traduziu por “Dona Valéria”, “Senhora

Dona Valéria” e “Valéria”. No que diz respeito às três formas de tratamento em que ele optou pelo uso do procedimento de tradução da transferência (ou estrangeirismo), nas suas traduções, quando esses mesmos termos apareceram novamente no texto, ele os traduziu por palavras na língua de chegada, mesmo que em dois deles ele tenha incluído notas de rodapé para explicar a sua opção pela manutenção do termo na língua de partida. De qualquer forma, Bagby Jr., ao utilizar esses procedimentos de tradução (transferência e notas explicativas), se mostra mais estrangeirizador, enquanto Scott-Bucclench, mais domesticador, apesar de em alguns momentos, quando ele junta a forma de tratamento ao nome do personagem, como em Sr. Procópio Dias ou Sr. Luís Garcia, poderia ser estrangeirizador por manter o termo em português e causar a estranheza no leitor do texto de chegada.

3.2.3.3 Marcadores culturais: Refeições

A mesa das refeições é o local em que eventos familiares relevantes se desenrolam. Em *Iaiá Garcia*, a hora das refeições é descrita como um momento em que os personagens, na grande maioria das vezes, se encontram, e na qual Machado de Assis deixa transparecer o tipo de relação, muitas vezes de dependência, existente entre eles, como na cena em que o narrador pondera que Luís Garcia se incomodava com o fato de Iaiá querer passar as tardes de domingo em casa de Valéria, mas depois cede para agradar a filha, e passa a jantar ou ficar conversando com os moradores da casa por pelo menos uma hora sempre que Iaiá lá jantava (2011, p. 100), ou quando Procópio Dias convida Jorge para cear, e esse recusa, “[...] por desconfiança, porque não quer dever nada a semelhante homem” (SCHWARZ, 2000, p. 226), sendo este o representante do velho rico (paternalista) e Procópio Dias, do novo-rico (individualista), de acordo com Schwarz (2000).

Assim sendo, os termos relacionados às refeições são importantes marcadores culturais sociais, pois várias ações se desenrolavam nesse momento, além de também o horário dessas refeições ser diferente das horas das refeições atuais. No texto do romance aparecem refeições em 39 ocorrências, com diferentes traduções para o inglês, conforme Quadro 7, a seguir:

Quadro 7 – Marcadores culturais: refeições

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Bucclench (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
almoço	8	breakfast	2	1
		brunch	-	2
		lunch	6	4
		meal	-	1

Termo	Quantidade	Termo traduzido	Tradução de Scott-Buccleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
almoçado	2	-	1	-
		(after) breakfast	-	2
		(after) lunch	1	-
almoçar (horas de)	1	lunchtime	1	-
		breakfast (time for)	-	1
almoçaram	2	had eaten ... lunch	1	-
		had breakfast	-	2
		lunched	1	-
jantar (substantivo)	10	dinner	10	10
jantar (verbo)	8	dine	1	-
		dined	2	-
		dining	1	-
		dinner	4	8
jantava	2	dined	2	1
		would dine	-	1
jantaram	1	dinner party	1	-
		dined	-	1
tinha jantado	1	having dined	1	-
		had eaten	-	1
cear	1	to dine	1	-
		supper	-	1
ceia	2	dinner	1	-
		supper	1	1
		meal	-	1
ceou	1	had supper	1	-
		-	-	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Notas: o termo “café da manhã” não aparece, o café somente é mencionado como a bebida que Luís Garcia toma antes do almoço.

O termo “**jantar**” foi o menos controverso nas traduções para o inglês de Scott-Buccleuch e de Bagby Jr. Em todas as vezes que o termo surgiu como substantivo, foi traduzido como “*dinner*” por ambos os tradutores, como no Exemplo 36.

Exemplo 36

Não foi alegre nem animado o **jantar**.
(ASSIS, 2011, p. 65).

Dinner was neither cheerful nor lively.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 27).

Dinner was neither happy nor lively.
(BAGBY JR., 1977, p. 16).

Scott-Buccleuch e Bagby Jr. traduzem o substantivo “jantar” pelo substantivo “*dinner*”.

Já quando o termo surgiu como verbo, conjugado ou não, a sua tradução manteve o seu significado, mas algumas vezes foi traduzida como “*dinner*”, substantivo, por ambos os tradutores, como no Exemplo 37.

Exemplo 37

Valéria mostrou-se reanimada com a resposta; disse-lhe que fosse lá **jantar** naquele mesmo dia ou no outro.
(ASSIS, 2011, p. 63).

Valeria’s spirits seemed restored by this answer. She suggested he should **dine** there that same day or the next.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 25).

Valeria seemed to revive with the answer. She told him to come for **dinner** that same day or the next.
(BAGBY JR., 1977, p. 14).

Apesar de o sentido da frase não se alterar, Scott-Buccleuch mantém a classe da palavra na língua de partida como verbo, enquanto Bagby Jr. a altera para um substantivo.

Bagby Jr. fez essa escolha 100% das vezes, porém quando o verbo estava conjugado, ele utilizou o verbo “*to dine*”, assim como Scott-Buccleuch, no Exemplo 38, a seguir:

Exemplo 38

Quando Iaiá **jantava** em casa de Valéria, Luís Garcia, ou também **jantava**, ou ia buscá-la à noite, e trazia-a depois de uma hora de conversa.
(ASSIS, 2011, p. 100).

Whenever the girl **dined** at Valeria’s house Luis Garcia either **dined** there too or went to fetch her in the evening, staying to chat for an hour or so before taking her home.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 72).

When Iaiá **dined** at Valeria’s, Luis Garcia **would** either **dine** there also, or would come back for her at night, and would take her home after an hour of conversation.
(BAGBY JR., 1977, p. 51).

Em português, o verbo “jantar” se apresenta conjugado, e tanto Scott-Buccleuch como Bagby Jr. mantém o verbo “*to dine*” conjugado.

Como afirmado anteriormente, a palavra “jantar” foi traduzida literalmente por ambos os tradutores, mantendo o seu significado. Apesar de como afirmado por Britto (2012), o entendimento de “jantar” no Brasil e nos países de língua inglesa serem distintos, na época em

que se passa o romance, tanto “jantar” como “*dinner*” tinham o mesmo conceito de principal refeição do dia, tanto pelo dicionário *Cambridge on-line*, definindo-o como a principal refeição do dia, feita de noite ou no meio do dia, como no *Dicionário de Língua Portuguesa* de 1858, que o define como a segunda refeição do dia, antes da ceia.

Em relação à “**ceia**”, também não houve disparidades relevantes entre as traduções para o inglês de ambos os tradutores. No Exemplo 39 a seguir, em que é descrito um jantar entre Jorge e Procópio Dias, Scott-Buccluech optou por traduzir o termo por “*dinner*”, enquanto Bagby Jr. traduziu por “*supper*”:

Exemplo 39

Jorge não comeu nada. Malgrado o prazer que achava em estar com ele, não quis aceitar-lhe o obséquio da **ceia**, apesar de lhe ter feito o do almoço.

(ASSIS, 2011, p. 114).

Jorge ate nothing. Despite the pleasure of being with him Jorge refused his offer of **dinner** even though he himself had provided lunch.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 90).

Jorge ate nothing. Despite the pleasure he derived from being with Dias, he refused to accept the courtesy of the **supper** from him even though he had furnished his lunch.

(BAGBY JR., 1977, p. 65).

De acordo com o dicionário *Merriam-Webster on-line*, nos séculos XVIII e XIX, era comum que houvesse essa distinção entre “*dinner*”, que seria uma refeição mais substancial, e “*supper*”, uma refeição mais leve feita de noite. Em *Iaiá Garcia*, Machado de Assis (2011, p. 142) descreve a ceia como refeição “composta de viandas frias e dois ou três cálices de vinho puro”, porém essa distinção foi se extinguindo ao longo do tempo, e a principal refeição do dia, que ocorria no início da tarde, passou a ser o “*lunch*” (almoço), o que será discutido a seguir. Ou seja, de acordo com o *Merriam-Webster on-line*, “*dinner*” e “*supper*” passaram a “ser sinônimos quando referidos como refeição da noite”.¹⁰⁵ Assim sendo, quando Bagby Jr opta por “*supper*”, ele se mostra alinhado ao texto de Machado de Assis, característica do tradutor estrangeirizador, enquanto Scott-Buccluech, ao traduzir por “*dinner*”, atualiza a palavra e deixa o texto de chegada mais próximo do leitor contemporâneo, sendo mais domesticador.

A refeição mais polêmica para ser traduzida é o “almoço”, dada as mudanças que

¹⁰⁵ “Dinner and supper are generally synonymous when referring to a meal in the evening. However, dinner can be considered by some to be a somewhat more formal word. In chiefly British English, supper can also refer to a light meal or snack that is eaten late in the evening.” Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/dinner-vs-supper-difference-history-meaning>. Acesso em: 24 fev. 2021.

estavam ocorrendo no período em que o romance foi escrito. De acordo com Steyer (2011a), até a instalação da luz elétrica no Brasil, em 1880, as principais tarefas do dia, incluindo as refeições, eram feitas de dia, porém, ao longo do século XIX, alternativas para realização de refeições na rua foram surgindo, o que tornava seus horários mais flexíveis. As refeições caseiras eram divididas em:

almoço: refeição feita por volta das 8h... aquilo que chamamos hoje de café da manhã ou desjejum; jantar: a principal refeição do dia, servida às 14h, mais ou menos; merenda: refeição possível, sempre leve, ao cair da tarde ou começo da noite; ceia: última refeição do dia, servida em torno das 21h. (STEYER, 2011a, p. 28).

Mas no século XX, esses horários já tinham se estendido, e o que era almoço passou a ser café da manhã, e o que era jantar, almoço. Como afirma Lima Reis (2010, p. 42):

O avanço progressivo dos horários primordiais arrastou consigo as denominações registadas em épocas anteriores, de modo que, no século XX, o almoço passou a ter lugar entre o meio-dia e a uma hora da tarde, o jantar aproximou-se das oito, atirou a ceia para horas tardias e ditou que se tornasse facultativa. Criava-se assim a necessidade de que o almoço antigo fosse rebaptizado e, talvez para caracterizar a sua modéstia, o nome de pequeno-almoço veio a calhar embora primeiro almoço fosse muito mais elucidativo.

Portanto, ao se analisar as traduções de “almoço”, encontra-se o termo sendo traduzido tanto como “*breakfast*”, “*brunch*” e “*lunch*”. Quando a hora é mencionada, não há dúvidas relativas à tradução, como no Exemplo 40, a seguir, em que a refeição ocorre às oito horas, tendo sido traduzido como “*breakfast*” por ambos os tradutores:

Exemplo 40

Erguia-se com o sol, tomava do regador, dava de beber às flores e à hortaliça; depois, recolhia-se e ia trabalhar antes do **almoço**, que era às oito horas.

(ASSIS, 2011, p. 52).

He rose with the sun, took his watering-can and tended the flowers and vegetables, then he would return to the house and work until **breakfast at eight o'clock**.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 11).

He would rise with the sun, take the watering pot and give the flowers and plants a drink; then he would withdraw to do some work before **breakfast**, which was at eight o'clock.

(BAGBY JR., 1977, p. 2).

Como é explícito no texto que a refeição ocorreu às 8 da manhã, é claro para ambos os tradutores que se trata de “*breakfast*”. As duas traduções mostram uma modernização do texto,

pois na época em que foi escrito seria de fato o almoço, mas para os leitores do século XX sem conhecimento prévio dessa realidade do século XIX talvez não fosse compreensível. Porém, nas demais vezes em que a palavra “almoço” é mencionada no texto, Scott-Buccleuch a traduz como “*lunch*”, bem como quando o verbo “almoçar” e suas conjugações aparecem em *Iaiá Garcia*, Scott-Buccleuch mantém o verbo “*to lunch*” ou “*have lunch*”, em inglês. Bagby Jr. parece ter entendimentos diversos, variando as traduções como “*lunch*”, “*brunch*”, “*breakfast*” e “*meal*”.

Os próximos exemplos envolvem uma situação que se inicia com uma conversa e termina com uma refeição. A ação começa quando Procópio Dias avista Jorge, que estava na casa da Tijuca, onde no passado ele havia beijado Estela, e faz uma brincadeira com ele, sobre ser hora de almoçar (Exemplo 41).

Exemplo 41

— Olá, senhor dorminhoco! São horas de **almoçar**.
(ASSIS, 2011, p. 110).

‘Hello there, sleepyhead. It’s **lunchtime**.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 86).

‘Hello there, sleepyhead! It’s **time for breakfast**.’
(BAGBY JR., 1977, p. 61).

Scott-Buccleuch traduz “almoçar” por “*lunchtime*”; já Bagby Jr., por “*breakfast*”; ocorre, pois, uma diferença de entendimento entre os dois tradutores. Scott-Buccleuch entende já ser a hora do almoço, “*lunchtime*”, enquanto Bagby Jr. entende ser hora do café da manhã, “*time for breakfast*”. Alguns parágrafos adiante, Jorge menciona que são 10 horas da manhã. Ou seja, tanto pode ser hora para o café da manhã como para o almoço, pois é o meio da manhã.

Depois disso, o romance continua com a narração de como Jorge e Procópio Dias se conheceram na Guerra do Paraguai, com uma descrição do personagem Procópio Dias, até chegar o momento em que os dois se encontram sentados à mesa do almoço, duas horas depois (Exemplo 42).

Exemplo 42

— Ninguém o vê — dizia ele daí a duas horas, à mesa do **almoço** de Jorge, na casa da Rua dos Inválidos.
(ASSIS, 2011, p. 114).

‘No one ever sees you’, he said two hours later, sitting at **lunch** with Jorge at the Rua dos Inválidos.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 90).

“No one ever sees you anymore,” he was saying, two hours later at Jorge’s **lunch** table in the house on Inválidos’ Street.
(BAGBY Jr., 1977, p. 64-65).

Scott-Buccleuch traduziu ambos os momentos como “*lunchtime*” e “*lunch*”, porém Bagby Jr. traduziu como “*breakfast*” e “*lunch*”. É provável que Bagby Jr. tenha considerado a passagem de tempo mencionada pelos personagens, e ele mesmo comenta, em nota de rodapé elaborada por ele para explicar outra ocorrência da palavra “almoço”, que há essa confusão entre o café da manhã e o almoço, conforme o Exemplo 43 a seguir, em que Iaiá olha pela janela e vê o pai bebendo café:

Exemplo 43

Via o pai bebendo a xícara de café, que aos domingos precedia o **almoço**.

(ASSIS, 2011, p. 55).

[...] from there she could see her father drinking his morning coffee which he took before **breakfast** on Sundays.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 15).

[...] would see her father drinking the cup of coffee which, on Sundays, preceded his **brunch**.

Nota de rodapé.¹⁰⁶ A difference of opinion exists as to the meaning of almôço as it was used in Assis’s day. Helen Caldwell feels that at that time this word was taken to mean breakfast, not lunch as we think of the noon meal. Caldwell offers the example of Kidder, Fletcher, and Ewbank (Anglo visitors to nineteenth-century Brazil), who described Brazilian meals then as follows: strong coffee at sunrise (*café*), a substantial meal later in the morning (*almôço*), dinner at 1 or 2 P.M. (*jantar*), tea at 9 P.M. (*chá*). This description may have been generally true, but it fails to take into account individual custom, social class, and Assis’s own arbitrary use of the term (i.e., his use of it to refer to

¹⁰⁶ “Existe uma diferença de opinião quanto ao significado de “almoço” tal como era usado na época de Assis. Helen Caldwell acha que naquela época essa palavra significava café da manhã, não almoço, como pensamos na refeição do meio-dia. Caldwell oferece o exemplo de Kidder, Fletcher e Ewbank (anglo visitantes do Brasil do século XIX), que descreveram as refeições brasileiras da seguinte maneira: café forte ao nascer do sol (*café*), uma refeição substancial no final da manhã (*almôço*), jantar às 13h ou 14h (*jantar*), chá às 21:00 (*chá*). Essa descrição pode ter sido verdadeira, mas ela não leva em consideração o costume individual, a classe social e o uso arbitrário do termo pelo próprio Assis (i.e., seu uso para se referir a diferentes refeições). Por exemplo, em duas de suas obras-primas, *Memórias póstumas de Braz Cubas* e *Quincas Borba*, a refeição como veículo de convivência é um forte *leitmotiv*. Em ambas as obras, sobretudo nesta última, Rubião convida frequentemente amigos para refeições na sua casa (*venha almoçar*) por volta do meio-dia. A menção de vinhos, carnes cozidas e café após a refeição contradiria a noção de um café às 8h ou *brunch* às 10h. O costume provavelmente não mudou significativamente de 1890 a 1930, quando o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* definiu *almôço* assim: ‘a primeira das duas refeições substanciais do dia’, ou, a refeição do meio-dia (tradução minha). Certamente ‘*lunch* ou *luncheon*’ é o significado atual de almôço (cf. o *New Appleton Dictionary of the English and Portuguese Languages*, 1967). Nesta obra Luís Garcia tem almôço às 8h; Procópio Dias e Jorge têm almôço às 10h (ver pp. 61-62). E devemos traduzir *café* ou *almôço* de acordo com a experiência particular que o contexto sugere que está ocorrendo.” (BAGBY JR., 1977, p. 6, tradução nossa).

different meals). For example, in two of his masterpieces, *Memórias póstumas de Braz Cubas* and *Quincas Borba*, meals as a vehicle for social interaction form a strong leitmotif. In both works, especially the latter, Rubião frequently invites friends for meals at his home (*venha almoçar*) at around the noon hour. The mention of wines, cooked meats, and after-meal coffee would contradict the notion of an 8 A.M. *café* or 10 A.M. brunch.

Custom probably did not change significantly from 1890 to 1930, when the *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* defined *almôço* thus: “the first of the two substantial meals of the day,” or, the noon meal (translation mine). Certainly “lunch or luncheon” is the current meaning of *almôço* (cf. the *New Appleton Dictionary of the English and Portuguese Languages*, 1967).

In this work Luís Garcia has *almôço* at 8 A.M.; Procópio Dias and Jorge have *almôço* at 10 A.M. (see pp. 61-62). And we shall translate *café* or *almôço* according to the particular experience the context suggests is taking place.

(BAGBY JR., 1977, p. 6).

Bagby Jr. opta por traduzir “almoço” por “*brunch*”, enquanto Scott-Bucclench escolhe “*breakfast*”. De acordo com o dicionário *Cambridge on-line*, “*brunch*” é “uma refeição que se come no fim da manhã, que é uma combinação de café da manhã e almoço”.¹⁰⁷ Ou seja, nesse caso, Bagby Jr., apesar de na maioria das vezes ser estrangeirizador, aparenta ser domesticador aqui, pois traduz a palavra na língua de chegada com um termo que não era utilizado no Brasil daquela época, e até hoje aparece como um verbete estrangeiro no dicionário (não existe uma palavra em português que represente uma refeição que junta o café da manhã com o almoço), mesmo tendo utilizado uma nota de rodapé para justificar a sua escolha.

Em conformidade com os exemplos apresentados, ambos os tradutores se atentaram às características culturais e sociais do Brasil nas suas escolhas tradutórias referentes às refeições, em que os seus horários eram diferentes dos atualmente existentes. Tanto Scott-Bucclench como Bagby Jr., mesmo o último tendo utilizado o auxílio de nota de rodapé para explicar seu procedimento, tenderam a ser domesticadores, uma vez que procuraram traduzir as refeições por palavras da língua de chegada que permitissem aos leitores entenderem os horários e as refeições realizadas.

3.2.3.4 Marcadores culturais: expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas são representantes típicas de uma cultura, criadas de acordo

¹⁰⁷ No original: “a meal eaten in the late morning that is a combination of breakfast and lunch.” (tradução nossa). <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/brunch>. Acesso em: 10 maio 2021.

com situações locais e que representam a identidade cultural de uma nação.

Em *Iaiá Garcia* são encontradas algumas expressões idiomáticas, bem como frases feitas e trocadilhos que, em princípio, parecem fazer sentido somente para o falante de português, e cujas traduções para o inglês são relevantes para se entender o papel dos tradutores. Por meio de leitura cuidadosa de *Iaiá Garcia* foram identificadas oito orações cujas traduções são analisadas neste subitem desta dissertação.

A primeira oração é: “**uma onça de paz vale mais que uma libra de vitória**”. Essa expressão foi utilizada em *Iaiá Garcia* para descrever o temperamento de Luís Garcia, que era quieto e reservado, conforme Exemplo 44:

Exemplo 44

Como um célebre eclesiástico, tinha para si que **uma onça de paz vale mais que uma libra de vitória**.

(ASSIS, 2011, p. 52).

[...] he was like the celebrated cleric who held that **an ounce of peace was worth more than a pound of victory**.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 10).

Like a typical clergyman, he figured that **an ounce of peace was worth more than a pound of victory**.

(BAGBY JR., 1977, p. 2).

Essa expressão não é um marcador cultural exclusivo do Brasil, e uma das evidências é que ambos os tradutores a traduziram de forma idêntica como “*an ounce of peace was worth more than a pound of victory*”. Esse fato poderia ser uma coincidência, porém, ao realizar uma busca na internet, encontram-se várias referências à frase em inglês. Em português, os primeiros resultados da busca são em referência a expressão de Machado de Assis. De acordo com a página “Romance e contos em hipertexto”:¹⁰⁸

A referência é provavelmente ao cardeal Roberto Bellarmino (1542-1621), jesuíta italiano que foi professor de teologia em Louvain e bibliotecário do Vaticano. Segundo o Dicionário universal de biografias e mitologia, de Joseph Thomas (1887), Bellarmino era respeitado pelos adversários como grande debatedor de ideias, ainda que de temperamento moderado. No verbete “Bellarmino” desse dicionário, afirma-se que, segundo contemporâneos, o cardeal costumava dizer que “uma onça de paz vale mais que uma libra de vitória”.

Essa referência também é encontrada em obra já em domínio público sobre o

¹⁰⁸ Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/iaia Garcia.htm. Acesso em: 20 jan. 2021.

cristianismo, *Creeds of Christendom, with a History and Critical notes*, volume 1, *The History of Creeds*,¹⁰⁹ que também cita Roberto Bellarmino e seu hábito de repetir a frase “*an ounce of peace was worth more than a pound of victory*” para justificar o seu jeito calmo.

Em complemento, é importante reiterar que Machado de Assis, em *Iaiá Garcia*, faz várias referências a personagens e fatos históricos. Esses fatos geraram 21 notas explicativas na edição da editora Cultrix, editada por Massaud Moisés, as quais foram traduzidas por Bagby Jr. em notas de rodapé para suplementar a sua tradução. Curiosamente não há nota sobre a expressão aqui analisada.

A próxima expressão é: “**proclamá-lo aos quatro ventos do céu**”. Essa frase é usada por Jorge quando, na Guerra do Paraguai, ainda apaixonado por Estela, sente a necessidade de dizer isso a alguém e escreve para Luís Garcia uma carta que trará consequências no futuro. Segue seu detalhamento no Exemplo 45:

Exemplo 45

Um dia, porém, antes de meado o ano de 1867, não pôde resistir à necessidade de segredar o amor a alguém ou **proclamá-lo aos quatro ventos do céu**.

(ASSIS, 2011, p. 90).

One day, however, about the middle of the year 1867, he could no longer resist the need to either confide his love to someone or **to proclaim it loudly to the four winds of heaven**.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 59).

One day, however, before the middle of the year 1867, he was not able to resist the need of entrusting the secret of his love to someone or **of declaring it to the four corners of the earth**.

(BAGBY JR., 1977, p. 41).

Para traduzir “proclamá-lo aos quatro ventos do céu”, Scott-Bucclench escolhe “*to proclaim it loudly to the four winds of heaven*”; já Bagby Jr. opta por “*of declaring it to the four corners of the earth*”. Essa expressão do português tem correspondentes em inglês, nas duas formas traduzidas. Segundo o *Dicionário de expressões idiomáticas*¹¹⁰ do grupo da UNESP, “aos quatro ventos” ou “quatro cantos” significa “em todas as direções, de todos os lados” (origem bíblica). De acordo com o *Chambers Dictionary of Idioms*, “*in the four winds*” significa “alguém ou algo que é espalhado aos quatro ventos é enviado, ou espalhado, por uma

¹⁰⁹ Disponível em:

<https://homepages.uc.edu/~martinj/Philosophy%20and%20Religion/Atheism/Christianity%20and%20its%20Creeds/creeds1.txt>. Acesso em: 20. jan. 2021.

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/busca.php>. Acesso em 25 jan. 2021.

vasta área”;¹¹¹ e “*the four corners of the earth*” significa dizer “que pessoas ou coisas vêm dos quatro cantos da terra, ou do mundo, ou do globo, se vierem de muitos lugares diferentes”.¹¹² Ou seja, essa expressão existe tanto na língua portuguesa como na língua inglesa, com o mesmo significado, com algumas variações lexicais, que são situações comuns quando se trata de expressões idiomáticas, mas que identifica o marcador cultural. Como afirma Jorge (2001, p. 217):

A identidade de uma língua, de uma cultura, constrói-se também nas suas diferenças e na capacidade que o homem demonstra em lidar com esta pluralidade para a construção de um todo. As Eis [expressões idiomáticas] ilustram diferenças (lexicais, morfológicas, idiolectais, regionais, sociais...) e a sua riqueza advém também de suas múltiplas formas de expressão, das suas variantes (subvertendo parcialmente a sua própria lexicalização e permitindo algumas substituições num paradigma sempre finito).

Nesse caso, tanto Scott-Buccleuch como Bagby Jr. encontraram expressões correspondentes na língua de chegada, com o mesmo sentido da expressão na língua de partida, o que não significa necessariamente que eles tenham sido domesticadores, na medida em que não houve necessidade de adaptação da expressão da língua de partida por outra na língua de chegada.

A expressão seguinte é: “**Se eu vendo saúde!**”. Ela é dita por Estela quando Valéria diz que vai arranjar-lhe um noivo, e pergunta à Estela se ela tem um coração, e está empregada no Exemplo 46 a seguir.

Exemplo 46

“Se eu vendo saúde!”
(ASSIS, 2011, p. 98).

‘I’m the picture of health.’
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 70).

“Why, I have health to spare.”
(BAGBY JR., 1977, p. 49).

Scott-Buccleuch traduz “Se eu vendo saúde!” como “*I’m the picture of health*”; já Bagby Jr. como “*Why, I have health to spare*”.

¹¹¹ No original: “*someone or something that is scattered to the four winds is sent, or spread, over a wide area.*” (tradução nossa).

¹¹² No original: “*you say that people or things come from the four corners of the earth, or world, or globe, if they come from many different countries.*” (tradução nossa).

O dicionário *Oxford Portuguese* traduz a expressão “vender saúde” como “estar repleto de saúde”.¹¹³ Apesar de cada tradutor ter traduzido diferentemente a expressão, ambas as traduções possuem significados semelhantes ao indicado pelo dicionário. A tradução escolhida por Scott-Bucleuch consta inclusive do dicionário *Cambridge on-line*, em que “*to be the picture of health*” significa “aparentar estar muito saudável”.¹¹⁴

Uma tradução literal não faria sentido. E de acordo com o dicionário *Aurélio*, a expressão “vender saúde” significa “ter saúde excelente”. Desta forma, ambos os tradutores conseguiram traduzir o significado da expressão, tendo encontrado frases que expressavam na língua de chegada ideias semelhantes às da língua de partida.

A próxima expressão é: “**afogado em papel**”. Ela é utilizada por Iaiá ao ver seu pai, Luís Garcia, fazendo uma limpeza nos papéis em seu gabinete, e empregada no Exemplo 47:

Exemplo 47

— Papai vai ficar **afogado em papel**, disse a moça.
(ASSIS, 2011, p. 132).

‘You’ll **drown yourself in paper**, Daddy,’ she answered.
(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 114).

“You’re going **to be smothered in paper**,” said the girl.
(BAGBY JR., 1977, p. 84).

Scott-Bucleuch traduz “afogado em papel” como “*drown yourself in paper*”, e Bagby Jr. como “*to be smothered in paper*”.

De acordo com o *Diccionario de Língua Portuguesa* de 1858, “estar afogado com” significa “ocupado, oprimido com grande numero d’elles”. A tradução literal para o inglês feita por Scott-Bucleuch tem o mesmo significado, ou seja, de acordo com o dicionário *Oxford on-line*, “*be drowning in*” significa “estar sobrecarregado com uma grande quantidade de alguma coisa”.¹¹⁵ A opção de Bagby Jr. também tem a mesma acepção, “*smother sth in/with sth*”, que quer dizer, conforme o dicionário *Cambridge on-line*, “cobrir completamente algo com uma substância ou objetos”.¹¹⁶ Ou seja, apesar de serem verbos distintos (afogar, sufocar), todos querem dizer a mesma coisa, não conseguir respirar devido a grande quantidade de coisas, na

¹¹³ No Original: “*to be bursting with health.*” (tradução nossa).

¹¹⁴ No original: “*to look very healthy, innocent, etc.*” (tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/be-the-picture-of-health-innocence-etc>. Acesso em: 15 mar. 2021.

¹¹⁵ No original: “*Be overwhelmed by a large amount of something.*” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/drown>. Acesso em: 27 jan. 2021.

¹¹⁶ No original: “*to cover something completely with a substance or objects.*” (tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/smother-sth-in-with-sth>. Acesso em: 27 jan. 2021.

tradução literal.

Mais uma vez os tradutores encontraram expressões semelhantes na língua de chegada, com o procedimento de tradução de descobrir um equivalente cultural.

A seguir, no Exemplo 48, é analisada a expressão “**Dia de São Nunca!**”. Essa expressão foi usada por Iaiá ao responder para Jorge quando iria se casar com ele. Obviamente sua opinião muda depois de alguns dias.

Exemplo 48

— Sério? **Dia de São Nunca.**

(ASSIS, 2011, p. 198).

‘Serious? **Never-never day**, then.’

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 198).

“Serious? Not until **Doomsday.**”

(BAGBY JR., 1977, p. 149).

Scott-Buccleuch traduz “Dia de São Nunca” como “*Never-never day*” e Bagby Jr. traduz por “*Doomsday*”, que é o dia do Juízo Final. A origem dessa expressão é desconhecida. De acordo com João Ribeiro (2009), São Nunca é um santo burlesco, inventado, cujo dia não existe no calendário. De acordo com o dicionário *Merriam-Webster on-line*, “*never-never*” é um adjetivo que significa “caracterizado por uma qualidade imaginária, idealista ou fantástica”,¹¹⁷ ou seja, no dia ideal, que pode nunca chegar. Ambos os tradutores mantiveram a ideia inicial de Machado de Assis, apesar de as traduções estarem ajustadas para o público leitor; entretanto, não é possível dizer se os tradutores foram domesticadores ou estrangeirizadores, pois a tradução de expressões idiomáticas exige a adaptação por parte do tradutor.

A expressão seguinte é: “**pregou os olhos**”. É utilizada pelo Sr. Antunes quando conta para Jorge sobre uma ocasião em que presenciou Luís Garcia repreendendo Iaiá por ter virado às costas para Jorge, e ela, contrariada, prega os olhos nas unhas, conforme o Exemplo 49.

Exemplo 49

[...] Iaiá **pregou os olhos** nas unhas, com a testa franzida, e eu saí porque já não podia aturar nem um nem outro.

(ASSIS, 2011, p. 149-150).

[...] she simply **looked away** with a cross expression and I left the room because I couldn’t put up with either of them any longer.

¹¹⁷ No original: “*characterized by an imaginary, idealistic, or fantastic quality.*” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/never-never>. Acesso em: 15 mar. 2021.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 136).

[...] Iaiá **looked at her fingernails** with a scowl on her face, and I left because I could no longer stand either one of them.

(BAGBY JR., 1977, p. 101).

Para traduzir "pregou os olhos nas unhas", Scott-Buccleuch optou por "*looked away*" e Bagby Jr. escolheu "*looked at her fingernails*". De acordo com o *Diccionario da língua portuguesa*, de 1858, uma das acepções de "pregar" é "fitar". Nesse caso, Bagby Jr. foi mais preciso em sua tradução, pois de acordo com o dicionário *Cambridge on-line*, "*look at*" significa "quando você '*look at*' algo, nós direcionamos nossos olhos na direção disto e prestamos atenção a isto".¹¹⁸ Já Scott-Buccleuch muda o sentido da frase, pois em sua tradução Iaiá desvia o olhar. Mais uma vez os tradutores procuraram por expressões que transmitissem a ação ocorrida nesse trecho, que é o desvio do olhar de Iaiá para não fitar seu pai, Luís Garcia.

A próxima expressão, "**dias azuis**", não é uma expressão idiomática, mas sim uma metáfora¹¹⁹ para dias felizes, porém tem um significado oposto do termo em inglês (Exemplo 50).

Exemplo 50

Há dias em que me levanto alegre e viva como uma criança; papai diz que são os meus **dias azuis**.

(ASSIS, 2011, p. 173).

Some days I wake up as gay and lively as a child; Daddy calls them my **blue days**.

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 166).

There are days when I wake up happy and vivacious, like a child. Daddy calls them my **sunny days**.

(BAGBY JR., 1977, p. 124).

Para traduzir "dias azuis", Bagby Jr. escolhe "*sunny days*", mantendo o sentido de dias bons; já Scott-Buccleuch, ao traduzir literalmente para "*blue days*", pode fazer com que o leitor não entenda realmente o que Machado de Assis quis dizer, pois "triste" é o oposto de "feliz", e dias felizes na língua inglesa não são azuis.

De acordo com o dicionário *Aurélio*, quando se diz que está "tudo azul" significa dizer que está "tudo excelentemente; no melhor dos mundos". Contudo, em inglês, a acepção é a

¹¹⁸ No original: "*when we look at something, we direct our eyes in its direction and pay attention to it.*" (tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/look>. Acesso em: 27 jan. 2021.

¹¹⁹ "Metáfora: "É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos." (CEGALLA, 2005, p. 614).

oposta. De acordo com dicionário *Cambridge on-line*, “*blue*” pode ser “triste; infeliz”.¹²⁰

Caso semelhante ocorreu com Landers (2001, p. 110) ao traduzir a expressão “tudo azul”, do livro *Inferno* (2000), de Patrícia Melo. Em português, essa expressão significa que “está tudo bem”, e na obra citada por ele, fazia um trocadilho com as portas pintadas de azul nas favelas. Porém em inglês “*blue*” é “triste”, e o trocadilho se perde. A opção de Landers foi traduzir por outra cor que significasse algo bom, e o trocadilho se perdeu. Como Landers (2001, p. 110) afirma: “o trocadilho é perdido porque em inglês a cor azul é associada com tristeza, como em cantando o blues. Infelizmente, nada me ocorreu que me salvasse o duplo sentido.”¹²¹

Ou seja, havia alternativas para a tradução de “dias azuis” em *Iaiá Garcia*, porém, nesse caso, parece que Scott-Buccluch se equivocou ao traduzir literalmente o termo da língua de partida para a língua de chegada.

A última oração a ser analisada aqui é: “**Faltava mais uma língua a esta tagarela**”. Nessa frase Machado de Assis faz um trocadilho¹²² com a palavra “língua”, que em português tanto pode ser um idioma como órgão muscular da boca, diferença essa explicada no Exemplo 51, a seguir. Essa expressão somente faz sentido para o falante de português. Essa frase é de Luís Garcia quando comenta o fato de Iaiá cumprimentar Jorge em inglês, pois ele a está ensinando a falar esta língua. Em português, de acordo com o *Diccionario de Língua Portuguesa* de 1858, duas acepções da palavra “língua” são: “a parte carnosa, que anda dentro da boca do homem, e de todos os animais, que é o órgão do sabor e da fala”;¹²³ e “linguagem, idioma, o sistema de palavras, com que se explicam os pensamentos”.¹²⁴

Exemplo 51

— **Faltava mais uma língua a esta tagarela** — disse Luís Garcia rindo -; daqui a pouco tempo ninguém a poderá aturar. (ASSIS, 2011, p. 161).

‘This little chatterbox just needed another **tongue**,’ said Luis Garcia with a laugh.

¹²⁰ No original: “*sad; unhappy*.” (tradução nossa). Disponível em:

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/blue>. Acesso em: 27 jan. 2021.

¹²¹ No original: “*But the pun is lost because in English the color blues is associated with sadness, as in singing the blues. Unfortunately, no way occurred to me that would save the double meaning.*” (LANDERS, 2001, p. 110).

¹²² De acordo com dicionário *Aurélio*, “trocadilho: 1. Jogo de palavras parecidas no som e diferentes no significado, e que dão margem a equívocos; ... 2. Emprego de expressão ambígua.”

¹²³ No original: “*a parte carnosa, que anda dentro da bocca do homem, e de todos os animáes, que é o órgão do sabor e da fala.*” (tradução nossa).

¹²⁴ No original: “*linguagem, idioma, o systema de palavras, com que se explicam os pensamentos.*” (tradução nossa).

(SCOTT-BUCCLEUCH, 1976, p. 150).

“All this chatterbox needs is another **language**,” said Luís Garcia, laughing.

Nota de rodapé: The translation into English of “all she needs is another language” loses the original play on words which was possible in Portuguese. The word *língua*, which I have translated as language, could also have been translated as tongue, but it might have been confusing to the reader.¹²⁵

(BAGBY JR., 1977, p. 112).

Bagby Jr. inclui uma nota de rodapé em que ele explica esse jogo de palavras, e opta pela tradução pela segunda acepção de “língua”, “*language*”; já Scott-Buccleuch opta pela primeira, “*tongue*”. Nesse caso, não há certo ou errado. O contexto permite as duas traduções, apesar de o humor do trocadilho na língua de partida se perder na tradução para a língua de chegada

Desta forma, após análise das expressões idiomáticas selecionadas, é possível concluir que ambos os tradutores foram cuidadosos em suas traduções para manter os significados das expressões idiomáticas em suas traduções. Quando havia expressão correspondente na língua de chegada, por ser alguma citação conhecida ou por ter origem religiosa, os dois tradutores optaram por utilizá-la. Já quando as diferenças culturais não permitiam traduções literais, ambos os tradutores procuraram por orações que transmitissem a mesma mensagem.

Finalmente, ao analisar as traduções dos marcadores culturais em geral, conclui-se que: em primeiro lugar, Machado de Assis realmente primava por escrever um texto com situações cotidianas da sociedade da capital do Brasil na época, sem se preocupar com regionalismos ou peculiaridades locais; em segundo lugar, no que diz respeito aos tradutores, Bagby Jr. tende a ser um tradutor mais estrangeirizador, pois ele se utiliza de notas de rodapé e transferências (“estrangeirismos”), ao deixar algumas palavras em português, porém muitas vezes lhe falta consistência, já que traduz o mesmo termo de diferentes formas, enquanto Scott-Buccleuch tende a ser mais domesticador, pois ele não se utiliza de notas, e suas opções tradutórias parecem deixar o texto mais natural, apesar de algumas vezes ele manter as palavras na língua de partida, porém quando isso ocorre, a motivação não parece ser para causar estranheza, mas, sim, para deixar o texto mais fluido; e, finalmente, em terceiro lugar, pode-se afirmar que nem sempre a dicotomia entre tradutor domesticador e estrangeirizador é definitiva, pois muitas

¹²⁵ “A tradução para o inglês de “*all she needs is another language*” perde o jogo de palavras original que é somente possível em português. A palavra “língua”, que traduzi como “*language*”, também poderia ter sido traduzida como “*tongue*”, mas assim poderia ter confundido o leitor.” (BAGBY JR., 1977, p. 112, tradução nossa).

vezes os dois tradutores utilizaram procedimentos de tradução que deixam o seu texto mais próximo da cultura de chegada e, em outras ocasiões, da cultura de partida. Tratando-se de um texto como o de Machado de Assis, que retrata uma sociedade urbana semelhante em muitos costumes à europeia, e tendo em vista a vinda da família real portuguesa para o Brasil, nem sempre essa distinção é necessária, porém os tradutores são diferentes (oriundos de sistemas literários diferentes) e possuem inclinações na forma de realizar suas traduções, mais domesticadoras ou mais estrangeirizadoras.

Repetindo o que os próprios tradutores escreveram sobre as suas preferências tradutórias, Scott-Bucleuch (1982, p. 103) afirma que “o tradutor deve imaginar como o seu escritor escreveria na sua própria língua, isto é, na do tradutor, e [...] como uma consequência lógica, a tradução deve parecer tão natural quanto o texto original, sem indício de ter sido traduzido”; e Bagby Jr. (1977, p. v) reitera que “foi minha [Bagby Jr.] intenção encontrar aquele meio-termo sempre enganoso entre a interpretação literal e a paráfrase que melhor transmitiria o distintivo sabor das palavras originais do autor. [...] Às vezes parecia melhor deixar a palavra ou frase original em português – quando não havia alternativa adequada em inglês”. Enfim, pela observação e análise dos exemplos de marcadores culturais selecionados, parece evidente que os tradutores realmente seguiram as suas preferências.

A próxima etapa do esquema teórico-metodológico sistêmico descritivo de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985) a ser abordado é o contexto sistêmico. Pela análise realizada até aqui, afigura-se que a tradução de Bagby Jr. tende a privilegiar o texto de partida, trazendo uma grande quantidade de paratextos, como uma extensa introdução e diversas notas de rodapé, além de favorecer o tradutor (desde o nome na capa), que se mostra estrangeirizador. Em contrapartida, a tradução de Scott-Bucleuch parece não favorecer o tradutor, que tende a ser domesticador, sendo ele apenas o responsável por transpor o texto de Machado de Assis para o inglês do Reino Unido. Essas primeiras impressões podem ser confirmadas ou não com as próximas análises.

3.2.4 Contexto sistêmico

O contexto sistêmico é o quarto nível do esquema teórico-metodológico de descrição de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985). Para a sua análise, comparam-se os dados obtidos nos níveis anteriores desse esquema, isto é, nos dados preliminares, na macroestrutura e na microestrutura, tendo em vista que se uma tradução parecer ser “adequada” ou “aceitável” (TOURY, 1995), no nível macro também o deveria ser no nível micro, como afirmam Lambert

e van Gorp (1985, p. 49, tradução nossa):

Como uma hipótese de trabalho, que um texto traduzido que é mais ou menos “adequado” no nível macroestrutural geralmente será também mais ou menos “adequado” no nível microestrutural, mas que não pode ser adequado em todos os níveis específicos. Do mesmo modo se assume que uma tradução que é “aceitável” no nível macro provavelmente também será “aceitável” no nível micro.¹²⁶

Após a constatação de que Bagby Jr. parece privilegiar o texto de partida (“adequado”) enquanto Scott-Bucleuch, o texto de chegada (“aceitável”), no estudo do contexto sistêmico é feito um levantamento de todo o ambiente no qual as obras traduzidas em análise estão inseridas, em que se verificam questões relativas ao mercado literário, à patronagem, às editoras e à recepção das traduções e críticas.

3.2.4.1 A recepção e os leitores de *Iaiá Garcia*

Em várias obras de Machado de Assis, o escritor (narrador) conversa com seu leitor, pede conselhos, opiniões, mas em *Iaiá Garcia* isso não acontece. Não há um narrador onipresente. Como afirma Hélio Guimarães (2004, p. 44-45), muitas vezes o desenrolar de uma obra pode estar relacionado ao seu leitor, ao público que o autor quer atingir. Como em *Iaiá Garcia* o leitor não é diretamente invocado, não há a certeza de para qual público o texto é dedicado. Se assim o fosse, a narrativa do romance teria um público específico o qual o autor deseja atingir. De acordo com Guimarães (2004, p. 44-45):

A definição de autor intencionado de um texto implica a realização de uma espécie de arqueologia não só da percepção quanto das intenções do escritor em relação ao seu público, intenções que se transformam ao longo do tempo, informadas por condições históricas específicas, e manifestam-se por meio de um repertório de sinais com que o narrador expõe o texto ao seu leitor imaginado.

Uma crença sobre a literatura brasileira do século XIX que está bem consolidada é a de que havia uma grande quantidade de mulheres leitoras no Brasil, o que Guimarães relativiza citando dados levantados por José Veríssimo em seu livro *Das condições da produção literária no Brasil*, em que, em 1890, somente aproximadamente 16% dos habitantes do Brasil podiam ler. Mesmo assim, desse pouco volume de leitores, a maioria era formada por mulheres e

¹²⁶ No original: “as a working hypothesis, that a translated text which is more or less ‘adequate’ on the macrostructural level will generally also be more or less adequate on the micro-structural level, but that it cannot be adequate on every specific level. In the same way we assume that a translation which is ‘acceptable’ on the macro-level will probably also be ‘acceptable’ on the micro-level.” (LAMBERT; VAN GORP, 1985, p. 49).

estudantes, conforme estudo realizado por Nelson Werneck Sodré e citado por Guimarães (2004, p. 48), que afirma também que:

Os primeiros romances brasileiros – de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e do primeiro Machado de Assis – são de fato povoados por mulheres e estudantes, personagens com os quais o público leitor de então, em sua maioria composto desses estratos, tinha possibilidade de se identificar.

Ele também afirma que o principal meio de publicação literária no século XIX eram os jornais, que foi o caso de *Iaiá Garcia*, inicialmente publicado em formato de folhetim no jornal *O Cruzeiro*.

Machado de Assis publicou “Instinto de Nacionalidade” em 1873, para falar sobre a literatura brasileira da época, ou melhor, sobre o desejo de se criar uma literatura nacional. Nesse ensaio pontua que a literatura nacional, embora tenha poesia e romances sobre os indígenas, não pode se limitar a esse assunto, citando Shakespeare como exemplo de autor conhecidamente inglês, porém cujas obras envolvem italianos e latinos. Ele pontua: “Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam.” (ASSIS, 1873).

Machado de Assis destaca que os romances brasileiros até aquela época tratavam de assuntos amenos, do coração, e não se tocava em política ou questões sociais, ou seja, “conserva-se aqui no puro domínio de imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas”. (ASSIS, 1873). Porém ele termina seu ensaio exaltando a literatura nacional existente e crendo no seu futuro.

Em *Iaiá Garcia*, política e questões sociais já são apontadas, como a citação da Guerra do Paraguai e das relações de favor.

Interessante notar que já no século XIX os autores se queixavam da falta de público e do curto alcance da língua portuguesa. Em citação de Aluísio Azevedo, escritor maranhense da segunda metade do século XIX, contemporâneo de Machado de Assis, reportada por Coelho Netto em suplemento sobre a obra do autor publicado no jornal *A Manhã* de 1942, Azevedo diz:

Escrever para que? para quem? Não temos público. Uma edição de dois mil exemplares leva anos a esgotar-se e o nosso pensamento, por mais original e ousado que seja, jamais se librará no espaço amplo: voeja entre as grades desta gaiola estreita, que é a celebrada língua dos nossos maiores.¹²⁷

¹²⁷ Suplemento Literário de “A manhã” – vol II, p. 171, 1942

Como mencionado anteriormente, em *Iaiá Garcia*, Machado de Assis não conversa com o leitor. O leitor é envolvido pelo enredo de outra forma, através da trama, como afirma Guimarães (2004, p. 149), “o apelo à atenção do leitor se faz de modo mais velado e indireto, por meio de tramas turbulentas, cheias de reviravoltas, e também da exacerbação da intensidade emocional dos dramas centrais”.

A recepção de *Iaiá Garcia* no Brasil quando da primeira publicação em forma de folhetim em *O Cruzeiro* foi modesta. De acordo com Guimarães (2004), dois artigos marcaram o lançamento do romance, em que há elogios à retidão da personagem Estela e ao enredo, porém esclarecendo que a opinião do público o crítico não pode saber. Outra resenha apontava as qualidades, mas também alertava que ainda não era uma “obra d’arte viável na republica das letras”. (GUIMARÃES, 2004, p. 169). Após 10 anos da publicação de *Iaiá Garcia* no formato de romance, ainda segundo Guimarães (2004), José Veríssimo escreve outra crítica em que se refere às duas maneiras de Machado de Assis escrever, ou seja, o que mais tarde seria considerada a divisão de suas obras em duas fases, a romântica e a realista.

Iaiá Garcia foi finalizado em setembro de 1877 para publicação inicial no folhetim *O Cruzeiro* no início de 1878 (de janeiro a março), para posterior publicação em livro. Foi escrito em rodapé, e era direcionado para o público feminino, como afirma Jailson Crestani (2013). Ele cita inclusive uma passagem do jornal *O Cruzeiro*, escrita por Carlos Laet, que ao falar de febre amarela na seção que seria dedicada ao romance, escreve: “Este começo parece calculado para despertar a atenção e dissipar o enfado da leitora que desceu às lojas para conversar com a Iaiá Garcia, e não pode reter um muxoxo topando com o cronista dos domingos.” (*O Cruzeiro*, 17 fev. 1878, p. 1, col. 1, *apud* CRESTANI, 2013, p. 49).

Importante mencionar que os leitores de Machado de Assis no Brasil eram e são diferentes dos leitores de Machado de Assis no exterior. Enquanto no Brasil ele é considerado parte do cânone, no exterior, apesar de já ser considerado o grande escritor brasileiro e ter sido reconhecido por suas qualidades por críticos renomados, como Harold Bloom e John Gledson, os seus leitores estrangeiros parecem ainda estar restritos aos círculos acadêmicos, apesar do fenômeno que foi o lançamento de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, tradução para o inglês de Flora Thompson-DeVeaux, que se esgotou no dia do lançamento em 2020; note-se que a quantidade de exemplares dessa primeira impressão não foi divulgada pela editora. O reduzido interesse pelo público em geral pode ocorrer devido à grande variedade de livros e escritores disponíveis, no caso dos EUA, ou simplesmente pela falta de interesse do público anglófono por literatura (brasileira) traduzida. Venuti (1995, p. 12) aponta que, apesar de a produção de

livros norte-americanos e britânicos ter praticamente quadruplicado desde 1950, o volume consumido de traduções ainda é muito baixo nesses países. Venuti (2008, p. 2, tradução nossa) também afirma que “as práticas editoriais formaram leitores agressivamente monolíngues nos EUA e no Reino Unido, geralmente desinteressados em traduções”.¹²⁸ Ou seja, nem sempre reconhecimento de crítica significa grandes vendas. O público de Machado de Assis no exterior é bem distinto, limitando-se, em grande medida, aos estudiosos, leitores interessados em literatura brasileira, estudantes e críticos literários.

As traduções de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, foram publicadas em coleções específicas. A tradução britânica de Scott-Buccleuch foi publicada em uma coleção da UNESCO, e a tradução estadunidense de Bagby Jr. foi publicada em uma coleção de Estudos Literários da Universidade de Kentucky. Um fato interessante de se notar sobre essas coleções é que ambas contêm somente obras originárias da língua latina. Assim sendo, o público atingido parece ser bem específico, uma vez que se limita ao meio acadêmico e aos interessados em literatura de regiões não tradicionais no mercado internacional. O número de críticas (*reviews*) de tradução é muito pequeno, restrito a revistas especializadas e acadêmicas, dificilmente estando presente nos grandes meios de comunicação. E quando existem, são “decepcionantemente curtas e superficiais.”¹²⁹ (VANDERAUWERA, 1985, p. 200, tradução nossa).

Yayá Garcia, de Scott-Buccleuch (1976), foi publicada pela *Peter Owen*. Em sua página na internet, essa editora se declara “uma editora britânica independente fundada em 1951 que continua com a tradição de publicar textos novos e interessantes”,¹³⁰ que foi criada por Peter Owen em sua casa, aos 24 anos, e que levou para o restrito mercado inglês “o melhor da literatura internacional”. Scott-Buccleuch (1982), inclusive, cita a visita que Peter Owen fez ao Rio de Janeiro em busca de uma obra brasileira moderna, escolhendo publicar a sua tradução de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, que “foi a primeira tradução britânica de um romance brasileiro publicado na Grã-Bretanha durante muitos anos” (SCOTT-BUCCLEUCH, 1982, p. 108), e que em seguida publicou *Yayá Garcia* traduzida por ele. Inclusive cita a ajuda financeira da UNESCO, sendo que esse volume foi publicado na coleção “*UNESCO Collection of Representative Works – Brazilian Series*”, programa lançado pela UNESCO em 1948 “como

¹²⁸ No original: “[Publishing practices] have formed aggressively monolingual readerships in the US and the UK, generally uninterested in translations”. (VENUTI, 2008, p. 2).

¹²⁹ No original: “disappointingly short and superficial.” (VANDERAUWERA, 1985, p. 200).

¹³⁰ No original: “Peter Owen is an independent British publisher founded in 1951 continuing the tradition of producing new and interesting writing.” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.peterowen.com/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

forma de encorajar a tradução, publicação e distribuição de textos significativos do ponto de vista literário e cultural, apesar de serem pouco conhecidos além de suas fronteiras nacionais ou além do quadro de sua origem linguística”.¹³¹ (tradução nossa).

Iaiá Garcia, de Bagby Jr. (1977), foi publicada pela *The University Press of Kentucky*, que se identifica como a editora acadêmica para a comunidade do Kentucky, unidade independente sob o presidente/reitor da universidade desde 1949, sem fins lucrativos. A editora tem uma missão dupla, de acordo com o seu *site*, que é “a publicação de livros acadêmicos com alto mérito acadêmico em uma variedade de campos e a publicação de livros significativos sobre a história e a cultura do Kentucky e região.”¹³² (tradução nossa). O livro foi publicado também na coleção “*Studies in Romance Language: 17*”.

Não há dúvidas de que *Iaiá Garcia* é um clássico da literatura brasileira, mas como afirma Vanderauwera¹³³ (1985, p. 202), os clássicos nacionais de países de língua não inglesa são tratados com curiosidade pelos demais países com uma literatura mais consolidada, como a Inglaterra e os EUA. A maioria dos comentários presentes nas críticas sobre essa literatura de língua não inglesa traduzida é sobre a facilidade e fluidez da leitura (*readability*), e muitas vezes nem é mencionado que se trata de uma tradução, devido à pouca receptividade dos textos traduzidos em países como os EUA e a Inglaterra (VENUTI, 2008, p. 2).

Munday (2016) destaca que as críticas que são feitas às traduções publicadas são superficiais, e salienta que um dos motivos para essa superficialidade é a dificuldade que os críticos têm em comparar a obra original na língua de partida e a obra traduzida. Outro motivo apontado por Munday são as decisões editoriais, citando como exemplo a necessidade de redução do texto. Nesse caso, provavelmente a decisão será cortar os comentários sobre a tradução, o que poderá dificultar a análise do crítico que queira conhecer mais sobre a obra de partida e as motivações do tradutor.

¹³¹ No original: “*in order to encourage translation, publication and the distribution of texts significant from the literary and cultural point of view, in spite of being little known beyond national boundaries or beyond the frame of their linguistic origin.*” Disponível em: http://www.unesco.org/culture/lit/rep/index.php?lng=en_GB&work_titre=&work_type%5B%5D=0&work_auteur=&work_langue%5B%5D=0&work_zone%5B%5D=0&trans_titre=&trans_langue%5B%5D=0&trans_traducteur=Scott-Bucleuch&trans_coordination=&trans_editeur=&trans_annee=&trans_annee_apres=&trans_annee_avant=&send=Search#ultTop. Acesso em: 05 ago. 2019.

¹³² No original: “*The University Press of Kentucky has a dual mission—the publication of academic books of high scholarly merit in a variety of fields and the publication of significant books about the history and culture of Kentucky, the Ohio Valley region, the Upper South, and Appalachia.*” Disponível em: <https://www.kentuckypress.com/history/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

¹³³ Vanderauwera refere-se especificamente à ficção holandesa, porém as suas observações cabem perfeitamente à literatura brasileira no exterior, pois o português, assim como o holandês, são línguas de pouco alcance mundial.

Enfim, *Iaiá Garcia* de Machado de Assis, em inglês, parece estar limitada ao meio acadêmico e aos interessados em literatura brasileira, bem como aos críticos literários. De acordo com Vanderauwera (1985), mesmo sendo importante a existência de traduções, tendo em vista o pouco alcance da língua do país e de sua cultura, muitas vezes é difícil a distribuição desse material traduzido, seja por causa do público atingido ser muito restrito, seja pelo fato de a editora disposta a publicar a tradução ser pequena e não ter muitos recursos.

3.2.4.2 As críticas à Machado de Assis e *Iaiá Garcia*

A crítica da tradução envolve a análise de diversos fatores, e deve ser realizada de modo que suas premissas e seus objetivos fiquem claros. Como o próprio Machado de Assis escreveu sobre a crítica literária, mas que se aplica à crítica da tradução também, esta não deve se basear em sentimentos e relações de amizade, mas deve ser subsidiada por argumentos:

Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreatantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, – essas três chagas da crítica de hoje, – ponde em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, – é só assim que teremos uma grande literatura... Crítica é análise, – a crítica que não analisa é a mais cômoda, mas não pode pretender a ser fecunda. (ASSIS, 1994).

Essa crítica, de acordo com Peter Newmark (1988, p. 185), pode ser realizada por diferentes agentes institucionais, como por exemplo, os responsáveis pelas traduções de uma editora, o cliente, o crítico profissional, o acadêmico, ou seja, são eles:

(a) o revisor contratado por uma firma ou pela empresa de tradução; (b) o chefe do setor ou da empresa (o que pode ser chamado de “controle de qualidade”, se as traduções forem por amostra; o termo tem sido utilizado exageradamente); (c) o cliente; (d) o crítico profissional de uma tradução ou o professor corretor/revisor; e (e) finalmente, o leitor de uma obra publicada.¹³⁴

Outro fator importante para se realizar uma boa crítica da tradução é conhecer a obra de partida e o seu autor, além do contexto em que foi escrita e o sistema literário ao qual pertence. Muitas vezes, as críticas literárias publicadas em veículos de imprensa se baseiam apenas na fluidez da obra, porém a boa crítica exige uma análise mais profunda da tradução e da sua obra

¹³⁴ No original: “(a) the reviser employed by the firm or the translation company; (b) the head of section or of the company (this may be described as ‘Quality Control’, if translations are sampled; the term is at present being overused and broadened); (c) the client; (d) the professional critic of a translation or the teacher marking one; and (e) finally by the readership of the published work.” (NEWMARK, 1988, p. 185).

de partida, a que deu origem ao texto traduzido em apreciação.

Ainda de acordo com Newmark (1988, p. 196, tradução nossa), para se avaliar uma tradução, as seguintes etapas deveriam ser seguidas:

(1) uma breve análise do texto na língua de partida enfatizando sua intenção e seus aspectos funcionais; (2) a interpretação do tradutor do propósito do texto na língua de partida, seu método de tradução e os prováveis leitores da tradução; (3) uma comparação seleta mas representativamente detalhada da tradução com o original; (4) uma avaliação da tradução - (a) nos termos do tradutor, (b) nos termos da crítica; (5) onde for apropriado, uma avaliação do lugar provável que essa tradução provavelmente ocuparia na cultura ou educação da língua de chegada.¹³⁵

Infelizmente, é muito difícil encontrar críticas escritas na época sobre essas traduções de *Iaiá Garcia*. Algumas resenhas foram encontradas em sites como o JSTOR e em pesquisa realizada na base de dados da BCE (Biblioteca Central da Universidade de Brasília), mas a quantidade encontrada foi bem limitada e todas dispunham sobre a tradução de *Iaiá Garcia* feita por Bagby Jr. Há uma informação publicada por Bagby Jr. (1993) em seu livro *Machado de Assis e seus primeiros romances*, em que ele afirma que a tradução de 1976 de Scott-Buccleuch não foi considerada um clássico pelos ingleses, porém a sua tradução de 1977 tem recebido boas críticas nos EUA. Ele também faz um levantamento de obras traduzidas e artigos escritos sobre Machado de Assis de 1975 até 1985, em artigo de 1989, e realmente a produção foi pequena, tendo somente essas duas traduções de *Iaiá Garcia*, tradução de *Helena* e tradução de contos. Bagby Jr. (1989, p. 39) considera que esse resultado aconteceu pois havia pouco interesse nos EUA em obras traduzidas, estando os seus leitores mais interessados nesse período em escritores estadunidenses contemporâneos.

Em artigo publicado na revista *Luso-Brazilian Review*, em 1982, MacNicoll discorre sobre Machado de Assis em 1878, ano em que foi publicado *Iaiá Garcia*, e que, segundo ele, é quando se fecha o ciclo dos quatro romances que antecederam a grande fase do escritor, que se inicia com *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ele cita que foi em 1878 ainda que Machado de Assis escreveu a famosa crítica ao romance *O primo Basílio* e ao seu autor, Eça de Queiróz. Ele também acredita que foi a partir daí que Machado fez uma reflexão sobre a sua obra, para a virada que se daria no Realismo.

Sobre *Iaiá Garcia*, MacNicoll afirma ser esse o melhor romance da época no Brasil, e complementa que esse romance já não apresenta os “excessos emocionais do romantismo”, o

¹³⁵ “(1) a brief analysis of the SL text stressing its intention and its functional aspects; (2) the translator's interpretation of the SL text's purpose, his translation method and the translation's likely readership; (3) a selective but representative detailed comparison of the translation with the original; (4) an evaluation of the translation - (a) in the translator's terms, (b) in the critic's terms; (5) where appropriate, an assessment of the likely place of the translation in the target language culture or discipline.” (NEWMARK, 1988, p. 186).

que corrobora com as diversas críticas que classificam *Iaiá Garcia* como uma obra de transição. Porém, mais uma vez, observamos que a crítica se refere ao romance em si, e não à tradução:

Iaiá Garcia, quando comparado com os romances dos contemporâneos de Machado, foi o mais elaborado e melhor construído romance até aquele momento no Brasil. Ele é estilisticamente esplêndido – sua narrativa direta e concisa se contrastava aos excessos verbais, descritivos e emocionais do Romantismo.¹³⁶ (MACNICOLL, 1982, p. 33, tradução nossa).

Harvey Johnson (1978) escreveu uma crítica para o *The South Central Bulletin*, e também analisa o enredo de *Iaiá Garcia*, elogiando o estudo psicológico dos personagens. Mas, diferentemente de MacNicoll, Johnson comenta o trabalho de tradução de Bagby Jr., mencionando os paratextos de sua tradução, bem como apontando alguns erros gramaticais, os quais Johnson atribui ao fato de ele próprio ser de uma geração precedente, que se fixa mais nos aspectos normativos da língua, porém termina agradecendo o tradutor pelo trabalho.

Robert Lima (1978) também elogia o prefácio de Bagby Jr., comenta sobre a (não) influência dessa obra na trilogia que a segue e sobre o enredo, porém não faz referências à tradução em si.

Ou seja, as poucas críticas que mencionam o trabalho de tradução em si, e não somente o texto traduzido, parecem ser sempre em relação aos paratextos (“Introdução”).

Em resumo, no caso das traduções de *Iaiá Garcia*, foram encontradas resenhas apenas sobre a tradução estadunidense de Bagby Jr., que foram em sua totalidade publicadas em revistas acadêmicas ou de bibliotecas acadêmicas, o que justifica a menção do trabalho de tradução em algumas delas, apesar de elas focarem primordialmente no enredo e no escritor Machado de Assis. Das quatro resenhas publicadas analisadas, todas elogiam a tradução realizada por Bagby Jr., e duas trazem comentários sobre questões sintáticas (MacNicoll e Johnson), como traduções equivocadas de termos para o inglês, mas nenhuma especifica exatamente em que termos a tradução é boa.

Para finalizar a contextualização das traduções de *Iaiá Garcia* em inglês, tendo em vista a quantidade reduzida de críticas sobre o romance traduzido, a seguir um panorama de Machado de Assis em inglês.

Machado de Assis, ainda em sua época, tentou muito que seus textos fossem traduzidos. Segundo Guimarães (2009), as primeiras tentativas diretas do escritor foram para que seus

¹³⁶ No original: “*Iaiá Garcia, when compared with the novels of Machado’s contemporaries, was the most elaborate and best constructed novel up to that time in Brazil. Stylistically it is superb – its direct and concise narrative was in marked contrast to the verbal, descriptive, and emotional excesses of the Romantics.*” (MACNICOLL, 1982, p. 33).

romances fossem traduzidos para o alemão, mas a sua editora, que ficava na França, a Garnier, não permitiu. Em vida, Machado apenas conseguiu ver *Brás Cubas* e *Esau e Jacó* traduzidos para o espanhol, em 1902, no Uruguai, e em 1905, na Argentina, respectivamente.

Uma grande dificuldade relacionada às traduções em inglês de Machado de Assis no exterior é a de se encontrar críticas e resenhas sobre esses romances, principalmente os traduzidos em meados do século XX, época em que “a consagração internacional de Machado de Assis” deslanchou “com a tradução norte-americana de seus romances” que ocorreu “sem levar em conta o Brasil”, como afirma Schwarz (2009b, p. 17), o que gera uma grande contradição, tendo em vista que muitos dos críticos nacionais analisam e prezam a obra de Machado de Assis como um retrato da sociedade brasileira, e o próprio Machado (1994) escreveu sobre isso em seu texto “Instinto de Nacionalidade”. Porém, como o próprio Schwarz (2009b, p. 19) afirma, “não é preciso interessar-se pelo país para apreciar a qualidade superior da ficção machadiana”, e prova disso são as críticas internacionais sobre Machado, como a de Bloom.

O site “*Three percent*”¹³⁷, da Universidade de Rochester, trata de traduções e traz a informação de que aproximadamente somente 3% de todos os livros publicados nos EUA são traduções. Daí é possível se ter uma ideia da recepção de um autor brasileiro no mundo anglo-americano (mesmo que em números absolutos a quantidade de livros possa ser enorme, ainda é relevante o quão baixo é em percentual).

Como citado por Cimara Melo (2017), cujo artigo mapeou a literatura brasileira traduzida em inglês até 2004, a história da tradução de obras brasileiras se inicia pelo interesse de pessoas que visitavam o país, e não por interesse de editoras ou acadêmicos. Conforme o levantamento realizado por Melo (2017, p. 8-9), a maior parte das obras de Machado de Assis traduzidas para o inglês foram publicadas por editoras universitárias (10/17).¹³⁸ No caso de *Iaiá Garcia*, 50%, dado que são duas traduções, e a estadunidense foi publicada pela *The University Press of Kentucky*. Melo, assim como Gledson, citam o fato de a língua portuguesa ser muito local como um dos fatores dos autores brasileiros não serem muito traduzidos.

Daphne Patai (2009) afirma que nos EUA os livros mais vendidos que aparecem na lista de *best-sellers* são aqueles de histórias simples de aventuras amorosas, porém muitas das editoras que os publicam fazem parte de grandes conglomerados que publicam também uma literatura de maior prestígio.

Patai (2009) cita a responsável pela editora da Universidade do Texas, Theresa May,

¹³⁷ Disponível em: <http://www.rochester.edu/college/translation/threepcent/>.

¹³⁸ Quando da publicação do artigo em 2017.

que afirma que nos últimos 20 anos (em conversa de 2007) o mercado de livros estrangeiros se sustentava com as compras feitas por bibliotecas, mas já em 2007 o volume era muito reduzido. (Isso parece retratar a realidade, dado que a maioria das resenhas encontradas sobre as traduções de *Iaiá Garcia* para o inglês foram encontradas em revistas de bibliotecas). E mesmo as editoras universitárias têm dificuldades (o alto custo) para publicar trabalhos de seus pesquisadores. May cita como solução o “*print by demand*”. Esse é exatamente o caso de *Yayá Garcia*, que somente foi impresso pelo *Amazon UK* depois de sua compra ser efetivada pelo *site*. O outro exemplar de *Iaiá Garcia*, da editora *The Kentucky University Press*, foi adquirido por meio da *Amazon*, de um vendedor terceirizado, e o exemplar físico é original de 1977, pertencente anteriormente a uma biblioteca.

Como afirma Earl Fitz (2009, p. 33, tradução nossa), apesar de Machado de Assis não ter sido recepcionado pelos americanos com o devido destaque nos anos de 1950 e 1960, nos anos de 2000 parece que o prestígio de Machado estava reaparecendo:

É somente agora, com a ascensão da literatura interamericana e com a recém-descoberta apreciação por Machado de Assis por críticos como Susan Sontag, Harold Bloom e Michael Wood, que a brilhante tradição literária do Brasil está finalmente recebendo o que lhe é devido. Apesar de tardia, a recepção adequada de Machado nos Estados Unidos está finalmente acontecendo.¹³⁹

Em sua obra *Genius*, Harold Bloom (2002, p. 653, tradução nossa) define Machado de Assis como “o romancista brasileiro negro” que “estendeu as ironias de Flaubert em fantasias satíricas que refletiam seus dilemas nacionais”.¹⁴⁰ O autor também pontua que apesar de Machado de Assis ter vivido em uma época em que o Brasil ainda era escravocrata, sendo ele mesmo descendente de escravos, ele não transformou a escravidão em tema central de sua obra, mas conseguiu abordá-la com humor, de forma até irônica.

Bloom cita as traduções para o inglês de Machado de Assis, e comenta que até a década de 1990 as traduções não eram boas,¹⁴¹ e que melhoraram no final da década, nomeando alguns tradutores reconhecidos de Machado de Assis, como Gregory Rabassa e John Gledson:

O mais revigorante romancista brasileiro já foi representado apenas por traduções

¹³⁹ No original: “*It is only now, with the rise of inter-American literature and with a newly discovered appreciation for Machado de Assis by critics like Susan Sontag, Harold Bloom, and Michael Wood, that Brazil's brilliant literary tradition is finally getting its due. Albeit late, Machado's proper reception in the United States is finally coming to pass.*”

¹⁴⁰ No original: “*the black Brazilian novelist*” ... “*extended Flaubert's ironies into satiric fantasies that reflected their national dilemmas.*” (BLOOM, 2002, p. 653).

¹⁴¹ Essa é a opinião de Harold Bloom, apresentada aqui apenas como exemplo do que pensam os críticos literários estrangeiros sobre as obras e traduções de Machado de Assis, não sendo representação da opinião da autora dessa dissertação.

inadequadas, uma situação infeliz agora totalmente remediada pelas eloquentes versões de Gregory Rabassa de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1997) e *Quincas Borba* (1998), e pela igualmente boa versão de John Gledson de *Dom Casmurro* (1997).¹⁴² (BLOOM, 2002, p. 675, tradução nossa).

Bloom também deixa claro que Machado escrevia romances universais, não se limitando ao regionalismo brasileiro, como comentado acima.

John Gledson, citado por Harold Bloom (2002), é um dos grandes estudiosos da literatura brasileira, sobretudo de Machado de Assis. Ele é professor aposentado da Faculdade de Liverpool e tem vários ensaios e traduções de obras de Machado de Assis publicadas. Ele afirma que Machado não é tão conhecido internacionalmente pelo fato de ele ter escrito em português, de não se encaixar como um escritor exótico e por não haver uma unidade de estilo entre os escritores brasileiros como há entre outros escritores latinos, que fazem parte do “realismo fantástico”, por exemplo:

Pelo contrário, os grandes escritores da literatura brasileira – Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e outros – tendem a ser de alguma forma figuras isoladas em seu próprio país, impossível de serem encaixados no modelo latino-americano, apesar de todos os esforços em seu favor. Todos eles têm caracteres muito fortes e contrastantes; eles também não são exóticos, desapontadamente (com exceção talvez de Guimarães Rosa, o mais difícil de se traduzir), e falham em preencher certas expectativas do que “deveria ser” a literatura latino-americana. Os sucessos reais em termos de vendas são os exóticos “mais que brasileiros”, o baianismo “sexo-e-comida” de Jorge Amado, e o “não brasileiro” Paulo Coelho.¹⁴³ (GLEDSON, 2013b, p. 10, tradução nossa).

Gledson (2013b) também cita o fato de Machado de Assis ser “vendido” em suas traduções como um autor moderno para seu tempo, o que aconteceu quando da publicação das primeiras traduções para o inglês nos EUA, em meados do século XX. O interessante dessa situação é que, segundo Gledson, essa visão de Machado pode tê-lo prejudicado, pois isso fez com que Machado tivesse como diferencial para qualificá-lo as suas características pessoais, como cor e a epilepsia, apagando as suas qualidades de escritor.

¹⁴² No original: “*The most refreshing of Brazilian novelists once was represented only by inadequate translations, an unhappy situation now fully remedied by Gregory Rabassa in his eloquent versions of The Posthumous Memoirs of Bras Cubas (1997) and Quincas Borba (1998), and by John Gledson’s equally fine Don Casmurro (1997).*” (BLOOM, 2002, p. 675).

¹⁴³ No original: “*By contrast, the great writers of Brazilian literature – Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto and others – have tended to be somewhat isolated figures in their own country, impossible to fit into the Latin American model, for all the efforts on their behalf. They have, all of them, very strong, and strongly contrasting characters; they are also (apart perhaps from Guimarães Rosa, the most difficult to translate) disappointingly unexotic, and fail to fulfil certain expectations of what Latin American literature ‘should be’. The real successes in terms of sales are the over-Brazilian ‘exotic’, sex-and-cooking ‘baianismo’ of Jorge Amado, and the ‘nonBrazilian’ Paulo Coelho.*” (GLEDSON, 2013b, p. 10).

Gledson (2013b) cita a crítica escrita por Roberto Schwarz a respeito de *Iaiá Garcia*, e a importância de se entender o papel do favor para entender a obra de Machado de Assis, sendo que essa relação está subentendida, nas entrelinhas. Gledson (2013b, p. 16, tradução nossa)¹⁴⁴ afirma, “o argumento de Schwarz sobre a centralidade do favor nos romances me fez entender como os personagens estavam relacionados: foi o portão de entrada para o mundo de Machado.”

¹⁴⁴ No original: “Schwarz’s argument about the centrality of favour in the novels made me understand how the characters were related: it was the gateway into his world.” (GLEDSON, 2013b, p. 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, o objetivo foi realizar um estudo descritivo e comparativo entre as duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* com o seu correspondente em português, para investigar similaridades e diferenças na forma com que os marcadores culturais (paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas) presentes nessa obra foram traduzidos, bem como identificar se os aspectos sociais presentes nesses marcadores foram transpostos para o mundo anglo-americano, além de identificar o perfil dos dois tradutores.

Não há dúvida de que Machado de Assis é o grande escritor brasileiro e um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da literatura nacional. Sua obra é universal, e abrange todo o tipo de arte escrita, tais como o texto teatral, a poesia, os contos, as crônicas e os romances. Os assuntos abordados por Machado de Assis são diversos, mas como tantos estudiosos citados nesta dissertação resumiram, seu principal interesse era o comportamento humano. E são as relações humanas, principalmente aquela relação que envolve o favor, e que é o tema de *Iaiá Garcia* (1878), que foi abordada nesta dissertação, sobre múltiplas traduções.

Iaiá Garcia tem duas traduções para o inglês, as quais foram aqui analisadas para verificação se os marcadores culturais relativos ao paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas foram transpostos para o mundo anglo-americano, bem como para a identificação dos perfis dos dois tradutores: Robert Scott-Buccluech, britânico, cuja tradução foi publicada em 1976, e Albert I. Bagby Jr., estadunidense, cuja tradução foi publicada em 1977. Para esta análise, seguiu-se o esquema teórico-metodológico de literatura traduzida de Lambert e van Gorp (1985) em quatro etapas, cujas conclusões são apresentadas a seguir:

1. Na análise da etapa dos dados preliminares atestou-se que as obras são efetivamente traduções para o inglês do romance *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, publicadas em anos consecutivos, por editoras com catálogos específicos, em países de língua inglesa, quais sejam, Inglaterra e EUA. As capas neutras são similares, mas o conteúdo dos textos suplementares/paratextos é diferente, sendo eles mais extensos na tradução de Bagby Jr., na qual o tradutor é mais visível, até pelo fato de o seu nome constar da capa do romance, o que não acontece com a tradução de Scott-Buccluech.

2. Na análise da etapa da macroestrutura observou-se que os textos de chegada estão em conformidade com o texto de partida, isto é, integrais e sem cortes. Também se verificou que a pontuação difere devido às regras específicas de marcação de diálogos no Brasil (texto de partida), na Inglaterra e nos EUA (textos de chegada). Outra constatação relevante foi

sobre o cuidado que o tradutor deve ter ao selecionar a fonte de seu texto de partida, que pode diferir dependendo de editora, ano, etc., quando possível. É notório que muitas vezes a própria editora entrega para o tradutor o exemplar a ser considerado na tradução, mas, como verificado nesta análise, quando se tratar de texto clássico, principalmente com muitas edições disponíveis, o tradutor deve tentar obter a melhor edição para subsidiar sua tradução.

3. Na análise da etapa da microestrutura descreveu-se como os marcadores culturais que envolvem relações sociais, quais sejam, paternalismo, formas de tratamento, refeições e expressões idiomáticas, foram traduzidos para o mundo anglo-americano, tarefa que foi totalmente concluída pelos dois tradutores, levando-se em consideração as características de cada um deles, sendo possível fazer as seguintes observações:

- Scott-Buccluch tende a ser um tradutor mais domesticador, que procura deixar o texto natural e fluido, sem utilizar paratextos ou qualquer outra forma de interferência no texto. Algumas vezes utilizou o procedimento de tradução de neutralização, em que traduziu o termo por um equivalente cultural na língua de chegada, outras vezes utilizou o procedimento de exclusão. Na maioria das vezes sua tradução foi literal, porém em algumas ocasiões optou por manter ou alterar a palavra para o português, o que de modo geral não trouxe prejuízo para o entendimento do texto. Um caso de possível equívoco/erro de tradução foi a sua tradução de azul por “*blue*”, indicando tristeza, quando a situação indicava alegria.

- Bagby Jr., ao contrário de Scott-Buccluch, tende a ser um tradutor mais estrangeirizador, que utiliza o auxílio de paratextos diversos, como a introdução, em que explica o enredo de *Iaiá Garcia*, e as notas de rodapé, as quais utiliza para justificar suas escolhas tradutórias e esclarecer alguma referência literária ou fato histórico contido na narrativa de Machado de Assis. Ele utilizou várias vezes o procedimento de tradução de transferência, mantendo a palavra na língua de partida, e incluindo uma nota de rodapé para explicá-la. Contudo, em diversos momentos, Bagby Jr. se mostrou um tradutor inconsistente, pois traduziu o mesmo termo em português por diferentes termos em inglês. Um caso de possível equívoco/erro de tradução foi quando traduziu servilidade por “*servitude*”, termo relacionado à falta de liberdade, escravidão, o que seria distinto de um trabalho quase servil, mas livre.

4. Na análise do contexto sistêmico, constatou-se que, apesar da notoriedade de Machado de Assis no Brasil, mesmo sendo um autor reconhecido pela crítica internacional, o alcance da sua obra no exterior (pela tradução) parece ainda se limitar ao ambiente acadêmico e de leitores interessados em literatura que não pertença ao circuito comercial, principalmente no caso de *Iaiá Garcia*, que não parece ter tido muita repercussão no exterior. No entanto, desde o centenário da morte de Machado de Assis comemorado em 2018, tem se percebido um

aumento de interesse no escritor pelo público estrangeiro, com a publicação de novas traduções e críticas em revistas de grande circulação internacional.

Com base nos dados expostos e nos exemplos abordados na dissertação, é possível concluir que Scott-Bucleuch tem um perfil de tradutor mais voltado para a invisibilidade. Seu texto é mais fluente e faz poucos comentários, e quando o faz, é somente para esclarecer algum fato histórico. Além disso, seu nome não aparece na capa da tradução para o inglês. A maioria de suas escolhas tradutórias, quando comparado com Bagby Jr., foi pela tradução literal. Já Bagby Jr. possui um perfil de tradutor mais visível. Ele utiliza notas de rodapé tanto para explicar escolhas tradutórias como para explicar fatos relevantes em sua opinião, e elaborou um prefácio explicando a obra e sua importância.

Em relação aos marcadores culturais, tanto Scott-Bucleuch como Bagby Jr. traduziram os termos da língua de partida para a língua de chegada, porém no que diz respeito ao efetivo entendimento das relações de favor e da crítica social feita por Machado de Assis, as traduções nem sempre atingiram esse objetivo. Mesmo Bagby Jr., que tende a ser um tradutor estrangeirizador, não conseguiu traduzir todos os aspectos do favor presentes nesses marcadores sociais. Os termos mais problemáticos, como “agregada” e “filha de criação”, foram traduzidos por palavras que não explicitavam as relações de dependência, e as notas de rodapé utilizadas por Bagby Jr. eram incompletas, pois somente explicavam o uso da palavra no Brasil, mas não tinha a explicação de quem utilizava aquele termo e por quê.

Assim sendo, como sugestão para análises futuras, dado que as duas traduções para o inglês existentes estão prestes a completar meio século, seria considerável a realização de uma nova tradução de *Iaiá Garcia*, com paratextos, mas não como os que Bagby Jr. elaborou. Considerando que o texto de *Iaiá Garcia* é simples, e lido na superfície, parece ser apenas uma história de amor, seria extremamente relevante a existência de paratextos que explicassem as relações mais profundas contidas nessa obra, que são as relações de dependência. Assim como muitas edições de textos de Machado de Assis na língua de partida contêm contexto histórico, glossários, explicações das referências feitas por Machado de Assis, seria interessante que as traduções em inglês também os tivessem. Além disso, também poder-se-ia realizar uma análise comparativa das duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* com o texto de partida em português, focando em outros aspectos relevantes, como o estilístico e o da recepção crítica das traduções. Em diversos trechos, por exemplo, quando um personagem fala na terceira pessoa, um tradutor mantém a escolha, já o outro altera a opção de Machado de Assis para a primeira pessoa. Por fim, dado que os quatro romances da primeira fase (*Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*) já possuem traduções para o inglês, seria importante uma análise

comparativa dessas traduções, tendo em vista que eles fazem parte de um período de Machado de Assis que é menosprezado por parte do público e da crítica, mas que têm relevância para o entendimento do que viria a ser o Machado de Assis, escritor realista, e, assim como *Iaiá Garcia*, devem ser bem expostos ao público internacional.

Gledson, em entrevista concedida para Guimarães (2020), reitera a relevância de as traduções serem fidedignas ao texto de Machado de Assis, com a utilização de notas explicativas e pesquisa sobre a época em que se passa a história. Sobre a importância de se entender o que está na história profunda de *Iaiá Garcia*, que são as relações de favor, Gledson (2013b, p. 16) afirma também que só entendeu Machado de Assis depois de compreender o papel de centralidade do favor descrito por Schwarz (2000). Como ele resume, esse conhecimento “foi o portão de entrada para o mundo de Machado”.

Conclui-se então que, apesar de as duas traduções terem sido publicadas na mesma época, na mesma língua, os diferentes perfis dos tradutores fazem com que seus textos de chegada sejam distintos, sendo o de Scott-Bucleuch, tradutor com tendências mais domesticadoras, publicado em 1976 no Reino Unido, mais fluente e com menos interferências, e o de Bagby Jr., tradutor com tendências mais estrangeirizadoras, menos fluido, com notas e termos mantidos na língua de partida. Ademais, ambas as traduções não conseguiram traduzir as relações de favor e dependência para o mundo anglo-americano, talvez porque esse não tivesse sido o objetivo delas. Apesar de o texto esclarecedor sobre as relações de favor de Roberto Schwarz ser contemporâneo às traduções (o livro *Ao vencedor as batatas* foi publicado em 1977), mesmo assim questões sociais implícitas em termos como “sinhá-moça” não foram explicitadas. O que se procurou provar com esta dissertação é que seria relevante esse viés de análise, e que os personagens retratados por Machado de Assis, apesar de serem somente o funcionário público Luís Garcia, sua filha Iaiá, o advogado Jorge, a viúva Valéria, no fundo eles representavam muito mais das relações sociais existentes na capital do Brasil Império.

REFERÊNCIAS

- ADOPTED. *In*: **CAMBRIDGE dictionary**, dicionário inglês. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/adopted>. Acesso em: 01 mar. 2021.
- ASSIS, Machado de. **Yayá Garcia**. Rio de Janeiro: G. Vianna & C. Editores; Typographia do Cruzeiro, 1878. Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4775>. Acesso em: 03 abr. 2019.
- ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1955.
- ASSIS, Machado de. **Helena/ Iaiá Garcia**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1968.
- ASSIS, Machado de. **Yayá Garcia**. Tradução de R. L. Scott-Buccluch. London: Peter Owen, 1976.
- ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. Tradução de Albert I. Bagby Jr. Lexington, KY: The University Press of Kentucky, 1977.
- ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. Romances e contos em hipertexto. Disponível em: http://machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/iaiaigarcia.htm. Acesso em: 20 jul. 2020.
- ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. *In*: _____. **Obra Completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. III. Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, 8 out. 1865. Disponível em: http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/107_128211801a2d496ca76d98609f0fe81f. Acesso em: 10 mar. 2020.
- ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. *In*: _____. **Obra Completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. III. Publicado originalmente em **O Novo Mundo**, 24 mar. 1873. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/109-noticia-da-atual-literatura-brasileira-instinto-de-nacionalidade>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1º sem. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- AUBERT, Francis Henrik; ZAVAGLIA, Adriana. Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida – as versões de *Sagarana* para o francês e para o norueguês. **TradTerm**, São Paulo, v. 9, p. 173-188, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49084>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo, v. 5, p. 23-36, 2006.
- BAGBY JR., Alberto. Machado de Assis no presente momento: 1975 a 1988. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 39-49, mar. 1989.

BAGBY Jr., Alberto. **Machado de Assis e seus primeiros romances**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

BAKER, Mona. Equivalence above word level. *In*: BAKER, Mona. **In Other Words: a coursebook in translation**. London; New York: Routledge. 1992.

BAKER, Mona. Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator. **Target**, v. 12, n. 2, p. 241-266. 2000.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990.

BASSNETT, Susan. From comparative literature to translation studies. *In*: _____. **Comparative literature**. Oxford, UK and Cambridge, USA: Blackwell, 1993. p. 136-168.

BASSNETT, Susan. The Translation Turn in Cultural Studies. *In*: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (Ed.). **Constructing Cultures: Essays on Literary Translation Topics in Translation**; 11. Multilingual Matters, 1998. p. 123-140.

BASSNETT, Susan. Pleasures of Rereading. *In*: _____. **Reflections on Translation**. Clevedon, North Somerset, UK: Multilingual Matters, 2011a. p. 110-113.

BASSNETT, Susan. The Value of Comparing Translations. *In*: _____. **Reflections on Translation**. Clevedon, North Somerset, UK: Multilingual Matters, 2011b. p. 126-129.

BAUBETA, Patrícia Anne Odber de. Modes of Address: Translation Strategies or The Black Hole. **Ilha do Desterro**, n. 28, p. 87-107, 1992.

BE THE PICTURE OF HEALTH. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/be-the-picture-of-health-innocence-etc>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português. Tradução de Karlheinz Barck e outros. **Fale/ UFMG**, Belo Horizonte, 2008.

BERMAN, Antoine. A retradução como espaço da tradução. Tradução de Clarissa Marini e Marie-Hélène C. Torres. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 261-268, maio-ago 2017.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa**, São Paulo: FFCL de Marília, n. 18/19, p. 339-381, 1972/1973.

BIOGRAFIA. Machado de Assis. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BLOOM, Harold. Yesod. Joaquim Maria Machado de Assis. *In*: _____. **Genius: A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds**. New York: Warner Books, 2002. p. 653-680.

- BLUE. In: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/blue>. Acesso em 27 jan. 2021.
- BOSI, Alfredo. O enigma do olhar. In: _____. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999. p. 7-72.
- BRASIL. **Lei de 11 de agosto de 1827**. Crêa dous Cursos de Sciencias Juridicas e Sociaes, um na cidade de S. Paulo e outro na de Olinda. Rio de Janeiro, 1827. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-11-08-1827.htm. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BRITTO, Paulo Henriques. O tradutor como mediador cultural. **Synergies Brésil**, n. spécial 2, p. 135-141, 2010.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRUNCH. In: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/brunch>. Acesso em: 10 maio. 2021.
- CAMARGOS, Marcia. À mesa em 1875. **O Estado de S. Paulo**, 22 jan. 2015. Caderno Paladar. Disponível em: <https://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,a-mesa-em-1875,10000008157>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? **Machadiana Eletrônica**, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan./jun. 2018.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p. 15-32.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CHESTERMAN, Andrew. The Name and Nature of Translator Studies. **Hermes – Journal of Language and Communication Studies**, n. 42, p. 13-22, 2009.
- COELHO NETTO. Suplemento Literário de *A Manhã*, v. II, p. 171, 1942.
- CONFIDANT. In: **MERRIAM-WEBSTER. Merriam-Webster**. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/confidant>. Acesso em: 24 jan. 2021.
- COSTA, Cynthia Beatrice. Nomes próprios em *Dom Casmurro*: opções de tradução em inglês e francês. **Scientia Traductionis**, n. 14, p. 140-15, 2013.
- COSTA, Cynthia Beatrice. **Dom Casmurro em inglês**: tradução e recepção de um clássico brasileiro. 2016. 390 f. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- COURTESY. In: **MERRIAM-WEBSTER. Merriam-Webster**. Disponível em:

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/courtesy>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CRESTANI, Jaison Luís. A materialidade da literatura: a inscrição do romance Iaiá Garcia no “Folhetim do Cruzeiro”. **Machado de Assis em linha**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 46-65, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-68212013000200005>. Acesso em: 28 ago. 2019.

DICTIONARY of Idioms. Great Britain: Chambers Harrap Publishers Ltd, 1996.

DICTIONARY Oxford Portuguese. Great Britain: Oxford University Press, 2015.

DOCTOR. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/doctor>. Acesso em: 10 maio 2021.

DON. *In*: LEXICO. Oxford. Disponível em: <https://www.lexico.com/definicao/don>. Acesso em: 14 mar. 2021.

DROWN. *In*: LEXICO. Oxford. Disponível em: <https://www.lexico.com/definicao/drown>. Acesso em: 27 jan. 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today**, v. 11, n. 1, 1990.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasiliense, 1974. v. 356.

FAVOUR. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/favour>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FISCHER, Luís Augusto. Nota sobre a edição. *In*: ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 7-10.

FITZ, Earl. The reception of Machado de Assis in the United States during the 1950s and 1960s. **Luso-Brazilian Review**, v. 46, n. 1, Edição Comemorativa do Centenário da Morte de Machado de Assis, p. 16-35, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25654807>. Acesso em: 22 ago. 2019.

FOREWORD. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/foreword>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FOSTER. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/foster>. Acesso em: 01 mar. 2021.

GALINDO, Caetano Waldrigues. Tradução e ficção. *In*: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. (Org.). **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo:

Editora Unesp Digital, 2015.

GENETTE, Gérard. Introduction to the Paratext. **New Literary History**, v. 22, n. 2, p. 261-272, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/469037>. Acesso em: 24 out. 2019.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de M. Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

GLEDSON, John. Interview with John Gledson. [Entrevista concedida a] Gustavo Althoff. **Scientia Traductionis**, n. 14, p. 232-246, 2013a. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n14p232>. Acesso em: 06 abr. 2020.

GLEDSON, John. Translating Machado de Assis/ Traduzindo Machado de Assis. FREITAS, Luana Ferreira de (Tradutora). **Scientia Traductionis**, n. 14, p. 6-63, 2013b. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2013n14p6>. Acesso em: 07 jul. 2020.

GLEDSON, John. Entrevista com John Gledson. [Entrevista concedida a] Hélio de Seixas Guimarães. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 13, n. 29, p. 109-122, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-6821202013298>. Acesso em: 06 abr. 2020.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19**. São Paulo: Nankin Editorial/Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Uma vocação em busca de línguas: notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis. **Luso-Brazilian Review**, v. 46, n. 1, Edição Comemorativa do Centenário da Morte de Machado de Assis, p. 36-44, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25654808>. Acesso em: 22 ago. 2019.

HATJE-FAGGION, Válmí. **Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa (seis romances em múltiplas traduções)**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

HATJE-FAGGION, Válmí. Tradutores de Machado de Assis: vozes na História da Tradução. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 53-70, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11454>. Acesso em: 29 ago. 2019.

HATJE-FAGGION, Válmí. Tradução de textos suplementares: a voz discursiva do tradutor em Machado de Assis e Milton Hatoum. **Revista Igarapé**, Porto Velho (RO), v. 12, n. 3, p. 4-29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/4819>. Acesso em: 01 out. 2020.

HERMANS, Theo. The Translator's Voice. **Target**, v. 8, n. 1, p. 23-48. 1996.

HOLMES, James. The name and nature of Translation Studies. *In*: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. London; New York: Routledge, 2000. p. 172-185.

INVERTED COMMAS. *In*: **LEXICO. Oxford**. Disponível em: <https://www.lexico.com/grammar/inverted-commas-quotation-marks>. Acesso em: 01 maio 2021.

JOHNSON, Harvey L. Reviewed work: *Iaiá Garcia*, by Albert I. Bagby, Jr. and Machado de Assis. **The South Central Bulletin**, v. 38, n. 3, p. 122, Autumn 1978. The Johns Hopkins University Press on behalf of The South Central Modern Language Association. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3188707>. Acesso em: 22 ago. 2019.

JORGE, Guilhermina. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. **Polifonia**, Lisboa, Edições Colibri, n. 4, p. 215-222, 2001.

KRAUSE, James R. A prestidigitação do tradutor: Robert L. Scott-Bucleuch como leitor não confiável de *Dom Casmurro*. **Machado de Assis Linha**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 62-81, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-682120158164>. Acesso em: 22 ago. 2019.

LANDERS, Clifford. E. **Literary Translation: A Practical Guide**. Clevedon, North Somerset, UK: Multilingual Matters, 2001.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On Describing Translations. *In*: HERMANS, T. (Ed.). **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. New York: Routledge, 1985. p. 42-53.

LAMBERT, José. Produção, tradição e importação: uma chave para a descrição da literatura e da literatura em tradução. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 35, nº especial 1, p. 44-55, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp1p44>. Acesso em: 17 fev. 2021.

LEÃO, Múcio. Autores e livros – Aluísio Azevedo. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1942. Suplemento Literário. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/066559/per066559_1942_00011.pdf. Acesso em: 04 out. 2019.

LEFEVERE, André. Translated Literature: Towards an Integrated Theory. **The Bulletin of the Midwest Modern Language Association**, v. 14, n. 1, p. 68-78, Spring 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1314871>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LEFEVERE, André. **Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. New York: The Modern Language Association of America, 1992.

LIMA, Robert. Review de *Iaiá Garcia* – trad. e pref. de Bagby Jr. **Library Journal**, p. 482-483, 15 Feb. 1978.

LIMA REIS, J. P. Visita nova à história antiga das horas de comer. **Alimentação Humana**, Portugal, v. 16, n. 1, p. 39-43, 2010. Disponível em: <http://www.spcna.pt/publicacoes/?imc=7n&fmo=pa&publicacao=21&edicao=72>. Acesso em: 24 fev. 2021.

LOOK. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/look>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MACNICOLL, Murray Graeme. *Iaiá Garcia* de J. M. Machado de Assis. **Revista Iberoamericana**, v. XLV, n. 108/109, p. 710-712, jul./dez. 1979. Disponível em:

<https://doi.org/10.5195/reviberoamer.1979.3422>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MACNICOLL, Murray Graeme. Machado de Assis in 1878. **Luso-Brazilian Review**, v. 19, n. 1, p. 31-38, Summer 1982. Published by: University of Wisconsin Press Stable. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3513471>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MARTINS, Helder. A crítica da tradução literária. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 4, p. 39-55, 01 jan. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5524>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MELO, Cimara Valim de. Mapping Brazilian Literature Translated into English. **Modern Languages Open**, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.124>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MISTRESS. *In*: **LEXICO. Oxford**. Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/mistress>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MOISÉS, Massaud. Nota preliminar. *In*: ASSIS, Machado de. **Helena/ Iaiá Garcia**. São Paulo: Cultrix, 1968. p. 175-177.

MOSER, Benjamin. *The Alienist*: The Colorless Bureaucrat Who Became One of Brazil's greatest, strangest writers. **The New Yorker**, July 9 & 16, p. 70-73, 2018.

MUNDAY, Jeremy. The Role of Archival and Manuscript Research in The Investigation of Translator Decision-Making. **Target**, v. 25, n. 1, p. 125-139, 2013.

MUNDAY, Jeremy. Using Primary Sources to Produce a Microhistory of Translation and Translators: Theoretical and Methodological Concerns. **Translator**, v. 20, n. 1, p. 64-80, 2014.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. 4. ed. London: Routledge, 2016.

NEVER-NEVER. *In*: MERRIAM-WEBSTER. Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/never-never>. Acesso em: 15 mar. 2021.

NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. New York: Prentice Hall International, 1988.

NIELSON, Rex P.; BROWNE, Jeremy. **The Machado de Assis Digital Corpus Project**, 21 October 2018. Disponível em: <http://machado.byu.edu/text/iaia-garcia/>. Acesso em: 30 maio. 2020.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

OFFER. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/offer>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PATAI, Daphne. Machado em inglês: em busca de um nicho de mercado. *In*: ANTUNES, Bendito; MOTTA, Sérgio Vicente (Org.). **Machado de Assis e a crítica internacional**. Editora UNESP, 2009. p. 209-229.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/155>. Acesso em: 06 nov. 2020.

RIBEIRO, João. **Frases feitas**: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios. 3. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de papel**: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Niterói, RJ: EDUFF, 1996.

RIGHT-HAND MAN. *In*: **MACMILLAN dictionary**. Macmillan Education Limited 2009-2021. Disponível em: <https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/right-hand-man>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens/Sobre os diferentes métodos de Tradução**, tradução de Margarete von Mühlen Poll. Sobre os diferentes métodos de tradução. *In*: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Antologia Bilingue, v. 1. Alemão Português. Werner Heidermann (Org.). Florianópolis: UFSC/Nuplitt, 2001, p. 25-87. Publicado in *Scientia Traductionis*, n. 9, p. 3-70, 2011.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *In*: _____. **Cultura e política**. São Paulo: Paz e Terra, 2009a. p. 59-83.

SCHWARZ, Roberto. Martinha vs. Lucrecia. *In*: ANTUNES, B.; MOTTA, S. V. **Machado de Assis e a crítica internacional**. São Paulo: Editora UNESP, 2009b. p. 17-32.

SCOTT-BUCCLEUCH, Robert L. *A bagaceira*. *In*: ROCHA, Daniel da Silva *et al.* **A tradução da grande obra literária (depoimentos)**. São Paulo: Álamo, 1982. p. 102-120.

SELF-SUPPORTING. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/self-supporting>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SERVILITY. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/servility>. Acesso em: 04 maio 2021.

SERVITUDE. *In*: **CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês**. Cambridge University Press. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/servitude>. Acesso em: 04 maio 2021.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza**. 6. ed. melhor. e acresc. [por] Agostinho de Mendonça Falcão. Lisboa (Portugal): Typ. de Antonio José da Rocha, 1858.

SMOTHER STH IN/WITH STH. *In*: CAMBRIDGE dictionary, dicionário inglês. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/smother-sth-in-with-sth>. Acesso em: 27 jan. 2021.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

STEYER, Fábio A. Panorama do Rio de Janeiro: alguns elementos para compreender o mundo de Machado de Assis. *In*: ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. Porto Alegre: L&PM, 2011a. p. 27-45.

STEYER, Fábio A. Relendo a fase romântica de Machado. *In*: ASSIS, Machado de **Iaiá Garcia**. Porto Alegre: L&PM, 2011b. p. 216-219.

THOMSON-DEVEAUX, Flora. Resenha de *The collected stories of Machado de Assis*, translated by Margaret Jull Costa and Robin Patterson. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 12, n. 28, p. 78-86, dez. 2019.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VANDERAUWERA, Ria. The Response to Translated Literature. *In*: HERMANS, T. (Ed.). **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. New York: St. Martins, 1985.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: History of Translation**. London; New York: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. Translations on the Market. **Words Without Borders**, fev. 2008. Disponível em: <https://www.wordswithoutborders.org/article/translations-on-the-market>. Acesso em: 11 mar. 2020.

XATARA, Cláudia Maria; RIVA, Huelinton C.; RIOS, Tatiana H. C. **Dicionário de expressões idiomáticas**. Português do Brasil e de Portugal – francês da França, da Bélgica e do Canadá. Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/busca.php>. Acesso em: 25 jan. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES DO TERMO

“FAVOR”

(continua)

Texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Peço-lhe o favor de vir falar-me hoje, de uma a duas horas da tarde. (p. 51)	Could you please come to see me between one and two o'clock this afternoon? (p. 9)	Please do me the favor of coming to see me today, between one and two in the afternoon. (p. 1)
Quem recorria a seu préstimo , era raro que não obtivesse favor . (p. 52)	Whoever turned to him for assistance was rarely disappointed . (p. 10)	Whoever called upon him for favours rarely went unrewarded . (p. 2)
Demais, que lhe poderia ele desejar, senão aquilo que a tornasse independente e lhe desse os meios de viver sem favor ? (p. 58)	Moreover, what else could he want for her if not that which made her independent and gave her the means to earn a living without begging favours ? (p. 18)	Furthermore, what could he desire for her if not that which would make her independent and self-supporting ? (p. 8)
Simples agregada ou protegida, não se julgava com direito a sonhar outra posição superior e independente; e, dado que fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que recusara, porque, a seus olhos, seria um favor , e a sua taça de gratidão estava cheia. (p. 76)	As a simple companion or ward she felt she had no right to aspire to a higher position of independence, and if this were to come within her reach one may justifiably affirm that she would refuse it on the grounds that it would be, in her eyes, a favour , and her cup of gratitude was already full. (p. 41)	As a simple addition or favored protégée, she did not consider herself as having the right to dream of some higher and more independent position; and even if it were possible to attain to such a position, we may venture to say that she would refuse, because in her eyes it would be a favor granted and her cup of gratitude was full. (p. 28)
O pai espreitava uma lágrima furtiva, um gesto disfarçado, qualquer cousa que falasse em favor de suas esperanças. (p. 85)	Her father glanced sideways hoping to see a hidden tear, some secret gesture or the slightest hint which might tend to confirm his hopes. (p. 52)	Her father was hoping to see a furtive tear, a feigned gesture, anything that might speak in favor of his hopes. (p. 36)
Depois do episódio da Tijuca, parecia-lhe aquele favor uma espécie de perdas e danos que a mãe de Jorge liberalmente lhe pagava, uma água virtuosa que lhe lavaria os lábios dos beijos que ela forcejava por extinguir, como lady Macbeth a sua mancha de sangue. <i>Out, damned spot!</i> Este era o seu conceito; esta era também a sua mágoa. (p. 97)	After the incident at Tijuca she looked upon this favour as a kind of damages paid liberally by Jorge's mother, a magic potion that would cleanse from her lips the kisses she strove to blot out like Lady Macbeth and her bloodstain - 'Out, damned spot.' (p. 68-69)	After the Tijuca episode, this favor seemed to her a sort of damages which Jorge's mother was liberally paying her, a cleansing water which would wash from her lips the kisses she was making an effort to extinguish, like Lady Macbeth with her bloodstain: "Out, damned spot!" That was her estimation of the situation; it was also her grief. (p. 48-49)
Um deles interessa-nos, porque recaiu em favor de Iaiá Garcia. (p. 107)	The widow had left few bequests, but one is of interest since the beneficiary was Yayá Garcia, and it was thus indirectly of assistance to Estela's husband. (p. 82)	The widow had left few bequests, one of them of interest to us because it favored Iaiá Garcia. (p. 58)
Logo depois de casado, propôs-me aceitar, em favor de minha filha, a parte com que a Sra. D.	Shortly after we were married she asked me to accept, on behalf of my daughter, Senhora Dona	Soon after we were married, she suggested that I accept on my daughter's behalf the portion

Texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Valéria lhe manifestara sua afeição. (p. 109)	Valeria's gracious gift to her. (p. 83)	Valéria had given her as a sign of affection. (p. 59-60)
A notícia do dote de Estela causara-lhe certo vexame; a notícia da doação pela moça em favor da enteada produzia-lhe agora um sentimento mesclado de admiração e despeito. (p. 109)	The news of Estela's dowry had caused him some embarrassment, and now the news of her making it over to her stepdaughter produced in him mixed feelings of admiration and contempt. (p. 84)	The news of Estela's dowry had caused him a certain embarrassment; the news of the gift made by the girl in behalf of her stepdaughter now produced in him a mixed feeling of admiration and resentment. (p. 60)
"Ilmo. Sr. Doutor. Papai está muito mal; pede-lhe o favor de vir a nossa casa. – Lina Garcia." (p. 120)	It was not long and simply said, 'Dear Sr Gomes, Father is very ill and would like you to come to see him. - Lina Garcia.' (p. 98)	"Dear Doctor: Daddy is very ill; he asks that you do him the favor of coming to our house. Lina Garcia." (p. 71)
Esse homem seco para todos, expansivo somente na família, abriu uma exceção em favor de Jorge; sem mostrar maneiras ruidosas, aliás incompatíveis com ele, era menos reservado, de mais fácil e continuado acesso. (p. 129)	This man who was always so reserved, who was expansive only in the family circle, had made an exception in Jorge's case ; without being demonstrative, which would be out of keeping with his nature, he became less reserved and more easily and frequently companionable. (p. 109-110)	This man, who was reserved with everyone and unrestrained only with his own family, had made an exception in favor of Jorge. Without displaying a lack of polish, which was, incidentally, incompatible with his nature, he was less reserved, more easily and consistently accessible. (p. 80)
Desde que entre os dous houvesse um segredo, e que esse segredo fosse descoberto ou suspeitado por mim, o senhor e ela eram os meus melhores aliados, e a resistência daquela menina, e a vontade do pai, tudo cedia em meu favor . (p. 144)	Since the two of you had a secret and that secret had been discovered or suspected by me, you and she would be my best allies. Everything would work in my favour to overcome resistance on the part of the girl and win the approval of the father. (p. 129)	If there were a secret between you, and if the secret was discovered or suspected by me, you and she would be my best allies and that girl's resistance and her father's wishes as well would work out favorably for me. (p. 95)
Mas o que o prendeu a Iaiá Garcia foi justamente a mediocridade do nascimento. Possuí-la era fazer-lhe um favor . (p. 146)	But what captivated him with Yayá Garcia was precisely her humble birth. To win her would be a favour . (p. 132)	But what held him to Iaiá Garcia was precisely her humble birth. To possess her was to do her a favor . (p. 97)
Jorge fingiu não atender ao gesto e ao tom do pai de Estela, e tratou de o converter à pontualidade, obra que começava a ser difícil, porque o Sr. Antunes entrava já nas conseqüências lógicas e naturais de uma longa dependência; preferia o favor ao trabalho, e os anos contribuíam para esse amor da inércia e do benefício gratuito. (p. 148)	Jorge let this pass without comment and tried to convince him of the need for punctuality. This was a difficult task because Sr Antunes was now facing the natural and logical consequences of a long period of dependence: he preferred receiving favours to working and the years had confirmed him in his taste for idleness. (p. 135)	Jorge pretended not to observe the gesture and tone of voice of Estela's father, and attempted to convert him to punctuality, a task which was beginning to become difficult, because Mr. Antunes was already beginning to experience the logical and natural consequences of a lengthy dependence. He preferred favours to work, and his age was contributing to his love of inertia and gratuitous favors. (p. 99)
Iaiá mandou-me há pouco o incluso bilhete. Peço-lhe o favor de uma explicação. (p. 201)	Two hours later Jorge wrote the following line to Luis Garcia's widow: 'I have just received the enclosed note from Yayá. Do you mind giving me an explanation.' (p. 200)	Iaiá sent me the enclosed envelope a while ago. I would appreciate an explanation. (p. 151)
Casamento, entre nós, era impossível, ainda que todos trabalhassem para ele; era impossível, sim, porque o	I could never have married him even though everyone had wanted me to. For me it was impossible because I considered it a favour	Marriage between us was impossible, even though everyone worked to that end. Yes, it was impossible because I would have

Texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
consideraria uma espécie de favor e eu tenho um grande respeito a minha própria condição. (p. 208)	and I have too much respect for myself. (p. 211)	considered it a type of favor and I hold myself in very high regard. (p. 159)

Fonte: Elaborado pela autora.

favor, s.m. (do Lat. favor)

1. Benevolencia gratuita de um superior disposto a fazer tudo o que póde agradar a um inferior.
- § A boa obra, que se faz sem obrigação de justiça, mas por beneficencia, e graça.
- § Auxilio, protecção, amparo, defesa (Lobo): *v.g. cartas de favor; fig. com o favor da noute se salvaram do inimigo.*
- § *Sentença a favor de alguem; ppor elle, concedendo-lhe o que demandava.*
- § *Em favor da nossa opinião; i.é, para a provar.*
- § *Favor que faz a dama; demonstraçoes de amor, e estimação: "conceder os ultimos favores" dar-se toda ao seu amor. Paiva, Cas. 5. Eufr. 3.2. B. Clar. c. 64.*
- § *Grangear o favor de alguem; i.é, a sua benevolencia, e protecção.*
- § V. Graça, syn.

“Diccionario de Lingua Portugueza”, 1858

Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Diccionario%20%206%C2%AA%20edicao,%20Tomo%20II,%20F-Z&pesq=&pagfis=11065>

**APÊNDICE B – QUADRO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES DO TERMO
“OBSÉQUIO” E SUAS DERIVAÇÕES**

(continua)

Texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Sr. Luís Garcia – Peça-lhe o favor de vir falar-me hoje, de uma a duas horas da tarde. Preciso de seus conselhos, e talvez de seus obséquios . – VALÉRIA (p. 51)	Could you please come to see me between one and two o'clock this afternoon? I need your advice and perhaps also your assistance . Valéria. (p. 9)	Please do me the favor of coming to see me today, between one and two in the afternoon. I need your advice, and perhaps some favours . Valéria. (p. 1)
Valéria Gomes era viúva de um desembargador honorário, falecido cerca de dois anos antes, a quem o pai de Luís Garcia devera alguns obséquios e a quem este prestara outros. (p. 59)	Valéria Gomes was the widow of an honorary High Court judge who had died some two years earlier; Luis Garcia's father had owed him certain favours which had been reciprocated. (p. 20)	Valéria Gomes was the widow of an appeals court judge who had died two years earlier and with whom Luís Garcia's father had exchanged some favours . (p. 11)
O obséquio que hoje exige de mim, quem sabe se mo não lançará em rosto um dia como ato de leviandade? (p. 62)	What you ask of me today as a favour who knows but that one day you will throw in my face as an act of irresponsibility.' (p. 23)	The favour you are now asking of me - who knows but that you may someday throw it in my face as an act of imprudence?" (p. 13)
Entre nisto, como eu mesma, disposto a vencê-lo e convencê-lo. Faz me este obséquio ? (p. 63)	Set yourself to the task with the same resolve I have to win him over and convince him. Will you do this for me? (p. 24)	Enter into this as I myself would, ready to convince and win him. Will you do me this favour ? (p. 14)
Cogitou, entretanto, e supôs que se tratava de algum obséquio que ela lhe ia encomendar. (p. 96)	On reflection, however, he supposed it must be some favour she was going to ask of him. (p. 66)	He contemplated it, though, and supposed that it concerned some favour she was going to ask him. (p. 47)
Era obséquio , e não lho pedia a viúva; prestava-o, e não se demorou muito em dizê-lo. Ao cabo de dez palavras, pediu-lhe licença para dotar Estela. (p. 96)	A favour it was, but not of the widow's asking: it was she who was granting it, and she came straight to the point in stating what it was. After a few introductory words she asked his permission to provide a dowry for Estela. (p. 66-67)	It was a favour , and the widow was not asking it of him; she was doing it for him, and didn't delay in telling him so. After ten words she asked his permission to give Estela a dowry. (p. 47)
A viúva tinha a verdadeira generosidade, que consiste menos em prestar o obséquio do que em dissimulá-lo; disse-lhe que, dotando Estela, cumpria um desejo do desembargador, e, sem esperar pelo necrológio que o Sr. Antunes provavelmente ia recitar, fez um longo e afetuoso inventário das qualidades da moça. (p. 96)	Hers was the true generosity which consists less in granting a favour than in concealing the fact; she told him that in providing Estela's dowry she was carrying out the wish of her late husband, and without waiting for the panegyric which Sr Antunes was probably about to recite, she gave a long and affectionate account of the girl's virtues. (p. 67)	The widow possessed that genuine kind of generosity which consists less in doing the favour than in disguising it; she told him that, in giving Estela a dowry, she was fulfilling a wish of the judge's and, without waiting for the elegy which Mr. Antunes Would probably have recited, she made a long and affectionate inventory of the girl's qualities. (p. 47)
Luís Garcia agradeceu-lhe o cuidado e o obséquio . (p. 104)	He thanked her for her help and kindness . (p. 77)	Luís Garcia thanked her for her care and kindness . (p. 55)
_ [...]Foi ela a primeira autora dessa transformação de minha vida, e em boa hora o foi, porque não me podia fazer maior obséquio . (p. 108)	[...] it is to her I owe this transformation in my life, which came at a time when she could have given no more badly needed gift . (p. 83)	"[...] She was the main cause of the change in my life, and it happened at such a good time. She couldn't have done me a greater favour . (p. 59)

Texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)	Tradução de Scott-Bucleuch (1976)	Tradução de Bagby Jr. (1977)
Requintou o obséquo , ocultando até a última hora a prova de ternura que desde alguns meses antes dera a minha mulher; tinha-a dotado, como deve saber... (p. 108)	And to cap it all she concealed the proof of her affection to my wife, which she had given some months earlier in providing her dowry, as you know ...' (p. 83)	She enhanced its value by hiding from me the token of affection she had shown my wife a few months before. She had given her a dowry, as you must know ..." (p. 59)
Jorge não comeu nada. Malgrado o prazer que achava em estar com ele, não quis aceitar-lhe o obséquo da ceia, apesar de lhe ter feito o do almoço. (p. 114)	Jorge ate nothing. Despite the pleasure of being with him Jorge refused his offer of dinner even though he himself had provided lunch. (p. 90)	Jorge ate nothing. Despite the pleasure he derived from being with Dias, he refused to accept the courtesy of the supper from him even though he had furnished his lunch. (p. 65)
– Seu pai foi amigo de meu pai – disse ele –; eu fui amigo de sua família; devo-lhe obséquios apreciáveis. (p. 121)	Our fathers were friends,' he said, 'and I have been a friend of your family, to whom I owe a great deal . (p. 99)	"Your father was a friend of my father's," he said. "I was a friend of your family's; I am much in your debt . (p. 72)
Não lhe negou um pouco de gratidão, quando viu os obséquios que prestara ao marido enfermo, com tanta solicitude, discrição e dignidade. (p. 125)	She did not deny him a certain amount of gratitude when she saw how solicitous, discreet and dignified he was in the attentions he paid to her sick husband. (p. 104)	She did not deny him gratitude when she saw the favours he had afforded her sick husband with so much solicitude, discretion, and dignity. (p. 76)
Procópio Dias agradeceu-lhe a simpatia e o obséquo , e saiu. (p. 147)	Procópio Dias thanked him for his kindness and hospitality and left. (p. 133)	Procópio Dias thanked him for sympathizing with his cause and for his approval , and left. (p. 98)
Era uma pequena casa de comércio, onde o Sr. Antunes, que entendia de escrituração mercantil, trabalhava desde algum tempo, graças ao obséquo de Jorge. (p. 148)	It was a small shop where Sr Antunes, who understood book-keeping, had been working for some time thanks to Jorge's good graces . (p. 134)	It was a small business concern where Mr. Antunes, who knew something about accounting, had been working for some time, thanks to Jorge's recommendation . (p. 99)
Mas fora desse acontecimento, que outro podia perturbar minha alma? Não vi nenhuma porta abrir-se-me por obséquo , nenhuma mão apertou a minha por simples condescendência. (p. 209)	But apart from this what else was there to upset me? I saw no door opened to me as a favour , no hand take mine through mere condescension. (p. 211)	"But with the exception of that event, what else could disturb my soul? I never saw doors opening for me as a favour ; no hand ever shook mine out of condescension. (p. 159)
Nem por isso era menos amigo de obsequiar . (p. 52)	Yet despite this he was always ready to help others . (p. 10)	But this did not keep him from rendering favours . (p. 2)
Obsequiava sem zelo, mas com eficácia, e tinha a particularidade de esquecer o benefício, antes que o beneficiado o esquecesse. (p. 52)	It might be given without enthusiasm but it would be effective; and Luis Garcia had the peculiarity of forgetting such services long before the recipient did. (p. 10)	He rendered assistance without zeal, but with efficacy, and it was in his nature to forget the benefit rendered before the recipient had done so. (p. 2)
Ceou primeiro, porque confessou haver adquirido esse costume, e Jorge não se demorou em obsequiá-lo . (p. 142)	He had supper first, admitting that he had acquired this habit, so Jorge hastened to provide it . (p. 126)	He ate first, confessing that he had acquired that custom, and Jorge was quick to oblige him . (p. 93)

Fonte: Elaborado pela autora.

obséquo, s.m. (do Lat. obsequium)

Obra, palavra com que cortez e urbanamente grangeamos a vontade de alguém, accommodando-nos a ella, no que lhe dizemos, ou fazemos; condescendencia.

§ + Favor, serviço; bom officio.

“Diccionario de Lingua Portuguesa”, 1858

Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Diccionario%20%206%C2%AA%20edicao,%20Tomo%20II,%20F-Z&pesq=&pagfis=11065>

**APÊNDICE C – FRASES REPRESENTATIVAS DO PATERNALISMO EM IAIÁ
GARCIA, DE ACORDO COM SCHWARZ (2000, p. 153)**

(continua)

<i>Iaiá Garcia, texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)</i>	<i>Yaya Garcia, tradução de Scott-Buccluch (1976)</i>	<i>Iaiá Garcia, tradução de Bagby Jr. (1977)</i>
– Seu pai foi amigo de meu pai – disse ele – eu fui amigo de sua família; devo-lhe obséquios apreciáveis. (p. 121)	Our fathers were friends,' he said, 'and I have been a friend of your family, to whom I owe a great deal. (p. 99)	"Your father was a friend of my father's," he said. "I was a friend of your family's; I am much in your debt. (p. 72)
Quem era ela para o afrontar assim? (p. 78)	Who was she to insult him like that? (p. 44)	Who was she to affront him this way? (p. 30)
Não havia entre ela e Luís Garcia relações assíduas ou estreitas; mas a viúva e seu finado marido sempre o tiveram em boa conta e o tratavam com muito carinho. (p. 59)	Although there was no close or constant relationship between her and Luis Garcia, the widow and her late husband had always thought highly of him and treated him with consideration. (p. 20)	There were not constant and close relations between Luis Garcia and the widow, but she and her deceased husband had always held him in high esteem and treated him with much affection. (p. 11)
— A mulher foi educada por minha mãe. (p. 119)	'His wife was brought up by my mother.' (p. 97)	"His wife was reared by my mother." (p. 70)
— Ele respeita-o muito. Respeitar não era o verbo pertinente; atender fora mais cabido, porque exprimia a verdadeira natureza das relações entre um e outro. (p. 62)	He respects you.' 'Respects' was hardly the correct term; 'listens to' would have been more appropriate since it expressed the true nature of the relationship between them. (p. 24)	"He respects you a great deal." "Respect" was not the right verb. "Listen to" would have been more appropriate because it expressed the true nature of the relations between the two of them. (p. 14)
Obsequiava sem zelo, mas com eficácia, e tinha a particularidade de esquecer o benefício, antes que o beneficiado o esquecesse. (p. 52)	It might be given without enthusiasm but it would be effective; and Luis Garcia had the peculiarity of forgetting such services long before the recipient did. (p. 10)	He rendered assistance without zeal, but with efficacy, and it was in his nature to forget the benefit rendered before the recipient had done so. (p. 2)
— O senhor é nosso amigo, explicou ela; seu pai também foi nosso amigo. Sabe que um e outro sempre nos mereceram muita consideração. Em todo caso, não quisera recorrer a outra pessoa. (p. 61)	You are a good friend of ours,' she said, 'as was your father too. You know that we have always had a very high regard for both of you. In any case there is no one else I would wish to turn to.' (p. 22)	"You are our friend," she explained; "your father was also our friend. You know that both you and he always enjoyed our respect. In any case, I would not wish to call upon anyone else." (p. 13)
Defunto o desembargador, Valéria recorrera duas ou três vezes aos serviços de Luís Garcia; contudo, era a primeira vez que o fazia com tamanha solenidade. (p. 59)	After the judge's death Valeria had once or twice turned to Luis Garcia for help; this, however, was the first time she had done so with such formality. (p. 20)	After the judge's death, Valéria had appealed to Luís Garcia two or three times for assistance; nevertheless, it was the first time she had done so with such formality. (p. 11)
Nem por isso era menos amigo de obsequiar. (p. 52)	Yet despite this he was always ready to help others. (p. 10)	But this did not keep him from rendering favors. (p. 2)

<i>Iaiá Garcia, texto de partida de Machado de Assis (1878/ 2011)</i>	<i>Yaya Garcia, tradução de Scott-Bucleuch (1976)</i>	<i>Iaiá Garcia, tradução de Bagby Jr. (1977)</i>
<p>— O que me pede é muito grave, disse ele; se o Dr. Jorge der algum peso a meus conselhos e seguir para a guerra, assumo uma porção de responsabilidade, que não só me há de gravar a consciência, como influirá para alterar nossas relações e diminuir talvez a amizade benévola que sempre achei nesta casa. (p. 61-62)</p>	<p>What you ask of me is a very serious matter,' he said. 'If Jorge heeds my advice and goes off to the war, I assume a share of the responsibility, which will not only be a burden on my conscience but will serve to affect our relationship, perhaps to the extent of diminishing the kindness and friendship I have always enjoyed in this house. (p. 23)</p>	<p>"What you ask of me is very serious," he said; "if Jorge gives some weight to my advice and goes to war, I assume a portion of the responsibility, which will not only put a burden on my conscience, but will also alter our relations and will perhaps diminish the warm friendship I have always enjoyed in this house. (p. 13)</p>
<p>Tratando a moça de perto, Luís Garcia havia já observado duas coisas: primeiro, o resguardo com que ela procedia; sem ostentar a intimidade de Valéria, nem cair nos ademanos da servilidade; depois um ar de tristeza, que era a sua feição habitual. (p. 104-105)</p>	<p>Observing the girl more closely Luis Garcia had noticed two things: first, her discreet behaviour, neither flaunting her intimacy with Valeria nor stooping to an affected servility; then there was her air of sadness, which seemed to be her habitual expression. (p. 78)</p>	<p>In dealing closely with the young woman, Luís Garcia had already noticed two things: first, the restraint with which she conducted herself, without parading Valéria's friendship or falling into the motions of servitude; then, an air of sadness, which was her usual mien. (p. 55)</p>